Discursos e Conferencias

EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA
PORTO
EDITORA

Antonio Candido

DISCURSOS

E

CONFERENCIAS

POR

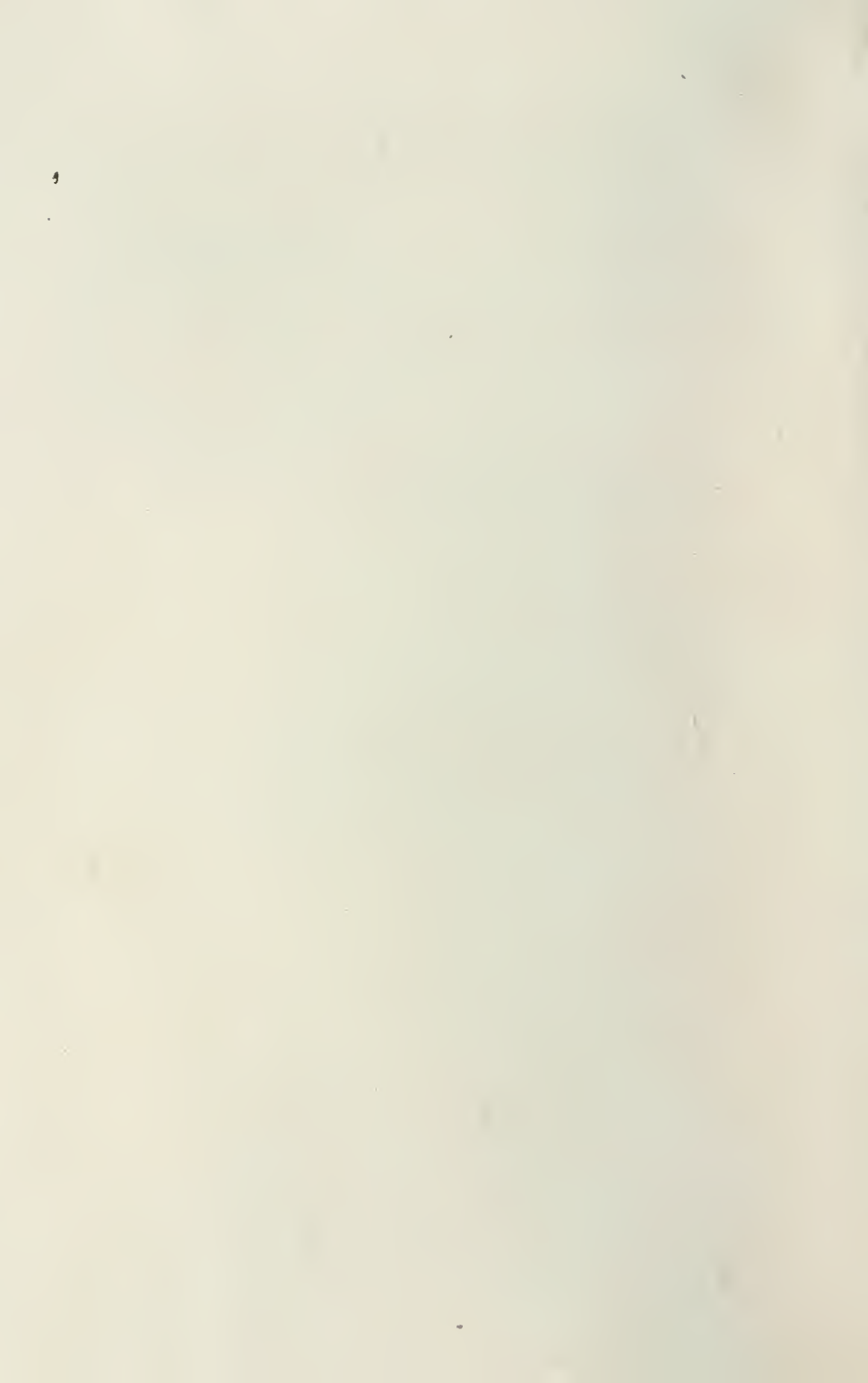
ANTONIO CANDIDO

PORTO
EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA — EDITORA
178, Rua de D. Pedro, 184

AO SNR.

DR. JOSÉ MONTEIRO DA SILVA

Dedicando este livro a V. Ex.ª, rendo a mais sincera homenagem a uma consciencia austera e a um coração elevado, puro e bom.

Antonio Candido.

INTRODUCÇÃO

PUBLICANDO este livro, sinto uma grande pena: é a de não poder refazer inteiramente todos os discursos que se incluem n'elle; não para lhes mudar o pensamento e a intenção moral, mas para dar maior desenvolvimento ás materias versadas em cada um, e aperfeiçoar o estylo, a forma, até onde me fosse possivel. O auctor d'um livro *escripto* pode alterar, corrigir a sua obra até ao ultimo momento; não tem a mesma faculdade o auctor d'um livro *fallado*, porque as suas palavras, desde que são pro-

feridas, constituem um acto consummado, de pleno effeito e responsabilidade definitiva.

Este volume reune varios discursos produzidos successivamente desde 1881 até 1889, e conservados (com excepção de poucos) pela tachygraphia e pelo *compte-rendu* dos jornaes, fornecido ou revisto por mim quando trasladava as minhas proprias palavras. Se não fosse isto ficariam perdidos, porque a minha preparação oratoria é quasi sempre mental, e confiada, não ao papel, mas á memoria, que tenho facil, prompta e segura. Pordoe-se-me o impudor d'esta vaidade; não o commetteria se a memoria entrasse, como elemento de valor, na graduação do merecimento intellectual. Não entra. Ninguem se julga diminuido, se a não tem; e até sei de alguns que possuindo-a, e em grau subido, a velam cuidadosamente e sonegam aos outros como se fôra um defeito...

Inseri n'esta publicação algumas orações pronunciadas na camara electiva, destacan-

do-as da collecção de *Discursos Parlamentares*, que brevemente sae a lume. Fiz isto por dois motivos: porque o assumpto d'essas orações é mais litterario do que politico; e porque, como actos da minha vida (é sob este aspecto que os estimo ainda), teem melhor cabimento aqui, n'este volume.

A que genero de eloquencia pertencem estes discursos? Não sei bem.

Proferidos em reuniões publicas, que foram realisadas em variados recintos e determinadas por motivos differentes, não podem ser classificados pela natureza do logar nem pelo genio do assumpto. Creio que a minha palavra foi muitas vezes solicitada como cousa *decorativa* (com pezar o confesso); mas tive sempre a intenção de fazer algum bem, servindo lealmente, com lisura, as inspirações da minha consciencia.

A eloquencia é verdadeiramente uma arte. Não considerando aqui as qualidades externas do orador, que são absolutamente imprescin-

diveis — é positivo que a eloquencia corresponde a uma faculdade intellectual e a um ideal esthetico, cuja existencia é necessaria para este especialissimo officio da palavra humana. Na improvisação, quando parece que o pensamento quebra e rejeita violentamente todos os moldes da tribuna; ahi mesmo, quando a voz troveja, quando a phrase fere e faisca centelhas vivas, quando a alma do orador domina absolutamente, com a omnipotencia do seu verbo, a multidão assombrada — a inspiração assume inconscientemente uma forma artistica, e o discurso fica depois n'uma crystallisação regular, retocada em trabalho subsequente, ou conservada sempre na sua primitiva impureza. As apostrophes de Mirabeau, a vehemencia torrentuosa e fulminante de O'Connell, os assaltos fulgurantissimos de José Estevão, a esplendida vibração subitanea de Pinheiro Chagas, ironica ou indignada, formam-se segundo typos de arte, preexistentes na alma d'elles; e, se esses extraordinarios movimentos não podem ser

prefigurados, e andar adstrictos a regras e preceitos, é certo que desenham sempre, na impressão produzida, uma traça superiormente harmoniosa, e accrescem ao thesouro da belleza humana, constituido de creações successivas. Nas orações de Bossuet, *o grande mestre incomparavel na arte de exprimir os altos pensamentos e as sublimes imagens,* como lhe chama Littré, sentem-se a cada momento, esmaecidos pela preparação fria, os tons vivos da improvisação que elle não pôde experimentar pelas especiaes condições da sua producção oratoria; raptos felicissimos da eloquencia de Mirabeau, que produziram a surpreza e o assombro na assembleia que teve a gloria de o escutar, foram meditados por elle, predispostos a esse effeito, graças a uma especie de previsão que não falta nunca aos grandes engenhos da tribuna.

É, pois, certo que a eloquencia é uma arte, e que, por isso, está subordinada á suprema lei que regula todas as manifestações da Esthetica.

Esta lei é a Moral.

Comprehendo mas não amo a *arte pela arte*. Pode um artista ser perfeito, admiravel, na execução da sua obra, e merecer á critica impessoal o louvor que deve conferir-se a quem realisou bellamente o plano ideal do seu trabalho; mas este plano ideal, estranho á jurisdicção do critico, pertence á apreciação do philosopho que não pode deixar de o aferir por um principio superior, em que estejam reflectidos os interesses concordantes do espirito e da civilisação. Parece que a orientação da arte moderna é toda para *nos forçar a pensar, a comprehender o sentido profundo e occulto dos acontecimentos*, segundo uma formula adoptada; e que o artista, inteiramente despreoccupado do *bello*—que não sente, nem quereria transmittir aos outros—só procura e serve a verdade positiva, demonstrada, evidente, do mundo e da vida. É certo que, n'esta ordem de idéas, pode fazer-se muita cousa boa e util; e que o talento e a originalidade, que são as principaes condições do exito n'este

genero, teem conseguido resultados apreciabilissimos na litteratura occidental. Mas isto muda, altera completamente os fins da arte, correlativos ás necessidades do espirito, que não são, não serão nunca de pura verdade apenas — considerando somente como *verdade* o que é conhecido, o que está verificado, o que a sciencia offerece (e quantas vezes se engana!) como materia prima ás officinas subalternas de todo o labor litterario; e, por outro lado, essa individualisação artistica, levada livremente aos extremos de cada temperamento, de cada maneira de ver e sentir as cousas — tanto no processo technico, o que é inevitavel, como no scopo ideal de cada obra —fomenta e aggrava a lamentavel anarchia em que já se encontra o espirito humano, desde que a sciencia se fez puramente analytica, e que na cupula do entendimento, onde o genio mystico da religião e da metaphisica esculpira os symbolos da unidade moral, foi tudo isso apagado e não pôde ainda ser substituido!

No vasto intervallo que nos separa da synthese que a philosophia hade construir, quando as sciencias particulares do mundo tenham alcançado a exactidão positiva a que se endereçam, a moral e a arte, conjunctas na intenção e na influencia, podem conciliar os homens pelo sentimento do dever, que é eterno e tem em si mesmo a rasão sufficiente da sua existencia, e pelo prospecto ideal das cousas da vida, que o genio comprehende, exprime, reveste de mil fórmas, combinando a rasão e a phantasia, e fabricando as suas obras na *realidade,* que é já grande, e na *illusão,* que é e será sempre immensa. *A arte tem de particular,* diz Taine, *o ser ao mesmo tempo* SUPERIOR *e* POPULAR, *manifestando o que ha de mais elevado nas cousas, e manifestando-o a todos;* é esta missão sublime a que lhe está hoje—hoje mais que nunca—assignada pelas condições mentaes e sociaes d'este fim de seculo, em que as altas especulações philosophicas são raras e pouco acreditadas; em que a intelligencia dos sabios se deixa absorver

pela paixão das cousas infinitamente pequenas; em que Deus já nem é sequer aquelle supremo architecto do universo a que o tinha promovido, honorariamente, a Encyclopedia do seculo XVIII; e em que de momento a momento vão caindo as palavras que tinham prestigio seguro e significação consoladora no ouvido e na alma das multidões!

Isto veio a proposito de eu ter dito que a eloquencia era uma arte, e que a lei suprema de toda a arte era a moral, isto é, a intenção de contribuir directamente para os fins elevados e uteis da nossa especie.

É claro que a eloquencia é uma arte especial, n'um sentido differente d'aquelle em que o são a poesia, a esculptura, a architectura, a pintura e a musica. Todas estas são destinadas á producção do bello, primariamente; a eloquencia dirige-se á intimação das verdades (religiosas, moraes ou politicas, etc.) que actuam na vontade humana; e, para que

essa intimação seja efficaz, é que o processo oratorio tem de ser, em muitos casos, eminentemente artistico.

Se dos melhores discursos d'um grande orador extrahirmos, para definições ou demonstrações rigorosas, tudo o que n'esses discursos se encerra, encontramos afinal bem pouco! Porque foi então bello, impressionador, decisivo algumas vezes o effeito d'esses discursos? Evidentemente porque a disposição habil (preparada ou improvisada) do discurso, o modo de dizer, a acção perfeita, o estylo proprio, a sinceridade evidente, a transfusão da alma do orador para a palavra e a communicação immediata da palavra, com tudo que ella tinha, á assembleia que a escutava — poderam produzir a vibração unisona do coração d'um com o coração de todos, e dar á tribuna, por algum tempo, as glorias do absoluto dominio!

Alexandre de Humboldt, já velho, contava entre as melhores fortunas da sua vida a de ter ouvido, na mesma noite, Pitt, Burke e

Sheridan, quando no parlamento inglez se discutia o assombroso processo de Warren Hastings[1]; e o grande sabio prussiano manifestava assim, não uma simples impressão intellectual como pode colher-se d'um bom livro, mas um sentimento esthetico vivissimo, inspirado pela grandeza descommunal, pelo genio tribunicio d'aquelles homens n'uma forma pessoal, poderosa, irresistivel!

Os discursos comprehendidos n'este volume não alcançaram nenhum dos grandes fins da eloquencia. Para que tivessem essa fortuna seriam precisas, em mim, faculdades, que me faltam, e condições externas, de *meio*, que nunca pude encontrar favoraveis a um tal ou qual engenho (mais vontade que talento), que por ventura a natureza me tenha dado. Não me refirirei aqui ás rasões que me fizeram descer da primeira tribuna que occu-

[1] Alexandre de Humboldt, pelo snr. Latino Coelho, pag. 85.

pei. Receio não saber exprimir, produzindo essas rasões, o profundo, amoravel respeito que tenho por aquella tribuna, onde, na minha mocidade, experimentei os gosos espirituaes mais intensos, e para a qual tantas vezes volvo ainda os olhos maguados, depois de perguntar a mim mesmo: por que não é ella como eu desejava que fôsse; ou por que não serei eu como ella exige que sejam os que podem aproveitar-se do seu prestigio, ainda hoje tão grande, apesar de diminuido do que foi?!...

A outra, a tribuna politica, deixei-a tambem... talvez para sempre. Estava sendo demasiadamente grande para as minhas ambições e extremamente pequena, até angustiosa, para os meus ideaes... Não sou luctador violento, por indole. Detesto a intriga, por orgulho. Não sou ambicioso, porque me conheço incompetente para quasi todas as cousas, e sei, além d'isso, que a vida falta quasi sempre ás suas melhores promessas. Sacrifico voluntariamente uma parte da mi-

nha liberdade á disciplina partidaria, mas não lhe sacrificaria nunca a consciencia e o coração; e este formidavel Moloch, este deus terrivel das religiões politicas, não se contenta com menos de tudo! Com uma antipathia dolorosa, invencivel, pela *habilidade,* quando ella não serve um alto pensamento de qualquer ordem, sinto-me atormentado se não vejo claramente a origem, o processo e o fim das cousas a que tenho de prender a minha responsabilidade individual. Exilado, pela meditação e pelo estudo, da região poetica em que me educaram a theologia e a metaphisica, fiquei, apesar d'isso, com uma grande susceptibilidade melindrosa, talvez doentia, para tudo que fere ou contradiz a dignidade humana, que aos meus olhos conservará sempre o prestigio que lhe dava o supposto facto de uma ascendencia divina, e alguma cousa do nimbo glorioso em que a envolveu o velho conceito absoluto da vida.

N'estas condições deixei essa tribuna, preferindo-lhe, emquanto o seu ambiente não

varia para melhor, a que o acaso me proporcionou algumas vezes, mais modesta mas mais livre — adequada, por isso, ao meu temperamento incorregivelmente idealista; e fil-o sem pena, intimamente compenetrado d'este pensamento de Vauvenargues: *On doit se consoler de n'avoir pas les grands talents, comme on se console de n'avoir pas les grandes places. On peut être au-dessus de l'un et de l'autre, par le cœur.*

Se fosse possivel pacificar o espirito humano, tam tragicamente agitado pelas contradicções da sciencia, e tam pendido para o lado mau das cousas... Creio que é. Mas sou muito pequeno, eu, para tentar, ainda n'uma esphera muito restricta, essa bella obra de salvação.

Refiro-me somente ao que se passa na consciencia culta; nas classes que formam a grande maioria social vive-se como se viveu sempre, um pouco melhor n'um sentido, um pouco peior n'outro. Os que escrevem e fal-

Iam avultando o *pessimismo* da existencia como facto universal, andam com a vista pervertida, e vêem somente o que podem ver, dado o ponto em que se collocam. Mas no mundo dos que pensam a amargura é evidente, a dôr é visivel; e em quanto Schopenhauer não fôr para onde está o doutor Pangloss, para a valla commum do esquecimento em que se perdem, a final, todos os systemas exagerados e falsos, a letra redonda exhalará o acre perfume insupportavel com que está estonteando, aturdindo muita gente de coração leve e de cabeça fraca.

A litteratura adoptou facilmente o novo programma de arte porque a bondade, a virtude, a felicidade e o gosto da vida estavam vistos, descriptos, tratados por todas as formas; e a tristeza das almas e das cousas, posta em relevo, aqui e alem, por alguns temperamentos insoffridos ou melancholicos era ainda um veio a explorar, longo e profundo. A região em que a litteratura se lançou não é infinita; não levará muito tempo que ella volte ao seu ponto de partida, trazendo para a

comprehensão completa do mundo e da vida a nota que lhe faltava, isto é, o sentimento da inferioridade humana, componente, não exclusivo do bem, na ordem real das cousas. Mas o que é mais grave, o que devasta e esterilisa profundamente, é a theoria do scepticismo intellectual, renovada mais uma vez— a doutrina da *illusão,* que acceita o erro como funcção normal do entendimento, e se compraz em ver, na historia da humana actividade, a mobilidade phantastica d'um mar de sombras, o esforço, sempre frustrado, contra o impossivel, uma addição de chimeras, a vaidade de tudo!

Acceita a moral, uma vez que a não explique; recommenda o dever, mas para se cumprir de olhos fechados, sem rasão, por mero instincto. É a metaphisica de Kant, trocada em phrases, para uso de toda a gente. A luz de Koenisberg levou um seculo para chegar a nós, n'esta forma...

No *criticismo* de Kant ha um erro fundamental. A critica da *rasão pura,* definitiva

como negação, é falsa como doutrina; a critica da *rasão pratica* é verdadeira em tudo. A ligação das duas n'um systema é uma das maiores faltas de logica que pode commetter-se. Não se percebe isto, e ahi andam pelo mundo as duas obras contradictorias, n'uma juncção monstruosa! Nega uma o que a outra affirma; intima esta a moral na forma de um mandamento sagrado, e, como na serenada de Mozart, sublinha-lhe aquella o preceito *imperativo* no tremolo d'uma ironia *deliciosa*... Deliciosa, sim, sob o ponto de vista litterario, e n'um ambito que não seja muito largo; porque, applicada a obras de grande tomo, é monotona, simples de mais, enfada ou adormenta o espirito. Compare-se Renan, nos seus trabalhos historicos, com Buckle, com Guisot, com Michelet, com Momsen, e veja-se como ao passo que n'aquelle se succedem invariavelmente as tintas esfumadas do mesmo pensamento, diluido por mil formas — nos outros a doutrina e a realidade se produzem n'uma intensidade brilhante, poderosa,

ou n'um pittoresco em que as pessoas resurgem com a sua carnação propria e as cousas apparecem com a forma, a côr e o movimento da vida! E Renan é o mais bello, o mais seductor dos homens que escrevem hoje. A sua prosa é uma maravilha de graça, de força velada, de harmonia perfeita; atravessam-n'a, em todos os sentidos, a vaga melancholia scismadora da sua raça de celta, a vibrante claridade do espirito francez, a fulguração intermittente do genio oriental que elle recebeu da Syria e da Judêa, a belleza simples, pura e grave que se lhe revelou na Acropole, a amargura intensa, tragica, de que se lhe impregnou o coração revivendo demoradamente os primeiros seculos do christianismo...

A moral é vã, é uma palavra sem sentido, se não tem um fundamento theorico em que assente. Como *dilletantismo* social ou litterario, não vale a pena professal-a. O capital da verdadeira dignidade forma-se, na maior parte dos casos, como o thesouro do avarento: com sacrificios, fadigas, e privações bem dolorosas...

Ha de soffrer-se tudo isto, se o bem se reduz a uma instituição meramente idolatrica?!

... *Le port juge ceux qui sont dans le vaisseau; mais où prendrons nous un point dans la morale?* A pergunta é de Pascal; e sabe-se como elle respondia... algumas vezes. O ponto fixo da moral, para este homem de genio, era a *revelação*, estava fora do mundo; desde que a *revelação* deixou de ser o criterio universal da consciencia para se redusir á *fé*, mais ou menos raciocinada, d'uma escola particular, aquelle ponto fixo, que Pascal exigia, foi procurado nos sete céus da metaphysica, cada qual mais vasto e mais solitario na sua immensa concavidade intangivel. Ficou á nossa organisação intellectual, da antiga phase theologica, o habito de rebuscar fora da natureza a theoria das cousas; como se, dado o facto irrecusavel da existencia de faculdades impessoaes na nossa especie, e do instincto do *bem*, tão primitivo e tão indiscutivel como o do *bello*, fosse preciso mais para fundar a doutrina da moral, absoluta na sua base, relativa e con-

dicional no tempo e no espaço! E a esta comprehensão natural das cousas nem sequer falta o aspecto ideal, inspirativo dos mais nobres sentimentos. Em vez de raiar do alto, como a luz das estrellas, sobe, eleva-se da terra, como a vaporação das plantas. É a unica differença.

Esta doutrina, a que devo a calma serenidade do meu espirito e a fortalesa com que o meu coração resiste aos assaltos da varia tentação que lhe vem de tanta parte, forma o fundo e a substancia das palavras reunidas n'este livro. Na minha rasão ha muita sensibilidade, o que é, de certo, grave defeito; mas é por isso que as ideias me penetram inteiramente, e que tenho sempre alguma facilidade em harmonisar os meus pensamentos e os meus actos.

Não ha na sciencia humana uma verdade, das que teem chegado ao meu conhecimento, que me desgoste da intelligencia ou da vida;

do mesmo modo que o conjuncto de todas não basta, não bastará nunca, para formar a *beatitude* mental, que a phantasia só pode sonhar n'outro mundo, porque a repelle o proprio genio activo, irrequieto, insaciavel da nossa naturesa.

De onde venho? Para onde vou, a final?... Não sei, completamente; mas o que sei dá *sentido* á vida, e fornece á minha meditação e ao meu sentimento assumpto que não seria exgottado em tres vezes a edade que podesse attingir um homem inteiramente são.

Tenho saudades do tempo em que a explicação de todas as cousas, incluindo as da origem e do fim do mundo, passava, sem o menor attrito, d'um grande e adorado livro para o meu pequeno cerebro, e em que tudo era claro no meu entendimento humilde, simples e passivo. A vida moral forma-se de convicções ou crenças sobrepostas, e é bem desgraçado aquelle que as renega impiedosamente, depois de as ter nutrido com o leite puro da sua fé... Mas, não podendo ficar

sempre na cosmogonia poetica de Moysés, é já alguma cousa encontrar feita, e n'uma probabilidade intensa, a hypothese de Laplace, e assistir ahi, quasi fora do tempo, á formação dos mundos e á origem da Terra! Ter o Sol por limite extremo, anterior, de toda a existencia vital compensa . . . de muita cousa perdida. Os que teem sondado os espaços sideraes voltaram de lá radiantes e assombrados, e affirmam que o *Infinito* existe. Acredito — eu que, de sciencia directa, pouco mais sei a esse respeito do que os velhos pastores da India, que foram os primeiros a observar e a estudar o ceu . . .

A historia, não a que é escripta por este ou por aquelle homem, mas a que está na solida e infallivel tradição humana, deu-me sempre a impressão d'uma obra regularmente feita, d'uma edificação positiva sujeita a leis determinadas ou determinaveis. O meu raciocinio sente-se seguro ahi como o meu corpo sobre a terra firme. Tenho a felicidade e o orgulho de pertencer a uma raça que fez a

maior parte da civilisação humana; á memoria das antigas raças extinctas sou amoravelmente agradecido pelo que produziram e pelo que nos legaram. Nunca pude pensar que sobre as gerações e os povos, que se teem succedido na terra, pairasse a ironia cruel do Ecclesiastes, repercutida funebremente pelos insensatos que pedem á sciencia e á vida mais do que ellas podem dar . . .

A democracia é o facto mais geral do nosso tempo. É a atmosphera que nos envolve e leva a todos, amigos ou inimigos d'ella. As suas formas politicas não são perfeitas, e parece-me que o seu genio resistirá ainda por muito tempo á construcção d'um regimen social definitivo e efficaz; o predominio cada vez maior do seu espirito, nivelando a superficie moral do mundo, fez desapparecer, mais depressa do que convinha, as desigualdades que davam a sensação material da grandeza e punham em relevo evidente o antigo ideal da vida. Mas é a mais ampla e generosa theoria do destino humano, e as suas formulas, embora deficien-

tes e anarchicas, representam longos seculos de trabalho, de lucta e de soffrimento. Até quando ella contraría a justiça, ou se insurge loucamente contra o que é inexpugnavel, não posso maldizel-a, e quasi sempre lhe perdôo!

A arte, a divina arte, não está hoje n'uma grande irradiação fecunda e gloriosa. As suas obras concretas, segundo os typos geraes da inspiração realisada, não brilham muito pela força e pela originalidade; mas, em compensação, o gosto diffunde-se a todas as classes, e ha um progresso sensivel na forma de muitos generos intellectuaes que pareciam avêssos a toda a influencia esthetica. Por outro lado é certo que a humanidade tem uma farta provisão de arte, com que pode sustentar-se bem ainda por alguns seculos estereis. Desde o symbolismo egypcio até aos nossos dias ha muito, de sobra, para educar as nossas almas, segundo o temperamento de cada uma; e no entretanto ir-se-ha formando a que será sentida pelas gerações futuras, fundada, mais que todas as outras, n'uma perfeita comprehensão

do ideal, de todo o ponto conforme á moral, á justiça e á dignidade humana . . .

Na minha edade pensa-se muitas vezes na morte. Começa-se a vêr que já se andou mais do que ha para andar, e procura-se na consciencia o pensamento com que se quer morrer. Eu já escolhi. Se, na derradeira hora, a consciencia me disser que não fui mau para os que estiveram perto do meu coração ou se encontraram alguma vez na pequena esphera intellectual do meu espirito, morrerei em paz.

Lisboa, fevereiro de 1890.

DISCURSO PROFERIDO EM 1881 NA CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS SUSTENTANDO QUE DEVIAM SER CONFERIDAS AS HONRAS DO RECINTO PARLAMENTAR AO DEPUTADO BRAZILEIRO JOAQUIM NABUCO.

ESTÁ n'uma das tribunas d'esta camara o illustre deputado brazileiro, sr. Joaquim Nabuco, orador eminente, chefe do partido abolicionista. Peço a v. ex.ª que consulte a camara sobre se permitte que, dispensando-se o regimento, elle seja convidado a entrar n'esta sala para assistir á presente sessão. *(Muitos apoiados)*.

Estava certo de que a camara acceitaria a minha proposta, a qual significa uma justa homenagem ao eloquentissimo tribuno que tem já um dos nomes mais sympathicos do

imperio, e ha de ter, no futuro, uma das mais brilhantes glorificações da sua historia. *(Apoiados.)*

A camara sabe honrar os principios nos homens que os representam superiormente; a camara comprehende o que ha de sublime e augusto nas grandes causas da civilisação, e por isso não podia menos que saudar respeitosamente o virtuoso cidadão que, com larguissimo dispendio de talento e de coragem, procura desfazer no seu paiz a macula mais hedionda que um povo póde ter em si: a macula da escravaria! *(Apoiados.)* A camara conhece e, o que é mais, sente as intimas relações que nos prendem ao imperio do Brazil, onde se falla a nossa formosa lingua; onde se commemora piedosamente a nossa heroica historia; *(Apoiados.)* onde as nossas grandezas têem o mais longo e fervoroso culto; *(Apoiados.)* onde mais sympathicamente echoam as nossas desgraças; *(Apoiados.)* onde muitos dos nossos concidadãos datam o periodo da sua elevação pela intelligencia e pelo trabalho;

onde o nosso espirito refloresce a cada momento, como o de um pae nas glorias e nas fortunas do filho muito amado; a camara conhece, sente tudo isto, e é, de certo, com supremo gosto que, pela primeira vez, excepciona os preceitos do seu regimento para dar as honras do recinto a quem tanto as merece pela sua procedencia e pelo seu destino — a quem vem ahi, com a sua presença, interessar e commover os sentimentos do nosso patriotismo e os nossos ideaes de humanidade. *(Muitos apoiados.)*

Não ha causa mais justa, não ha pensamento mais elevado, não ha missão mais benemerita do que a causa, o pensamento, a missão que exalçam e enaltecem a vida do illustre parlamentar que nos honra com a sua visita. *(Apoiados.)* Restituir a milhares de consciencias a soberania do seu pensamento; restituir a milhares de corações a dignidade dos seus affectos; garantir a milhões de braços a propriedade do seu trabalho; libertar uma raça inteira que tem direito a viver, a progredir,

a experimentar a lucta da existencia como a experimentam homens, e não como a provam e padecem as especies inferiores; *(Apoiados)* acabar, de vez, com o degradante espectaculo do interesse sobre a justiça, da força sobre o direito, de uma educação perversissima atrophiando cerebros para que não pensem, de uma oppressão brutal esmagando vontades para que não protestem, do azorrague infame retalhando as carnes de desgraçados, cuja vida é uma maldição sem termo e um martyrio sem nome: fazer isto é fazer uma grande obra, é realisar um altissimo destino, é subir pelo caminho da virtude ás eminencias da gloria, é ter reunidos os melhores titulos á mais profunda admiração e ao mais justo respeito humano. *(Muitos e repetidos apoiados.)*

Pro Christo sicut Christus — escreveu-se na sepultura de John Brown, martyr pela emancipação dos negros na America do Norte; os que na America do Sul continuam o seu pensamento podem orgulhar-se de pertencer á familia d'aquelle veneravel cidadão que sacri-

ficou á liberdade de uma raça o sangue de dois filhos e o seu proprio! *(Apoiados.)*

A nós, sr. presidente, povos de outra cultura, povos de outra civilisação, faz-nos bem levantar de quando em quando os olhos das pequenas questões que tantas vezes nos embaraçam e dividem sem rasão, e em que consumimos uma prodigiosa força de engenho e de coragem, que podia e devia ter mais legitimo emprego; faz-nos bem levantar os olhos de tudo isso, e fixal-os na heroica revolução que pretende, na presente hora, realisar este pensamento, o mais simples da philosophia mas o mais difficil e custoso da historia: a transformação de homens em cidadãos! *(Muitos apoiados.)*

Pedindo á camara que preste esta homenagem ao illustre deputado brazileiro, o sr. Joaquim Nabuco, aproveito o ensejo para formular um dos mais ardentes votos da minha alma: é o de que dentro em pouco tempo se conclua a sua grande obra, e elle tenha a felicidade de gosar a realidade do mais puro e

vehemente dos seus desejos — e que todos nós, meus senhores, vejamos levantarem-se e desfazerem-se os ultimos restos do escuro nevoeiro que pesa ainda sobre a America, sobre esse abençoado continente tão extensamente allumiado e aquecido já pelo sol da liberdade! *(Muitos apoiados.)*

VOZES: — Muito bem.

O sr. PRESIDENTE: — Em vista da manifestação da camara, creio que não é necessario consultal-a sobre o pedido do sr. Antonio Candido. *(Apoiados.)*

Convido portanto o sr. Antonio Candido e o sr. Julio de Vilhena a introduzirem na sala o sr. deputado brazileiro Joaquim Nabuco.

Foi introduzido na sala o sr. deputado brazileiro Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, que, dirigindo-se á mesa, comprimentou o sr. presidente, e em seguida occupou a cadeira que lhe foi destinada.

DISCURSO PROFERIDO EM 1881 NA CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS JUSTIFICANDO UM PEDIDO DE AUCTORISAÇÃO PARA O GOVERNO GASTAR ATÉ Á QUANTIA DE DEZ CONTOS DE REIS COM O MONUMENTO A ALEXANDRE HERCULANO.

Vou mandar para a mesa uma proposta, que espero ver acceita por toda a camara, sem distincção de partidos.

Sabe v. ex.ª que se projecta um monumento a Alexandre Herculano. Abriu-se, para esse effeito, uma subscripção nacional.

É perfeitamente devida, soberanamente justa essa homenagem ao grande homem que reformou a historia e a litteratura do nosso paiz, e ainda valia mais pelos primores do seu caracter do que pelas faculda-

des do seu privilegiadissimo talento. *(Muitos apoiados.)*

O que vae fazer-se é pagamento de uma divida sagrada e satisfação a uma verdadeira necessidade publica. *(Apoiados.)*

O glorioso historiador, o primoroso litterato, o trabalhador infatigavel, que consumiu na meditação e no estudo — no mais util estudo e na mais fecunda meditação — os melhores annos da sua vida; o heroico batalhador, que levou de vencida os erros e os preconceitos do seu tempo, e só se sentiu desalentado, e succumbiu, quando viu diante de si, não grandes e fortes convicções a combater, mas pequeninas intrigas, injurias, calumnias, umas cousas miseraveis que elle deveria ter esmagado com o seu desprezo, e nunca distinguido com a sua attenção; Alexandre Herculano tem todo o direito, tem plenissimo direito ao culto em que se transforma sempre o reconhecimento dos povos pelos grandes homens que os servem com o seu talento e com o seu trabalho.

D'esses grandes homens alguns, poucos, recebem dos seus contemporaneos a justiça que merecem; mas a muitos, a quasi todos, é só a posteridade que os vinga e premeia.

Humboldt, que teve as glorias de uma consideração universal; Voltaire, que viu honrada a sua velhice com a mais esplendida ovação; e Victor Hugo, que assistiu, ha pouco, a uma grande apotheose que, na sua propria phrase, foi *o ensaio geral das suas exequias*—são factos puramente excepcionaes. A regra geral é o desprezo em vida e a glorificação depois da morte.

Alexandre Herculano não foi um martyr da indifferença publica; mas a verdade é que a sua vida, cheia de trabalhos, foi-lhe largamente amargurada por serios desgostos e profundas desillusões. Ainda moço, combateram-n'o desabridamente todos os elementos reaccionarios do paiz; no ultimo quartel da vida, quando tinha direito ao goso feliz e descansado da sua gloria, não lhe faltaram as mais offensivas insinuações dirigidas pelas

novas escolas, em que abundam iconoclastas de toda a religião litteraria. *(Muitos apoiados.)* Com outro temperamento, Alexandre Herculano teria resistido a tudo isso; mas os homens são como são, e a verdade é que se resentiu dolorosamente de tanto desconhecimento dos seus serviços, de tamanha falta de consideração pelo seu genio e pela sua consciencia *(Apoiados.)*

O monumento que vae erigir-se a Alexandre Herculano tem portanto a justiça de uma perfeita compensação.

Mas a justiça é a mais fecunda de todas as virtudes humanas; um facto verdadeiramente justo é sempre positivamente util. Qualquer quantia gasta com essa homenagem ao preclaro historiador transformar-se-ha n'um capital importante para a civilisação moral do paiz. No conflicto das difficuldades que embaraçam a nossa existencia nacional, no meio das tristezas e desalentos do nosso viver collectivo, na fortuna, incerta e desigual, das nossas vehementes aspirações para um futuro me-

lhor—ha de fazer-nos bem contemplar sob todas as fórmas o vulto d'este homem, que foi, na sua existencia individual, a mais brilhante affirmação das qualidades que nos vão faltando: genio trabalhador, noção exacta da honra, verdadeiro amor da patria, comprehensão da vida humana como um destino elevado e serio. *(Apoiados.)*

É por estas considerações que não alongo porque seria superfluo, seria inutil desenvolvel-as; é por estas considerações que tomo a liberdade de propor que, do capitulo que se inscreve—*diversas obras*—se destine uma verba para a construcção do monumento ao nosso grande historiador.

N'essas diversas obras inclue-se a conservação dos monumentos publicos. É de toda a justiça que, da verba destinada á conservação dos monumentos nacionaes, se applique uma quantia para a homenagem glorificadora de quem melhor comprehendeu a significação dos nossos monumentos, e traduziu na mais formosa palavra a linguagem d'elles para tanta

gente indecifravel, e obstou, com eloquentissimos pregões, a que a ignorancia de particulares e corporações destruisse o que nos restava da nossa arte antiga. *(Muitos apoiados.)*

Aguardo a resposta da illustre commissão, e aguardo-a confiadamente porque reconheço a sua illustração e o seu patriotismo.

VOZES: — Muito bem, muito bem.

Leu-se na mesa a seguinte:

PROPOSTA

Proponho que d'este orçamento se destine uma verba para o monumento a Alexandre Herculano.—*Antonio Candido.*

Foi admittida.

O SR. MARIANNO DE CARVALHO: — Posso desde já declarar ao illustre deputado que a commissão do orçamento se associa plenamente ao pensamento de s. ex.ª, tão alto como o seu levantado espirito, tão generoso como o seu nobre coração.

A commissão, a quem s. ex.ª já tinha dado conhecimento da sua idéa e mostrado a moção, adhere ao seu pensamento, de accordo com o governo, sem augmentar a despeza do estado.

O sr. Antonio Candido:—Agradeço ao illustre relator da commissão do orçamento a prompta resposta affirmativa que se dignou dar-me, e não lhe agradeço as nobres palavras que me dirigiu porque s. ex.ª sabe que toda a minha gratidão lhe pertence já.

Applaudo-me a mim mesmo pela idéa que tive, e, antecipando-me ao juizo do paiz, felicito a camara porque, se interpreto bem os seus applausos, acaba de dar uma grande prova da sua dignidade e do seu civismo.

É conveniente que, de quando em quando, accidentemos a politica, que nem sempre representa devidamente o espirito do tempo e o aspecto da nação, com actos d'esta ordem, que não são determinados por inspirações

pouco dignas, nem suspeitos de paixões menos legitimas.

Nas actuaes condições da nossa sociedade é difficil apresentar uma idéa, em que se entendam desinteressadamente todas as consciencias, e um nome que mereça, sem contestação, as admirações e os respeitos de todos.

Eu enunciei aqui essa idéa e declinei esse nome. Felicito-me por isso, e repito os meus agradecimentos á camara pelo seu nobilissimo procedimento.

Vozes: — Muito bem.

RELAÇÕES DA POLITICA COM A INDUSTRIA

CONFERENCIA REALISADA NA EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA NA NOITE DE 1 DE MARÇO DE 1884.

MEUS SENHORES:

SOU muito obrigado a quem me convidou para esta conferencia. Apesar do melindroso estado da minha saude, não hesitei um momento. Homem do meu tempo, applaudo calorosamente todas as manifestações caracteristicas da vida moderna, e ponho de boa vontade, ao serviço d'ellas, a minha intelligencia e a minha palavra. Alem do que, amo esta cidade que é a patria do meu espirito, e gosto de lhe restituir, pela forma que me é possivel, o que re-

cebi nas lições dos meus mestres e na gentilissima communicação dos meus discipulos; e admiro-a muito, admiro-a sempre, não tanto pela singular belleza da sua paizagem, tam poetica e suggestiva, como pelo espirito da sua população laboriosa, irrequieta, instruida, aspiradora do melhor, professando o culto da escola, e sentindo e realisando magnificamente o principio da associação: estranho e potentissimo principio que, parecendo apenas uma somma de elementos, é verdadeiramente um assombroso multiplicador de forças!

Vindo depois dos illustres conferentes que foram convidados para as lições e floreios d'esta sympathica festa industrial, e que tanta utilidade e tamanho realce lhe deram, é, da minha parte, dever de justiça e acto de cortezia cumprimental-os com o louvor que merecem pela sua honrada intenção e pelo seu trabalho admiravel. E referindo-me aos oradores que, antes de mim, trouxeram aqui a ponderosa contribuição do seu talento e da sua palavra, não posso esquecer-me, n'este

momento, de que a primeira conferencia foi feita pelo meu desventurado e sabio amigo, o dr. Augusto Filippe Simões! Necessitava declinar este nome, que é uma grande gloria de Coimbra, cingido hoje n'um grande luto de todo o paiz! Precisava desafogar o sentimento que me produziu a perda d'este indefesso e intelligentissimo operario, perdido para a sciencia, para a arte, para a litteratura, para os exemplos do trabalho e para as edificações da moral, n'uma hora sinistra, escura!

Recordando a fatalidade que o arrebatou á nossa veneração e á nossa estima, acodem-me agora as palavras que um glorioso escriptor da França escreveu quando acabou, pela morte, o martyrio de Henri Heine — o maior poeta da Allemanha contemporanea depois de Goëthe, talvez o ultimo grande poeta da humanidade:

«Que immensa dor é ver um d'estes microcosmos, mais vastos que o mundo, apenas protegido pela estreita abobada do craneo,

quebrado, partido, aniquilado! Que lentas combinações ha de fazer a natureza para crear uma cabeça egual?!»

O thema da minha breve conferencia é este: *relações da politica com a industria.* Tendo a honra de encerrar estes estudos em que foram versadas, com a mais proficiente competencia, varias especialidades technicas representadas na Exposição, pareceu-me que devia eleger, para a ultima noite, um assumpto em que de algum modo avultasse o caracter social, eminentemente social, d'estes grandes certames da industria e do trabalho.

As relações da politica com a industria são multiplas, em muito ponto inextricaveis; mas, indusindo e generalisando, penso, meus senhores, que poderá reduzir-se tudo ás duas seguintes proposições:

A liberdade politica depende essencialmente do progresso industrial dos povos;

O Estado deve à industria attenções e ser-

viços de caracter positivo, ainda que de intensidade variavel.

O primeiro conceito exalta o trabalho á cathegoria de principal factor de toda a civilisação politica; o outro, o segundo, exhibe diante de nós, na sua forma precisa e simples, a maxima questão de hoje, que é a questão social.

Na serie ideal do desenvolvimento humano, a democracia é a phase mais perfeita; é a humanidade na posse intellectual e moral de si mesma, é o direito realisado no interesse de todos, é a justiça plena, a harmonia de tudo. Tendem para ella, em todo o espaço e em todo o tempo da historia, as instituições e os actos que lhe parecem mais oppostos: as velhas religiões crueis e sombrias, a metaphisica vã de todas as philosophias extinctas, os varios systemas politicos que se teem succedido na terra; e não ha nada tam bello como contemplar, n'uma justa visão das cousas, a direcção das correntes humanas, realmente parallelas, que veem a este resultado final, trazidas por uma vitalidade intrinseca

que, ou se chame *Providencia* ou se chame *Evolução,* é um facto irrecusavel e claro como a materia que se palpa e como a luz que se vê!

Mas se a emancipação progressiva da consciencia humana é devida a mil causas, incluindo as que, na apparencia, lhe são mais estranhas — é todavia certo que o desenvolvimento da industria é a principal de todas ellas. Como a nutrição é a base da vida organica individual, a industria é, na existencia social, a condição, o fundamento de tudo; e bastaria esta consideração, inspirada na mais perfeita analogia biologica, para ficar em toda a evidencia a relação estreita que o trabalho industrial tem com os progressos moraes da nossa especie.

Vico teve razão no lanço em que disse que o *homem se fez a si mesmo.* A historia e a paleontologia transformaram em axioma este conceito genial. A sciencia não tem uma verdade mais profundamente moral, mais edificante, mais commovente do que esta!

O homem creou a *cidade*, no significado etymologico d'este termo. Que maravilhosa creação! Produzir a familia, a moral, a sociedade e o direito, a philosophia e a arte, assombra, deslumbra como produzir constellações de mundos.

O sol valerá mais do que a ideia de justiça? Não. A materia de que se constitue o seu immenso e brilhantissimo corpo não é mais preciosa que a materia de que se faz a historia, especie de massa, consistente e maleavel, em que o genio do homem affeiçoa as imagens sensiveis do seu espirito, e fabríca incessantemente o transumpto fiel das suas obras!

Mas antes de alcançarmos a perfeição em que nos vemos e amamos, que immenso caminho andado! Desde o apparecimento do fogo na fricção casual de duas lascas de granito até ás modernissimas applicações da força expansiva do vapor; desde a habitação na cavidade das rochas até á fundação das cidades lacustres, e desde então até ás harmonio-

sas complicações da hodierna architectura; desde o vestido feito de folhas vegetaes, primeira protecção ao pudor da nossa especie, até aos preciosos estofos das civilisações ulteriores; desde os utensilios de silex até á edade de bronze, e desde esta edade até ao nosso tempo; desde a tatuagem até á pintura, e desde o hieroglypho até á imprensa; desde o dolmen celta até á basilica romana; desde a machada de pedra até á machina de Krupp; desde os esboços da esculptura incipiente até aos lavores admiraveis do pulpito de Sancta Cruz; n'esta chronologia immensa, n'esta lucta sem treguas, n'este trabalho de milhares de annos, em tanta persistencia, em tanta fadiga—que poema e que historia!

Supponha-se verdadeira a mythologia fabulada dos Gregos, dê-se realidade historica aos grandes personagens das suas ficções epicas, e ter-se-ha a impressão que merecem os maravilhosos trabalhos do homem, potentes como os de Hercules, ousados, sublimes como os de Prometheu!

No seu primeiro discurso pronunciado na Academia franceza, a eloquente voz de Renan exclamou:

«Ah! não posso soffrer que insultem o homem, esse ser votado a todas as dores, que, entre o gemido do nascimento e o gemido da agonia, achou meio de crear a arte, a sciencia e a virtude»!

Grandes palavras de justiça e de amor!

A historia do desenvolvimento humano não tem ainda uma lei positiva. Como hypothese, é acceitavel a theoria de Littré, talvez inspirada em Saint-Simon, segundo a qual aquelle desenvolvimento se realisa em quatro phases successivas, sendo a primeira a *industrial*. A industria é o antecedente obrigado de toda a educação especulativa; depois d'ella é que surgem as iniciações religiosas e civis; mais tarde, o sentimento do bello inspira as construcções e os poemas; por ultimo, vem a razão pôr a esta formosa fabrica o culmi-

nante remate das grandes generalisações da philosophia.

A industria é por tanto o alimento, a reparação, a força mantenedora das energias que constituem a razão e o sentimento humano. Estas formosissimas vegetações moraes vêem d'aquella raiz!

Não é de mero parallelismo, é de verdadeira causalidade a relação que ha entre a historia da industria e a historia da civilisação politica. Vê-se isto n'um simples lance de olhos pelo passado.

A antiguidade tem uma grande mancha, enorme, escurissima, que toma o Oriente, alastra-se na Grecia, conserva-se em Roma e, um pouco delida, vem ainda pela idade media dentro. Esta mancha é a escravidão. Não foi um crime; foi uma necessidade, e até, relativamente a estados anteriores, um verdadeiro progresso. Custa vêr, realmente, que houvesse escravos n'aquellas sociedades cultissimas, que tinham elevado a tão grande eminencia a educação intellectual e esthetica: onde a tuba

epica era assoprada por Homero e Virgilio; onde cantaram divinamente Sapho e Corinna; onde a philosophia tinha os altissimos ensinamentos de Platão e Aristoteles; onde a oratoria flammejava pela bocca de Demosthenes e corria limpida e perfeitissima dos labios de Cicero; onde Lucrecio mettia n'um poema toda a sabedoria do seu tempo; onde Eschylo e Terencio inundavam o proscenio d'uma luz inextinguivel! Custa vêr que houvesse escravos alli; mas as sciencias de applicação, a physica e a chimica, não existiam ainda, e o trabalho industrial necessitava legiões de operarios, milhões de braços votados a continua labutação, para que as aulas de Athenas e de Roma e os espaços da Agora e do Forum repercutissem sonoramente as grandes palavras da sciencia e da politica!

A servidão na edade media é uma consequencia do atrazo industrial d'aquelles seculos; e tanto isto é verdade que, apenas a industria e o commercio se fortalecem um pouco, inicia-se logo um movimento novo,

o trabalho organisa-se em corporações, e a communa, especie de cellula embryogenica da democracia, irrompe triumphantemente das decomposições do feudalismo e das prostrações do sacerdocio!

Desde a renascença, mas principalmente desde o seculo XVIII, cada descobrimento scientifico, cada applicação util, traduzida pela mechanica, faz logo subir, em todas as classes, em todos os paizes, em toda a parte, o nivel moral feito de justiça e de responsabilidade. Como prova cito sómente a revolução produzida pelo telegrapho electro-magnetico, a que Stuart Mill chama, com razão, a mais maravilhosa das invenções modernas.

Antiparos, o poeta Grego, em formosissimos versos felicita a mulher e o escravo, pela invenção do moinho d'agua, vinda do Oriente; este, por não ter já necessidade de se levantar alta noite, aquella porque as naiades vêem substituil-a no gyro pesado e custoso das rodas. Iguaes hymnos de redempção canta a alma humana a cada victoria da in-

dustria, a cada advento d'um progresso economico, a cada creação util da sciencia, que só nos não parecem sublimes por serem tão frequentes, tão repetidas como são...

Laveleye, n'um estudo sobre o *Regimen Parlamentar e a Democracia,* querendo reforçar o vaticinio de Tocqueville sobre o futuro certo da politica liberal, affirma que a principal causa que lhe assegura o triumpho é a applicação da sciencia e da mechanica á industria.

Inspira-lhe esta convicção a infinita differença numerica entre os que liam na antiguidade e na edade media, quando este prazer era privilegio do philosopho ou do patricio que desenrolavam, em bibliothecas de marmore, raros papyros, e dos monges que só possuiam alguns manuscriptos—e os que lêem hoje, graças á imprensa que leva a toda a parte, esta sancta mensageira da luz! o jornal e o livro. Inspira-lh'a ainda a locomotiva, que arranca o operario do seu domicilio, onde primeiro vivia sempre, *especie de mollus-*

co fixado no seu rochedo, e o leva facilmente a todos os centros, ás grandes capitaes, onde queira apprender e educar-se. Inspira-lh'a tambem a acção niveladora das fabricas de tecidos, que, produzindo por baixo preço estofos de toda a ordem, põe a mais completa semelhança no trage d'um pobre artista e no vestido do mais opulento gentilhomem, separados, ha ainda pouco tempo, por uma distancia invencivel de sedas, rendas, veludos e pedrarias!

O beneficio da policia moderna em relação á segurança publica, e o da economia do tempo realisado por diversas machinas, que permitte ao operario educar-se e instruir-se; a differença intellectual entre os artistas da cidade e os trabalhadores do campo presos á terra de sol a sol, por causa do atrazo e do abandono em que a agricultura se acha em toda a parte; a agitação vital, febril dos grandes centros industriaes, Birmingham, Manchester, Lyon, Marselha, Barcelona, Nova-York — significam eloquentemente que a in-

dustria moderna leva, cada vez mais, á consciencia humana a illuminação do direito e o sentimento da justiça.

É grande, é enorme a salutar influencia que a industria exerce na politica, isto é, no progresso humano considerado sob o aspecto da liberdade, da ordem e do bem estar geral; mas é preciso, meus senhores, não a exagerar.

Como fim absoluto, como destino de toda a acção humana, a industria não serve, não basta. Não se vive só de pão; o espirito tem direitos inalienaveis; a arte, a sciencia e a moral são meios e fins, egualmente imprescritiveis, da cultura individual e da civilisação collectiva. Como as plantas carecem do solo para ahi mergulharem a raiz e da atmosphera para respirarem e se aquecerem, o homem precisa da terra e do ceu, de se nutrir e de se elevar, de se desenvolver amplamente e harmonicamente na sua dupla qualidade de animal e de anjo!

Resumir na industria a vida humana, referir-lhe tudo, dar-lhe a preeminencia entre as mil applicações do pensamento e da vontade, com sacrificio do genio, da poesia, do heroismo, da virtude, de todas as grandes faculdades que assignalam e esmaltam a parte mais nobre da historia, e deram á nossa especie a consciencia da sua grandeza e o desvanecimento da sua legitima vaidade, seria erro grave — tam grave como o outro de relegar para a ultima cathegoria a funcção do trabalho em nome de um ascetismo religioso, que não é d'este tempo, ou d'uma aristocracia intellectual, que não pode arvorar-se em regra, e nem já como excepção pode admittir-se.

A abnegação individual, o desprendimento de certos interesses, a preferencia dada ás cousas espirituaes, ficam admiravelmente em alguns caracteres, e, exemplicando o altruismo humano, educam moralmente as sociedades. Mas se estes casos particulares se generalisassem em norma da vida, se a moral dos

contemplativos e dos idealistas se volvesse em lei e costume de toda a gente, o progresso social seria impossivel, atrophiar-se-ia uma parte do organismo humano, e, à variedade das energias e das obras, que é a grande belleza da nossa historia, succederia a morbida estagnação da alma oriental, esteril e infecta como o mar-morto!

Estando liquidado que a industria é, no conjuncto das instituições humanas, a primeira, a fundamental de todas, surge naturalmente esta interrogação:

Qual deve ser para a industria a attitude do Estado, ou, n'outros termos, o dever e o encargo dos governos?

Enorme questão! Não lhe farei a historia. Teria de recorrer os grandes periodos da civilisação occidental; teria de apresentar aqui os maximos sonhadores de chimeras sociaes desde Platão até Augusto Comte; teria de resumir as ensanguentadas contendas que

vêem desde a questão agraria de Roma até á questão agraria da Irlanda; teria de perderme e perder-vos no labyrintho de escolas que, a partir do seculo XVIII, apparecem e desapparecem na França, na Inglaterra, na Allemanha, nos Estados-Unidos, especie de quadros dissolventes que têem entretido, e enthusiasmado ás vezes, a grande plateia humana.

Reduz-se o problema a uma lucta sem tregoas entre o capital e o trabalho, que estão intima e indestructivelmente ligados na industria. Têem interesses oppostos que cumpre harmonisar. Pede o trabalho, em nome da justiça, maior remuneração. O capital, obcecado pelo proprio interesse, concede o menos que póde.

Essa lucta, que vem de eras remotas, parecendo hoje mais simples, é mais intensa. Ha dois estimulos que se reforçam mutuamente, e que impellem com ardor os combatentes:

Tem um a sua séde na cabeça, e chama-

se justiça; tem outro a sua origem no ventre, e chama-se fome!

As escholas interessadas n'este prelio podem reduzir-se a duas: a dos *economistas*, que descreve as leis da evolução economica, julgando-as naturaes, e canta o optimismo das cousas, sómente perceptivel por ella, como só pelo ouvido de Platão era audivel a harmonia das espheras; e a dos *socialistas*, que nega a authenticidade d'essas leis, e reclama para todos os phenomenos industriaes a acção da moral e do direito coercitivo.

Os socialistas fallam a linguagem piedosa do soffrimento, ou empregam o estylo terso e inflammado das terriveis reivindicações; e, contra a resistencia burgueza que lhes é opposta, despedem o genio fogoso de Lasalle, a mais sympathica physionomia de agitador que tem este seculo, empregam a concentração scientifica e a expansão revolucionaria de Karl Marx, vibram a logica de Proudhon, cortante como as espadas de Toledo e pesada como a clava d'Hercules, e, ultimamente, fór-

mam e disciplinam essa legião de professores e estadistas que theorizam, sustentam e começam já a realisar a nova doutrina do *socialismo do Estado!*

A eschola dos economistas, desde Stuart Mill, vai cedendo na sua intransigencia. Não ha hoje no mundo scientifico um homem de auctoridade que acceite, sem as modificar, as doutrinas de Bastiat. E cito este de preferencia porque foi quem, imprimindo ás doutrinas d'essa escola o caracter simplista do genio francez, deixou em mais crua evidencia os defeitos e os erros do individualismo economico.

O socialismo cooperativo, primeira fórma positiva que, por este lado, o problema revestira, caiu deante da incompetencia dos operarios para gerir as associações, e da impossibilidade de federar estas de modo que formassem *um corpo unico, organizado e docil* — falhando assim as previsões de Littré, feitas em 1870.

Foi n'estas circumstancias que os *socialistas cathedraticos,* muito conservadores para

quererem a constante ameaça da grève, muito positivos para sonharem remodelações auctoritarias da sociedade, muito practicos para poderem contentar-se com o optimismo insufficiente dos economistas; foi n'estas circumstancias que elles formularam a theoria de que o Estado deve intervir, cada vez mais directamente, no modo de ser das instituições industriaes; não para violentar a liberdade individual, o que seria um crime: mas para dar ao progresso social a impulsão que fôr justa, e para proteger, nos conflictos da propriedade e do trabalho, o bem publico—o qual só é possivel quando o antagonismo cruento das paixões se transforma na pacifica emulação dos interesses dentro da grande e civilisadora comprehensão da solidariedade humana!

A esta doutrina está reservada a grande gloria d'uma solução, ao mesmo tempo racional e conservadora. Já foi acceite por quasi todas as escholas politicas europeas, e isto argumenta em favor da sua verdade e da sua conveniencia. Bismark adopta-a nos projectos,

apresentados ao parlamento allemão, de adjudicação para o Estado de todos os caminhos de ferro e da creação d'uma caixa geral de soccorros para os trabalhadores invalidos. Estão filiados n'ella Freycinet e o grande amigo de Gambetta, Spuller, que por occasião do inquerito sobre o proletariado francez, motivado pela agitação dos trapeiros de Paris, proferiu no parlamento as seguintes notabilissimas palavras, dignas d'um verdadeiro homem de Estado, e que valem um bom programma de governo:

«Este inquerito ha de ser principiado e continuado n'um espirito profundamente social; e, como não tenho medo de palavras, aqui nem em parte alguma, accrescentarei — *n'um espirito profundamente socialista.* Não que eu queira retrogradar a respeito da questão social, e servir-me da palavra *socialismo* com a accepção desnaturada e ameaçadora que elle tinha ha quarenta ou trinta annos. Graças ás liberdades publicas de que nós gozamos, graças á diffusão da instrucção geral e ao pro-

gresso de todas as classes, as antigas theorias socialistas, obscuras e confusas, cederam o logar, como póde verificar toda a gente, a opiniões mais conformes aos elementos da sciencia economica, e mais em relação com as necessidades de ordem, de trabalho, de previdencia social, que tão evidentemente distinguem a nossa democracia.»

Em Hespanha Moret, grande orador e economista eminente, lançou as primeiras bases de uma administração ligeiramente socialista, que poderá mais contra as perturbações do genero das da *mão negra* do que a acção policial, tão apparatosamente empregada pelo governo de Affonso XII.

Entre nós este pensamento, auctorisado por tão notaveis estadistas allemães, francezes e hespanhoes, tem já foros de acceitação official, graças á iniciativa de dois ministros distinctissimos: um progressista, que a morte ceifou na plena maturação do seu grande talento; outro regenerador, de cuja intelligencia robusta e muito saber o paiz tem direito a

esperar grandes beneficios. Augusto Saraiva de Carvalho propoz a regulamentação do trabalho das creanças nas fabricas; Antonio Augusto d'Aguiar providenciou para que o Estado mande aos grandes centros extrangeiros, e mantenha alli, industriaes que estudem e importem para Portugal os melhores processos technicos.

É certo que tendem a apertar-se cada vez mais as relações da politica com a industria. O que é bom, o que é excellente. Isto representa um triumpho assignalado do espirito positivo do nosso tempo, porque este espirito é inimigo da revolução, e a nova phase politico-social evita-a, desarma-a. Por outro lado, a politica, tornada mais comprehensiva, transformada pela adopção d'um novo objectivo, em que incidem naturalmente os maiores interesses actuaes, levanta-se do descredito em que caiu, deixa de ser uma profissão que não seduz os melhores espiritos, para se volver

no destino mais honesto, mais util, mais digno que a si mesma póde impor-se a mais exigente e bem temperada consciencia.

A maioria dos pensadores suppõe que existem actualmente, na sciencia e no mundo, duas magnas questões: a *politica* e a *social*.

Não é verdade. Só a segunda é actual e viva.

A questão politica, nos termos em que a Revolução Franceza a apresentou, está desde muito resolvida pela penna dos publicistas, pela palavra dos parlamentares, e tambem pela guerra, que é muitas vezes o supremo e mais efficaz argumento da logica humana. Ha muito tempo que para os povos latinos a liberdade é um facto definitivamente adquirido. A tyrannia não existe fóra do repertorio dos melodramas e dos libretos das operas comicas. Augusto Comte, n'um d'aquelles preciosissimos conceitos, em que ficou para sempre crystallisado o seu genio, já no seu tempo dizia que o grande perigo pos-

sivel para as sociedades modernas era, não o despotismo, mas a anarchia.

Todos os povos civilisados têem constituições liberaes. As monarchias representativas e os regimes republicanos abrem, com pouca differença, o mesmo espaço amplissimo ao exercicio dos direitos do cidadão. Discutem-se fórmas secundarias, propõem-se pequenas modificações ao que existe, redigem-se programmas inspirados de escholas insignificantes. A contradicção dos partidos vae entretendo, como póde, o calor artificial das modernas luctas politicas. Mas a paixão partidaria, que dividia e inflammava os nossos avós, desappareceu, não existe. E, onde apparece alguma cousa semelhante, é porque um elemento extranho vem substituir o antigo combustivel da fé e do enthusiasmo popular. Na França é a questão nacional, a da desforra contra a Allemanha; na Inglaterra é a preoccupação da Irlanda, a miseranda victima, mil vezes sympathica; na Italia, o grande e antigo sentimento da unidade da patria, que

não está ainda satisfeito; na Hespanha, e recentemente, a ambição calorosa, insoffrida, como todas que abrem ao sol da peninsula, de se constituir nação de primeira ordem pelo augmento territorial nas colonias, e... talvez no continente!

A estatura dos homens politicos desce em toda a parte: prova indirecta de que não são actuaes, nem muito importantes, as causas que elles personificam. Cada grande causa social tem sempre, pelo menos, um homem da sua altura. Gambetta é do nosso tempo e foi enorme; mas o grande cidadão fez-se, elevou-se mais na paixão nacional da integridade da patria que na contenda das fórmas do governo. Quem herdou, na Italia, o talento e a sagacidade de Cavour? Quem ha de receber, na Allemanha, a penna de ferro do Chanceller, quando a morte paralysar aquelle portentoso cerebro que tem dado leis á Europa?

A questão politica é, pois, uma questão resolvida; seria uma questão morta, se não viesse um novo elemento augmentar a sua

comprehensão, trazendo para dentro d'ella a sinceridade, o ardor, a fé, a paixão que se tem prodigalisado, na discussão dos problemas economicos, fóra do Estado e quasi sempre em odio a elle.

Diz-se em toda a parte: o povo é indifferente á acção parlamentar, não se interessa nas luctas politicas. De certo. Em quanto aquella acção e estas luctas tiverem por fundamento (ás vezes só por pretexto) velhas theses constitucionaes que elle não comprehende—que póde movel-o? Mas ha de movel-o, mas ha de apaixonal-o a nova phase que se prepara, nas escholas e nos gabinetes, quando a par dos assumptos politicos, que têem valor, se considerarem e discutirem a protecção devida ás industrias, que uma falsa noção de liberdade commercial tantas vezes desampara e sacrifica; a hygiene das fabricas e os regulamentos do seu trabalho; a assistencia aos miseraveis, que não têem pão nem lar; uma nova comprehensão do imposto, que não pese, até a esmagar, sobre a propriedade

menos productiva, e outras materias d'este genero, que debalde se procurariam até agora no indice dos livros de Direito Publico.

Tornando-se socialista — socialista no sentido indicado — o Estado salva a politica do profundo descredito em que ella caiu, e transmuda o regimen actual, de systema representativo de vaidades e ambições pessoaes, em systema verdadeiramente representativo dos legitimos interesses e direitos populares.

Um grande publicista inglez escreveu: *o governo representativo é bom, o melhor de todos, para fazer o que deve fazer um governo; é o peior, é pessimo, se por elle se faz o que um governo não deve fazer*. Nas nações latinas está chegando á evidencia a segunda parte d'este pensamento... Mas felizmente ganha corpo, de hora para hora, a idéa que pode obstar a que o mal attinja a sua extremidade, e não deve vir longe o dia em que a politica entre definitivamente no caminho para que a estão impellindo a sciencia allemã, a influencia catholica, o exem-

plo de eminentes homens de Estado, e principalmente, o abuso cada vez maior do capitalismo contemporaneo, monstruoso e insolente!

Pena tenho eu, muito grande, se não chego a ver a aurora d'esse dia . . .

Vou concluir, meus senhores. Na minha conferencia, escutada com tam captivante sympathia, ha mais indicações do que demonstrações. Procedi assim muito de proposito porque sabia que fallava a homens cultissimos, inteiramente familiarisados com as doutrinas que esbocei a correr e com os factos que tive de citar; e tambem porque o genio do assumpto que versei aqui me permittia, mais que outro qualquer, algumas largas generalisações de philosophia e de historia.

A sciencia moderna accentua cada vez mais a sua feição puramente descriptiva. Pode dizer-se que o espirito humano atravessa

actualmente a mais cerrada selva de experiencias em que ainda se viu! É para bem, de certo; mas não é inconveniente abrir-lhe, de quando em quando, algumas luminosas clareiras, de onde as idéas e os factos possam ser contemplados no seu conjuncto. Nas florestas, vistas de alto ou de longe, a população vegetal assume formas e aspectos, de que nem sequer se suspeita examinando separadamente cada exemplar ou cada grupo, por mais perfeitos que elles sejam . . .

Esta Exposição está longe de ser uma maravilha da industria portugueza; mas é uma excellente manifestação das aptidões que abundam n'este districto, e do admiravel sentimento de solidariedade operaria que n'esta cidade, em Coimbra, germina e floresce como se vê!

Felicito os cidadãos que a promoveram e realisaram. A sua obra vale muito mais do que mostra apparentemente. Além da utilidade immediata, tem o prestimo d'um exemplo que será lembrado, d'uma boa lição que ha

de ser efficaz. E é para a virtualidade fecunda d'este emprehendimento, mais do que para o seu valor actual, que eu olho n'esta hora. A vida individual é brevissima, uma só geração humana nunca póde produsir muito; mas, para a existencia collectiva da nossa especie, o futuro não tem limites, e é n'esta eternidade que se edifica, meus senhores, quando se liquida e expõe tanto genero de trabalho, e d'esta bella experiencia realisada se colhe a instrucção e o incitamento precisos para progredir sempre, para progredir cada vez mais... Do sol immenso não se perde um atomo de luz; da civilisação não se perde nunca um facto, por muito pequeno e humilde que pareça!

DISCURSO PRONUNCIADO NO ASYLO DO RATO NA NOITE DE 9 DE MAIO DE 1885.

Meus Senhores:

Sinto-me hoje n'uma feliz disposição de espirito. A idéa de fallar aqui, e a hora de meditação com que me preparei — depurando-me dos pequenos pensamentos e dos pequenos interesses de que se tece a trama ordinaria da vida — levantaram-me a uma alta região, clara e serena, em que eu bem quizera viver sempre!

A *grande acção*, a acção com um alto fim moral, desappareceu do mundo. Não ha heroes e não ha sanctos. Mas ha temperamentos incorregivelmente idealistas, que a insignifi-

cancia das obras e a mediocridade mental desgostam mortalmente; e para esses só a meditação das grandes cousas, feita na mais extreme abstracção do momento actual, poderá salvar da completa paralysia do entendimento e da vontade.

É certo que vai uma grande tristeza pelo mundo. A religião diminuiu; a metaphisica tombou do seu aerio throno; a poesia vasqueja, agonisante, em poemetos sem folego e sem ideal. A lucta social, pequenina, miseravel na maior parte dos seus objectos, é cada vez mais cruenta, mais sanguinaria, mais formidavel nas suas investidas. Nunca o rico foi tão egoista, e o pobre nunca esteve tão impaciente e tão revoltado! A imaginação rasteja, não vôa no azul; a propria rasão parece que perdeu as suas plumas d'aguia . . .

Ah! nunca foi tão preciso, como agora, arrancar aos factos brutaes a sua lei divina, e dizer, nas reuniões publicas, palavras de paz, de conforto e de bondade!

A idéa de que a vida é uma lucta sem

treguas e um movimento sem repouso, exagerando o valor dos estimulos mais energicos e dos sentimentos mais viris do homem moderno, deixou na penumbra a eterna piedade humana, feita de todos os affectos brandos e suaves. Os vencedores passam em nimbos de gloria, entre acclamações de enthusiasmo, na scena larga do mundo; e ninguem lhes pergunta se triumpharam pelo direito e pela justiça, e se as coroas que levam; de louro ou de carvalho, foram nobremente ganhas e acceites. Venceram? . . . Vivam, por isso.

Como estamos longe do tempo em que o sacrificio da Polonia foi uma dôr e um luto para a consciencia, e em que essa martyr, infinitamente sympathica, recebia a toda a hora, em piedosa offerenda, o canto lamentoso dos poetas, o protesto indignado dos fortes, e as lagrimas do coração dos bons! Como nos parece distante o dia em que a Europa comprehendeu e sentiu esta adoravel phrase de Quinet, esculpida no prefacio das suas *Revoluções da Italia: Desgraçado o que não sente algu-*

ma alegria com o renascimento e a liberdade dos povos!

O socialismo, que é o facto culminante da moderna vida civil, deixou de exhibir o caracter sentimental, soberanamente poetico, que ha pouco revestia os sonhos dos seus vizionarios, o enthusiasmo dos seus publicistas, a fé e o ardor dos seus apostolos. É arido como uma formula algebrica, ou perigoso como uma revolução imminente, sem consciencia clara e sem programma definido.

As sciencias já não influem aquelle communicativo espirito que nos encantava e movia. Ninguem substituiu Raspail no seu amor pelo povo. E a alma de Michelet, feita de luz e de bondade, cariciosa e resistente, tendo sempre as côres triumphantes de uma aurora; essa alma, que viveu amoravelmente, apaixonadamente, toda a vida da França, tendo ainda tempo de consagrar em livros immortaes a justiça do povo, a graça da mulher, o encanto das aves, o mysterio dos mares, e a magestade dos montes, eloquente e inspira-

tiva; essa alma voou do mundo, nenhum escriptor de hoje a possue e... até parece que ao coração humano falta alguma coisa desde que Michelet morreu!

De todas as producções humanas, é a arte a que traslada e exprime mais completamente os fundamentos e as intenções da vida moral. O que a religião não propõe, o que a sciencia não demonstra, o que a politica não realisa, o que a historia não sabe dizer — a arte significa-o, a arte representa-o sempre admiravelmente.

Vêde-me a arte d'hoje... Não deslumbra e não consola. Que é feito da immensa alma que espiritualisou a obra da Renascença?! Nas criações plasticas pinta-se ou esculpe-se, de preferencia, o que é feio, o que é defeituoso; nas criações moraes, no drama e no romance, o crime, a traição, a depressão dos caracteres, a vaza das paixões mais ignobeis — eis o que se descreve e assimilla avidamente!

O ultimo *Salon* de Paris deu a toda a gente a impressão da mais perfeita mediocridade.

Na arte Paris substitue Florença, como Florença substituiu Athenas. De Athenas para Florença, de Florença para Paris, que enorme, que irremediavel decadencia!

Onde está o poeta que nos conforte, que nos alente nas horas de hesitação e de tristeza, que nos faça parar absortos perante o Ideal, a longinqua montanha espiritual de luminosos e graciosissimos contornos! Onde está o genio que inflamme e mova, no mar do *incognoscivel,* a brilhante phosphorescencia das ficções moraes, dos sonhos consoladores, e nos embale, e nos illuda, e nos compense dos labores da vida, a nós que do continente em que estamos—um continente constituido de poucas verdades positivas—alongamos soffregamente para esse espaço, nevoento e indeciso, os olhos cheios de ancia, os olhos cheios de sêde?!

Victor Hugo, o grande poeta, scisma, já não canta! Não tardará que entre definitivamente na soberba galeria dos genios que elle descreve no seu *Shakspeare*, e onde tem um

logar pelas suas proprias mãos fabricado. Como a esculptura e o desenho o representam hoje, traz os braços cruzados, a cabeça pendente, o olhar fixo e a bocca sem aquella expressão de energia e de bondade que teve em plena vida! Que deliciosas illusões passaram por aquelle cerebro! Que bellos sonhos os d'aquelle coração! Que immenso poeta que elle foi!... Mas hoje só de longe em longe lança um inutil pregão de amor, de paz e de concordia, que o mundo se limita a considerar harmonioso se elle o veste em versos de diamante, ou apenas eloquente, se o manda na sua prosa de oiro. Está como o santo velho de Pathmos, que os discipulos levavam em braços á beira-mar, ao meio da multidão ávida da sua voz, e, por unica prégação, apenas aconselhava os homens a que se *amassem sempre, a que se amassem muito*...

Comprehende-se, vendo as cousas sob este aspecto, que o pessimismo desesperado de Rousseau reviva mais forte do que no seculo XVIII, e tome posse outra vez, desgra-

çadamente, dos corações sensiveis e das imaginações faceis . . .

É preciso crer muito nas leis da evolução social para não concluir, por tudo isto, que o mundo moral está proximo do seu fim, isto é, que as qualidades altruistas e beneficientes da natureza humana estão definitivamente vencidas. O ideal — a luz que illumina todo o homem que vem a este mundo — parece quasi apagado no ceu e na terra; e, para não esmorecer o nosso animo, para não cair de todo na indigna esterilidade d'um scepticismo absoluto só ha, como remedio, empenhar, contra a tentação dos factos, todas as forças do raciocinio e todos os poderes da fé humana!

Na nossa organisação, meus senhores, ha duas qualidades irreductiveis, sujeitas a obscurecimentos transitorios, mas positivamente inalienaveis. São o *egoismo* e a *sympathia*. De ambas, como de fontes eternas, promana tu-

do o que constitue a vida superior, *hyper-organica,* da nossa especie.

Sem o egoismo a moral seria indigna, a vida seria inerte, o direito um nome vão, a justiça uma coisa inutil: anullada a sympathia humana, far-se-hia noite em todo o mundo moral; e a consciencia, que é viva e brilhante como uma constellação de estrellas, volver-se-hia em qualquer cousa semelhante ao que será a Terra na previsão physica do completo arrefecimento do sol, quando ella — fria, escura, enorme cemiterio de toda a vida extincta — girar perpetuamente em espaços caliginosos e entenebrecidos! . . .

Deixando o egoismo (cujos aspectos me não proponho descrever e considerar agora) pergunto:

Por que é inalienavel da nossa natureza, por que não póde extinguir-se nunca o altruismo, esta divina qualidade de nos interessarmos irresistivelmente pelos destinos da nossa especie?

Não acabou, não póde extinguir-se nun-

ca, porque o *que sempre existiu ha de existir sempre.* Aqui está, positivamente, todo o fundamento da minha fé.

Cambiante na fórma, desigual na extensão, infinitamente variado na sua intensidade e no seu exercicio—esse sentimento vem, desde o primeiro alvorecer da humanidade, n'uma ascenção continua: ás vezes occulto, como agora, n'uma sombra que mal o deixa vêr; depois, saliente n'um alto e luminoso relevo, que é uma evidencia e um deslumbramento!

No Oriente assume o revestimento solemne d'um dogma. As religiões dão ao amor humano o caracter d'um mandamento celeste. Para despontar e reduzir o egoismo primitivo, animal, Deus fez-se egual dos homens; era de crer que depois os homens se amassem em Deus.

Na Grecia este sentimento transforma-se radicalmente. Era divino; faz-se humano. Visto á luz incomparavel da Grecia, o homem era formoso; portanto devia ser ama-

do. E os marmores de Paros e da Attica, e os bronzes de Deltos e de Egina cantaram na sublime harmonia das linhas e das fórmas a esthetica da humanidade, ao tempo em que lhe redimiam e exalçavam a dignidade do espirito os altissimos ensinamentos da maior philosophia que ainda houve no mundo!

Roma criando, por uma abstração sublime da natureza moral do homem, a noção do Direito, aperfeiçoou pela psychologia a obra altruista da civilisação hellenica. A idéa do Estado é a gloria do genio latino. Rasgado este novo horisonte á solidariedade humana, que até então percorrera somente o estadio que vai desde a familia á *cidade*, já podem a philosophia estoica e a doutrina christã fundar e constituir — uma, o dominio da Razão feita virtude, e a outra, o reinado d'um Deus feito homem!

A edade-media é apparentemente sombria e cruel; e todavia nunca a sensibilidade humana foi mais intensa, nem mais salvadora.

Emquanto não foi estudado e comprehendido esse longo periodo, não se pensava assim. Elle tinha, na memoria dos homens, os algidos aspectos d'uma noite escurissima, cortada de quando em quando pelo relampago da guerra, commovida frequentemente pelas vozes soluçantes do Direito malogrado e da Justiça em tormentos. O genio da historia, que atravessara, sereno e calmo, os tenebrosos periodos da iniciação humana, sempre que chegava á edade-media abandonava o tom impessoal das narrações indifferentes, para gemer, em threnos convulsos, as mais doloridas meditações. Tinha admirado os assombros architectonicos do Oriente, sem pensar no miserando destino das castas servas e das gerações malditas; tinha applaudido na *agora* atheniense a grande voz de Demosthenes, sem ter olhos para ver que a escravaria, com as suas nodoas indeleveis, maculava profundamente as paizagens gregas; tinha saudado os phenomenaes augmentos do imperio romano, sem se lembrar de que lá a

virtude era muitas vezes a blasphemia de Bruto, a propriedade um privilegio, a liberdade uma mentira.

As profundas tristezas e as entranhaveis condolencias eram todas na paragem mediavel. A immersão do espirito humano n'aquellas trevas seculares passava pela maior tragedia conhecida. Aquillo, só comparavel ao inferno biblico com as suas *trevas exteriores e o seu ranger de dentes!* Os castellos senhoriaes, envolvia-os uma legendaria atmosphera de crimes; os mosteiros eram infamados pela nota do egoismo torpe, das macerações estereis, e da lenda decameronica; a thiara era o epitaphio do evangelho; o sceptro, o eculeo da justiça; a cruz, o funebre emblema d'esse vasto moimento funerario; e a corrente religiosa, desde S. Bento até Savonarola, o curso das idéas, desde Abailard até Gerson, o movimento sentimental e litterario, desde o cyclo de Roland até Dante Alighieri, não passavam d'isto: um enorme pezadello, com raras intermissões de consciencia e de logica!

Depois fez-se a luz, largamente, em tudo; ao impulso da critica uma esplendida aurora irrompeu d'aquella noite; desfez-se o nevoeiro, distinguiram-se as formas das coisas . . . Conheceu-se que a edade-media assignalava um grande progresso sobre o mundo antigo; viu-se que dentro da couraça feudal estavam as cellulas embriogenicas da moderna civilisação; o mysticismo christão, o ardente mysticismo do monge da Calabria, do penitente de Assis, de Fra Angelico, de Domingos de Gusmão, foi canonisado na suprema dignidade da historia; a elevação moral da mulher datou-se desde então, fixando o mais gracioso periodo do sentimento humano; e a poesia do coração appareceu, como uma florescencia divina, na febre das dedicações religiosas, na heroica instituição da cavallaria, no significado das litteraturas nativas, em toda a pallida e revolta superficie d'aquelles seculos, cortada pelas mais bellas irradiações da alma humana —como o poema do Dante, sua imagem e seu transumpto, que tem em muita visão lu-

gubre um episodio de amor, e, ás vezes, na selva mais escura, uma aberta luminosa, alegre e consoladora . . .

A Renascença . . . Basta invocal-a, meus senhores. É o grande capitulo decorativo de toda a historia humana. O encontro de Dante com Virgilio, na Edade-Media, produziu a maravilha litteraria que vós conheceis; a invenção da Grecia e de Roma pelo seculo XVI causou uma das maiores revoluções na moral e na esthetica do espirito humano . . .

Hoje a investigação da vida pre-historica e o estudo ethnographico dos povos selvagens, feito pelos modernos viajantes, estão modificando tambem, consideravelmente, a comprehensão geral do mundo; e é de esperar que, quanto mais se conheça a si mesma, mais forte, mais digna, mais amoravel se torne sempre a Humanidade!

Da Renascença para cá é incontavel o immenso trabalho, critico e reconstituinte, para substituir na philosophia moral e na politi-

ca, as idéas, os sentimentos e as instituições antigas . . . Vós sabeis a prodigiosa historia dos ultimos seculos. Se a flamma vivissima do pensamento moderno fosse, não uma acquisição natural, mas, como na ficção grega, um roubo feito aos céos, tudo isto deveria terminar por uma tragedia formidavel, medonha, tremenda, infinitamente maior que a ideiada e feita pelo genio de Eschylo, illuminado e terrivel!

N'este periodo a negação tem sido, por vezes, aspera e violenta. A liberdade da consciencia, a egualdade civil, a emancipação politica não se conquistam facilmente, serenamente, sem esforço e sem lucta. A reacção foi enorme; o empenho de a vencer tinha de ser proporcional. Mas a obra dos grandes homens, que contribuiram valorosamente para tudo isso, é repassada e ungida d'um sentimento de bondade, d'uma condolencia profunda, entranhavel, pelas miserias individuaes e collectivas, de que se não encontra exemplo n'outros tempos. Luthero foi um batalhador

terrivel, dextro, como nenhum outro, no jogo d'estas duas armas de guerra — o odio e o despreso; mas foi elle quem inventou a musica popular, lançando no seu rithmo embalador, como uma pulverisação de diamante, a alegria moral, a poesia das maximas consolações da vida! Voltaire é justamente arguido de impudor intellectual e de excessiva crueldade na ironia e no sarcasmo; mas a intenção social da sua obra, contemplada no conjuncto, é innegavelmente sympathica: e aquella admiravel *Memoria* que elle escreveu em defesa de Calas, cheia de coração e de justiça, é levada em conta, no juizo da posteridade, para o absolver de muitas culpas do seu genio! Nos nossos dias o velho Hugo tem vibrado contra as tyrannias de toda a ordem a colera de Ezequiel e o latego de Juvenal; mas a inviolabilidade da vida humana ainda não teve defensor mais eloquente, e a mulher e a criança nunca deixaram de inspirar, ao seu coração de poeta, os mais bellos cantos e as mais nobres acções!

As formas intellectuaes mais em voga são visivelmente egoistas, é certo; visto atravez d'ellas o aspecto do mundo moral é profundamente desconsolador. Mas pensemos, meus senhores, que a influencia d'essas escholas não se faz sentir muito sobre os costumes, superiormente dirigidos pela moral christã; e que, por outro lado, do mesmo modo que no fundo do mar ha fortes correntes que se não conhecem á superficie — na intimidade da geração actual ha grandes sentimentos de phylantropia, de caridade, de amor, que supprem, na realidade das coisas, a falta das amplas e generosas theorias, que hão de vir ámanhã, n'uma generalisação larga e formosissima, que comprehenderá n'um circulo de luz todo o coração com as suas melhores qualidades, e todo o espirito com as suas maiores aspirações . . .

Tenho esta esperança. Sinto esta fé. Mas como aquelles que, caminhando durante a noite, cantam e fallam alto para que o pavor das trevas se não aposse d'elles — eu preciso

de dizer a mim proprio estas cousas, muitas vezes, para não succumbir sob a influencia d'este momento, tam avesso ás organisações delicadas, exigentes, para as quaes a impressão, que é um processo legitimo, não é arte bastante; o positivismo, que é uma verdade irrecusavel, não é philosophia sufficiente; a lucta pela vida não é lei universal e unica; a politica sem moral não interessa nem apaixona; e a consciencia, sem uma verdade superior que a illumine, é uma desconsolação, uma tristeza de tudo . . .

O ensejo foi bom. A festa d'esta noite tem uma significação adoravel. Mas é d'uma evidencia immediata esta significação, e, por isso, mais para ser contemplada do que para ser descripta.

Recolher crianças abandonadas, estas flores graciosissimas da eterna primavera humana; supprir o amor das mães, extincto no coração d'ellas, ou apagado pela morte; ter,

tractar, educar um viveiro de almas, dirigindo-as e fortalecendo-as para as provas da liberdade e para os combates da vida, provas que são tam incertas e combates que são tam duros; arrancar á miseria perigosissima tantos pequeninos seres; tirar do frio, da fome, das trevas interiores, do engano inevitavel, da traição imminente estas creaturinhas, tam sympathicas pelo seu sexo e tam boas na sua edade; diminuir a estatistica do crime e accrescentar um grande capitulo ao immenso livro do Bem . . . que bello e digno exemplo!

Mas isto vê-se. Mas isto sente-se. Mas as consequencias, provaveis ou certas, d'esta obra caridosissima estão, para todas as vistas, n'uma serie patente, irresistivel. São como um rosario de perolas ou um collar de brilhantes, expostos á maior luz do sol.

Ás fidalgas e gentis senhoras, que promoveram este sarau, quero consagrar as ultimas palavras d'esta noite!

É conhecida a historia de Carolina Jones, a grande e piedosa mulher que civilisou a Australia. Michelet glorificou-a dignamente n'um dos cantos d'aquelle formosissimo livro, *La Femme*, que é um poema . . .

É uma grande honra e uma felicidade invejavel pertencer, pela affinidade do coração, á familia d'essa extraordinaria mulher, cuja vida enche e anima a maior lenda d'uma grande parte do mundo.

Não é, minhas senhoras ?! . . .

DISCURSO PROFERIDO EM 1885 NA CAMARA DOS SNRS. DEPUTADOS JUSTIFICANDO A PROPOSTA PARA QUE SE LANÇASSE NA ACTA UM VOTO DE SENTIMENTO PELA MORTE DE VICTOR HUGO.

PEDI a palavra sobre a ordem. A proposta, que tenho a honra de mandar para a mesa, é redigida nos seguintes termos:

«A camara resolve lançar na acta um voto de sentimento pela morte de Victor Hugo, e passa á ordem do dia.»

O illustre deputado republicano, sr. Consiglieri Pedroso, precedeu-me n'esta homenagem á memoria do grande poeta, dizendo sentidas e eloquentes palavras sobre a morte do homem de mais extraordinarias fa-

culdades, que produziu este seculo. *(Apoiados.)* Eu trazia no meu coração o lucto d'esta morte, e no meu espirito o pensamento de convidar a camara a que, de qualquer fórma, se associasse ao profundo sentimento que os telegrammas de hontem causaram em todo o mundo! E vinha afoitadamente com esta intenção, porque o nome de Victor Hugo nada tem que não seja sympathico, attrahente, glorioso. *(Apoiados.)*

A França, ditosa patria d'aquelle genial espirito, começou já a render-lhe todas as homenagens do seu respeito e a consagrar dignamente o esplendor inescurecivel do seu fulgidissimo nome. No senado e na camara dos deputados, onde estão representados todos os partidos desde o clerical até ao socialista, mal se soube que Victor Hugo morrera suspenderam-se immediatamente as sessões; e nem uma palavra de divergencia ou de protesto appareceu na votação das propostas apresentadas pelos respectivos presidentes. *(Apoiados.)*

Durante a doença que desgraçadamente o levou, o illustre poeta recebeu as maximas provas de consideração e condolencia de todos os homens mais considerados da França, independentemente das cores politicas que representavam e das escolas scientificas a que pertenciam.

Citarei os principes de Orleans; e, se presentisse hesitações em alguns dos illustres deputados, poria em relevo o que houve de digno e levantado no procedimento de monsenhor Freppel, o austero e eloquente chefe da politica clerical, que foi, pessoalmente, informar-se todos os dias do estado do grande poeta . . .

O espirito humano está de luto. *(Muitos apoiados.)* Victor Hugo era, com toda a certeza, a maior culminação espiritual da raça latina n'este seculo. *(Apoiados.)* Era verdadeiramente um genio, quero dizer, tinha a maior intelligencia que póde caber n'um cerebro e a maior bondade que póde mover-se n'um coração. *(Muitos apoiados.)*

Na montanha da luz em que se levanta aquella figura immortal, ao lado de todos os attributos da sua immensa gloria litteraria estarão sempre as provas vivas do seu coração, que foi tão genial como a sua cabeça. *(Muitos apoiados.)* O amor das crianças, a defeza da mulher, a protecção aos desvalidos, a convicção da justiça, o odio á tyrannia, a paixão e o culto da liberdade humana—terão sempre emblemas e symbolos no pedestal das suas estatuas! *(Apoiados.)*

Posto em qualquer dos grandes capitulos da historia, o nome de Victor Hugo iguala, se não excede, os maiores nomes . . . Na Grecia, teria produzido a immensa obra de Eschylo; em Roma, vibraria a satyra como Juvenal e teria, como Lucrecio, mettido n'um poema toda a encyclopedia do seu tempo; na edade-media, seria visionario, sublime e creador como Dante; é muito maior que Rabelais; é da raça de Shakspeare, e tem, a seu favor, mais tres seculos de civilisação e de arte . . . *(Muitos apoiados.—Vozes:*—Muito bem.)

Está ainda sobre terra o corpo do enorme poeta. É o momento das profundas impressões; não é ainda a hora de fazer a critica serena, justa e completa, d'essa gloriosa existencia, que é a grande honra inextinguivel d'este seculo. E este seculo é o maior, porque é o ultimo!

Mas não deve ser sómente lutuosa e funebre a commemoração d'este acontecimento. Lamentando que se apagasse a vida preciosissima de Victor Hugo, devemos saudar o seu immenso espirito levantado á immortalidade da gloria, fixado para sempre na suprema constellação dos genios. Organisações como a d'elle em tudo são privilegiadas. Vivem como não vivem as outras; e quando acabam, a impressão da sua morte participa da elegia triste e do hymno triumphal. *(Muitos apoiados.)*

Tendo vivido da alma fecunda dos grandes poetas e dos grandes pensadores, que veem desde Byron e Chateaubriand até Littré e Victor Hugo, o seculo termina melancholi-

*

camente, e parece que ha em todos nós o presentimento de alguma cousa estranha, mysteriosa, que o futuro nos reserva . . . Diante do tumulo de Victor Hugo, este presentimento aggrava-se. É natural. Mas levantemo-nos do nosso abatimento, e pensemos que a humanidade é grande, que a justiça é um sentimento vivo, e que é honra e felicidade ser do tempo d'esse altissimo poeta, que até entre as sombras da sua morte e os fumos da nossa saudade tem uma irradiação soberba e fulgurante . . .

O luto de todos os povos é insufficiente para envolver, ainda n'este momento, a inteira significação do seu nome; fica alguma cousa inaccessivel ás contingencias da vida terrenal: fica de pé, n'uma culminação incomparavel, a pyramide deslumbradora do seu genio, que se vê de todos os lados do pensamento! *(Muitos apoiados.)*

Peço a v. ex.ª, sr. presidente, e peço a todos os illustres deputados, sem distincção de côr politica, que, pela solidariedade da nossa

raça, em homenagem á justiça, para honra do nosso paiz e por amor do nosso tempo, votem, sem discussão, a proposta que tive a honra de apresentar. *(Muitos apoiados.)*

VOZES: — Muito bem, muito bem.

Leu-se na mesa a seguinte

PROPOSTA

A camara resolve que na acta se consigne um voto de sentimento pela morte de Victor Hugo, e passa á ordem do dia.— *Antonio Candido.*

. . . .

O sr. MINISTRO DO REINO (Barjona de Freitas): — Eu estava n'esta casa quando me annunciaram a apresentação de propostas pedindo se lance na acta um voto de sentimento pela morte da Victor Hugo; e, estando n'este logar, representando o governo, não posso deixar de prestar tambem a minha opinião sobre essas propostas.

Se se trata do grande poeta Victor Hugo, que todos conhecem, do grande homem de letras da França, que acaba de fallecer — por parte do governo não tenho duvida em me associar a esse voto de sentimento pela perda, que não chamo franceza, que é universal. *(Apoiados.)*

Creio que todos, diante da lousa de um sepulchro, estamos longe de questões partidarias; portanto tratâmos unicamente do grande homem de letras, *(Apoiados.)* e a camara de certo se convence de que o genio não tem partido nem patria. *(Apoiados.)*

N'este sentido não tenho duvida, por parte do governo, em me associar ao voto de sentimento proposto pelos illustres deputados, se effectivamente as suas propostas têem esta significação, como creio; e a camara, na sua alta sabedoria, fará o que julgar mais conveniente.

. . . .

O sr. ANTONIO CANDIDO: — Direi poucas

palavras. O sr. ministro do reino interpretou perfeitamente o sentido da proposta que tive a honra de apresentar.

As palavras com que fundamentei a minha moção tiravam-lhe toda a significação politica.

Quiz apenas expor ao sentimento e á admiração da camara o grande nome de Victor Hugo, n'este momento solemne para toda a raça latina.

As minhas palavras valiam e valem apenas como uma homenagem ao maior genio d'este seculo; como um agradecimento commovido áquelle que nos edificou com as melhores consolações e com os mais dignos exemplos; e como uma saudação affectuosa ao grande espirito, que ainda hontem era o venerado mestre de todos nós, e hoje é o ultimo brilhantissimo nome da genealogia do pensamento e da historia litteraria da humanidade. *(Muitos apoiados.)*

Eu tinha diante de mim, quando fallava, a obra genial de Victor Hugo.

Cantavam no meu espirito as suas estrophes divinas; deslumbrava-me o pensamento e a sensibilidade o aspecto da sua obra dramatica; e o seu estylo incomparavel, feito de joias preciosissimas, scintillava aos meus olhos admirados... Escreveu livros politicos e desenvolveu theses sociaes o grande mestre; mas estas obras hão de valer sempre, hão de ficar, menos pela sua doutrina, que pela forma artistica, superior e exemplar, que Victor Hugo soube dar-lhes. *(Muitos apoiados.)*

Victor Hugo é muito grande. N'um só dos seus aspectos cabem á vontade as homenagens e os votos d'esta camara . . . *(Apoiados.)*

Agradeço ao sr. ministro do reino a acceitação da minha proposta. Impressionou-me agradavelmente ver que o meu pensamento entrava sem difficuldade no seu alto espirito, e que s. ex.ª contribuia assim para que o parlamento portuguez se honrasse com um acto que lhe fica bem, com um acto que lhe será

levado em conta na liquidação final da sua historia . . . *(Apoiados.)* Fique tranquillo o nobre ministro sobre as consequencias d'este acto. O espiritualismo não é a doença do nosso tempo, e menos ainda da nossa terra; não ha o minimo perigo de que se exagere muito aqui o amor e o culto das cousas ideaes. Os ventos dominantes sopram de outro lado do horisonte, e levam depressa, e dispersam rapidameute palavras e intenções como as que ouviu e percebeu hoje n'esta casa . . . Póde ficar tranquillo.

VOZES: — Muito bem.

Posta á votação a proposta do sr. Antonio Candido, foi approvada por acclamação.

DISCURSO PRONUNCIADO NO ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO NA NOITE DE 15 DE AGOSTO DE 1885 EM HONRA DE VICTOR HUGO.

MEUS SENHORES:

Acceitei gostosamente o convite que me trouxe aqui. Sinto que não poderei corresponder á grandeza do assumpto e á expectação d'esta assembléa; mas espero que me valerá alguma sympathia a intenção de ser amavel com quem se lembrou de mim, e a boa vontade de contribuir para que esta cidade collabore na consagração d'um nome, que é o maior e mais vivo esmalte da civilisação litteraria do nosso seculo.

Não farei a biographia de Victor Hugo, nem tentarei a apreciação critica da sua obra.

Desprendida dos acontecimentos litterarios que a assignalam, a vida do enorme poeta tem um interesse mediocre. Para reduzir a formulas dogmaticas o valor do seu genio é muito cedo ainda; em quanto não emmudecerem, em volta do seu tumulo, as vozes que o pranteiam e as vozes que o acclamam, a posteridade não começa... A isto accresce que, tendo a critica de desbastar e mondar a floresta que elle plantou, eu não me sinto com pulso para esse trabalho, e amo muito o homem e o artista para lançar affoitamente o machado á raiz d'algumas criações suas.

Por tudo isto trago sómente o proposito de dizer a minha impressão pessoal a respeito de Victor Hugo, singelamente, sem preoccupações academicas, sem pretenção de especie alguma.

Tenho ouvido e lido muitas vezes que este seculo será designado pelo nome de Victor Hugo, como o seculo XVIII é designado

pelo nome de Voltaire. Não sou d'esta opinião. Para os interesses positivos da humanidade, Voltaire foi maior que Victor Hugo. Exerceu a realeza intellectual do seu tempo n'uma altura de prestigio a que ninguem subiu antes nem depois; assimilou e diffundiu uma philosophia nova, de que não foi criador, mas que recebeu da sua lucida palavra e da sua logica irresistivel o poder de ser efficaz na consciencia, passando da escola para o mundo; empregou o theatro, muito intencionalmente, como processo de educação moral; transformou a ironia n'uma arma de combate e o riso n'uma força do talento; revelou a Inglaterra á Europa; mostrou a França a si mesma; fez a Revolução...

Para deslumbrar o mundo ninguem como Victor Hugo; mas para agitar e revolver um seculo ninguem como Voltaire!

Por outro lado, a fecundidade mental do nosso tempo tem sido exuberantissima, assombrosa... Em quasi todas as fórmas da arte, nas generalisações da philosophia, nas

sciencias particulares do mundo, no plano e no espirito das revoluções sociaes, nas combinações e habilidades da politica, nos aperfeiçoamentos da industria, e até nos formidaveis processos da tactica e da estrategia militar — estão inscriptas gloriosas assignaturas, que é impossivel metter na decoração esculptural d'um só homem, por mais ampla e mais elevada que a sua estatura seja!

Os mortos vão depressa, diz a ballada. É certo. E até os que mais fizeram pela immortalidade *sentida* da sua memoria são facilmente perdidos de vista no melancholico rio das sombras... A historia guarda os seus nomes, as bibliothecas conservam os seus livros; mas uma historia que poucos abrem e livros que raros leem são por ventura immortalidade bastante?!

Para Victor Hugo a morte foi uma assumpção gloriosa, uma apotheose! Tudo o que a admiração e o amor podem inspirar de mais commovido e solemne foi exhibido nas exequias unicas, sem precedentes, que a Fran-

ça lhe dedicou. Todas as nações abateram as suas bandeiras diante do feretro glorioso. Todas as linguas cultas se concertaram na immensa elegia do grande poeta extincto. Ouviu-se em toda a terra um gemido lamentoso e prolongado, como esse que soou nas aguas do Mediterraneo quando o deus Pan morreu . . .

Eu fui n'esta corrente, enlutado e absorto, chorando a orphandade intellectual da nossa raça, e recebendo a consolação da justiça feita a quem por tão nobres titulos a merecêra; mas senti e sinto ainda que n'aquella hora, quando o Espirito estava de cima—o que raramente succede n'este periodo industrial e egoista—parecesse mais densa e carregada a sombra caida sobre os grandes nomes que formam a constellação moral d'este seculo, e sem os quaes Victor Hugo, sua estrella de maior explendor, não teria sido, seguramente, o que foi.

Gœthe, o eminentissimo espirito que resuscitou a Allemanha litteraria, teve o pensa-

mento inicial da escola romantica, e attingiu a maxima inspiração possivel á velha raça teutonica, velha e sempre moça, e mais profunda que todas; Byron, o ultimo poeta que viveu a sua poesia, o genio desconcertado mas sublime que desenhou, na aurora do seculo, essas formidaveis interrogações que hão de passar sem resposta para o seculo seguinte, o desvairado da phantasia e da moral que só teve a fortuna de morrer bem; Chateaubriand, artista de grande raça no torneio e cinzeladura da phrase, caracter indefinido mas sympathico, especie de Hamlet genial nas contradições da sua idéa e da sua vida, epicurista e mystico, ingratamente esquecido no seu tumulo de Saint-Malô, que elle quiz á beira mar para que as suas cinzas ficassem onde a sua imaginação fluctuou sempre — no extremo da terra e nos àditos do infinito; Lamartine, o facil e harmoniosissimo poeta, que ninguem lê, o potente orador, que ninguem celebra, o eloquente historiador, que ninguem cita, alma de eleição, alma primo-

rosa, que inundou o mundo com as ondas azues da sua inspiração effusiva e crente; Musset, o sincero cantor apaixonado da mocidade e do amor, cuja sepultura não está ainda, felizmente, fechada á luz pelos ramos da arvore funeraria que elle pediu aos seus amigos; Balzac, o gigante da *Comedia Humana*, esse obscuro de tanto tempo, cuja descendencia está hoje no primeiro plano da influencia e da gloria, digno de personalisar artisticamente o nosso tempo, se isto fôra possivel, porque poz a sua inspiração pessoal a par da philosophia dominante; George Sand, o fulgurante engenho que se mede com a estatura de Balzac, menos verdadeiro mas mais bello, aguia e rouxinol, genio e mulher ao mesmo tempo; Alexandre Dumas, o fascinador incomparavel, o talento encantador, a phantasia opulentissima, desbordante; Humboldt, em cujo portentoso cerebro a unidade da sciencia e do cosmos se fez verbo e luz; Hegel, que reformou a Historia e a Philosophia, e ensinou a religião litteraria dos ro-

manticos; Augusto Comte, que deu a formula scientifica do naturalismo; H. Heine, fusão surprehendente, admiravel, da aptidão germanica e do espirito gaulez, em cuja estranha lyra a poesia, moribunda, parece ter desferido os ultimos sons; Michelet, a natureza feita alma; Napoleão, egual a Alexandre e a Cesar, superior a Frederico; Pitt, que salvou a Inglaterra e, talvez, o mundo; Cavour, que unificou a Italia; Lincoln, que accrescentou ao facto da republica o principio da Humanidade; Garibaldi, o ultimo heroe latino; Proudhon, o polemista formidavel, cuja logica devastava como uma torrente, e cujo pensamento sacudia como um vendaval . . . ah! todos estes devem estar de pé quando na augusta individualidade de Victor Hugo se faz a consagração, quasi religiosa, do genio, da bondade, da virtude, do valor de qualquer especie!

A sua bella cabeça irradiante não se perde n'esta gloriosa multidão. O sublime é uma amplificação do bello. O grandioso só des-

taca no conjuncto das coisas. Na *Eschola de Athenas,* de Raphael, é que se comprehende e estima a figura primacial de Platão, ampla e luminosa. Entre tantas culminações da arte, da sciencia, da guerra, da politica, a preferencia sympathica e o fervor sentimental hão de ser sempre para o poeta altissimo que soube cantar, em versos adoraveis, a liberdade, o amor, a creança, a mulher, a gloria, o ideal de todas as coisas, a clemencia, a intima piedade, a terra e o mar, o mundo e o ceo, o homem e Deus, o passado, como elle o viu na lenda, o futuro, como elle o phantasiou no sonho . . .

Eu disse que a obra de Victor Hugo era como uma enorme floresta. Completando a imagem, accrescento que ella resume a flora de todas as latitudes, revive exemplares de periodos paleontologicos e, por vezes, entrelaça tudo, phantasticamente, na estranha vegetação da febre . . . Quero dizer com isto

que o seu genio, complexo e multiforme, não cabe nas aptidões moraes d'um povo, não se inclue nas qualidades differenciaes de uma raça, não obedece á influencia particular d'um momento historico, mas absorve e diffunde, attrae e reflecte toda a humana sensibilidade!

Em alguns poemetos da *Légende des Siècles*, na forma monstruosa d'algumas situações romanticas, em lanços soberbos dos *Châtiments* e de *l'Année terrible*, a inspiração de Victor Hugo assume a grandeza disforme da poesia oriental, e a sua enorme lyra ora se nos affigura em plena Judéa, ferida pelo vento abrasado do deserto, ora nos parece levantada sobre os montes sagrados da velha India, vibrando metallicamente ao sopro das manhãs do levante perfumadas e tepidas!

Nos seus primeiros cantos ha reminiscencias vivas da casta e perfeita musa hellenica, adivinhada ou surprendida no seu paiz nativo, longe da esteril imitação classica. Nas bucolicas é suave como Virgilio. Nos mysterios da natureza e nas intimidades da consciencia

tem visões profundas e demoradas como Dante. Personalisa as paixões como Eschylo e Shakspeare, e, se é inferior a este no sentimento da realidade, excede-o na arte e no apparato do movimento scenico. No seu lyrismo impessoal, desdobrado em estrophes divinas que são dogmas de immutavel belleza, parece que reside a quinta-essencia, abstracta e absoluta, de toda a poesia humana, da que é cantada á luz viva e hilariante do meio-dia, e da que é vagamente e mysticamente sonhada sob os ceus melancholicos do norte!

Na *Légende des Siècles* ha um poemeto adoravel, em que Victor Hugo figura o grande movimento humano da *Renascença*. É uma creação genial. É tambem o mais completo documento que o poeta deixou da sua arte, da sua moral e da sua philosophia. Todo o seu vasto espirito está n'esta formosissima miniatura.

Satyro é o titulo d'este poemeto.

Vou lembral-o aos que já o leram.

Satyro vivia no Olympo, no grande bosque selvagem, e a lenda dos seus crimes envolvia e apavorava todo o monte sagrado. Não se sabia ao certo quem era. Não o conheciam Flora nem Vesper; e a Aurora, que vê tudo, nunca o tinha visto a elle. Era horrendo este fauno ... As bacchantes tremiam, se o encontravam; as hamadryadas e as nayadas fugiam, espavoridas, ao seu amor divino e brutal. Os seus olhos lascivos fusilavam, pela noite, como flammas. O monstro adorava as flores! Celebrava orgias insolitas com os lyrios e os myrtos. Não conhecia lei; zombava de tudo. Psyché, a propria Psyché, indo banhar-se nas aguas vivas d'um rio, avistou-o por entre a folhagem d'um bosque, e o mesmo foi que fugir apressadamente, como louca, para o empyreo, onde fez as suas queixas entre convulsões de susto e fremitos de pudor!

Com isto, o scelerado accumulava ainda a qualidade de ladrão ...

Hercules prendeu-o, e levou-o, pelas orelhas, a Jupiter.

A descripção do ceu pagão é soberba: eu não perpetrarei o sacrilegio de amolgar na minha rude mão o labor perfeitissimo d'esses versos, d'uma inspiração homerica!

Jupiter tendo rido á larga, como elle sabia rir, do pobre fauno deslumbrado, teve a magnanimidade de lhe perdoar mediante a condição de que divertiria a augusta assembléa com o seu cantico de besta-fera. Mercurio, sorrindo, emprestou-lhe a flauta. Satyro preludiou . . . As primeiras notas são calmas e tristes. Mas a tonalidade da sua voz accentua-se quando começa a cantar a *terra monstruosa* . . . Descreve a genese mysteriosa das coisas e o seu aspecto profundo e grandioso, o oceano, as entranhas da terra onde as sombras ondulam, onde correm rios escuros, onde estuam vulcões, onde, em abysmos medonhos, se distingue ainda o inferno abandonado de antigos deuses extinctos . . . Falla da seiva que circula em toda a parte; da vas-

ta plenitude da noite, do silencio e da solidão; das arvores que, no fundo dos valles, na orla dos lagos e pela cumeada dos montes, desenham ainda a antiga fórma da terra; do carvalho austero e fiel, do cedro religioso, da floresta surgindo, alastrando, crescendo, mergulhando as raizes na sombra, extrahindo de lá e espalhando na atmosphera o incenso e o veneno, produzindo, para os heroes, o loureiro, e a cicuta para os videntes e pensadores . . . Depois, pinta o reverso da creação, a arvore contemplada pelo lado da raiz, o combate subterraneo das plantas assassinas, o horror das selvas . . . E tendo penetrado a significação recondita das coisas, tendo saudado a fecundidade augusta da natureza, rejeita para o monte a flauta, que lhe feria os beiços e não lhe recebia o sopro, e, apertando o joelho entre as mãos, o Satyro pronuncia esta grande palavra: a Alma! . . . Desde que na ascenção hieratica do cosmos esta sagrada cousa apparece, a terra illumina-se, e o fauno apresenta-a aos deuses deslumbrantes, que

bebem a luz em taças de oiro, como o prodigio mais parecido com elles, como o globo que os move e leva a todos atravez da formidavel noite . . .

Phæbo empresta-lhe a lyra.

É bello, diz Venus arrebatada!

Começa a cantar o *homem.* Falla da sua infancia, um idyllio de hymnos e de perfumes, e diz como este idyllio se volveu em tragedia desde que Prometheu roubou o fogo ao ceu. Avulta as miserias causadas pelos reis que não são bons, e pelos deuses que não são sinceros. O odio, a morte, a guerra, a indigencia e a ignorancia, eis outros tantos flagellos vibrados contra o homem, *este inicial da creação, sem o qual os horisontes seriam mortos.* Em seguida, n'uma ampla visão e n'um *crescendo* soberbo de eloquencia e de harmonia, elle descreve a redempção social, o advento da paz, do amor e da unidade, o dominio da razão sobre a materia, a fusão mystica do espirito com o astro, e a sua traslação interminavel na luz . . .

Os deuses estavam apprehensivos e inquietos. Jupiter, assombrado. Só a aguia se conservava, desde o principio, imperturbada e attenta . . . Então o Satyro, ultimando o seu canto, annuncia a queda do Olympo em palavras sublimes, vingadoras d'uma longa historia de crimes. E logo se transfigura divinamente; cresce sobre os maiores gigantes; irradia da sua fronte um oriente novo; a cabelleira toma-lhe a fórma e a grandeza d'uma floresta ondeante; palpitam-lhe nos flancos os campos e as pradarias; as deformidades contornam-se, avultam, elevam-se a montanhas; a desmedida lyra canta, chora, brame, grita; recama-se-lhe o peito de estrellas; e, depois de clamar que o *futuro é a prolongação no infinito, o espirito penetrando a materia de todos os lados,* exclama, triumphante:

«Place à Tout! Je suis Pan; Jupiter! à genoux!»

É actual esta comprehensão do cosmos e da historia? O espirito immanente na materia

é por ventura uma verdade scientifica? Cabe n'um systema, composto e regrado, esta multidão de idéas, fluctuante como um vapor, indeterminavel como um nimbo?...

Estas interrogações téem de ser respondidas negativamente. Mas que importa isso?! A philosophia de então, a philosophia d'elle, era esta. A verdade era assim. Hoje não é?... Mas tambem ninguem immobilisará a consciencia nos dogmas do que hoje se acredita. E a humanidade começa a ter, felizmente, a ampla comprehensão de que tudo se liga e encadeia no espirito e na natureza, e de que os erros de hoje foram as verdades de hontem, laboriosamente adquiridas e fervorosamente amadas por cerebros e corações identicos, na essencia, por largo espaço de tempo...

Pensando que emmoldurava a Renascença do seculo XVI, o poeta figurou e exprimiu a renascença litteraria do seculo XIX. E Pan... é elle! O que o Satyro cantou no Olympo, na augusta assembléa dos deuses, cantou Victor Hugo no sublime convivio dos povos.

Nas *Folhas do Outono,* traçando em esplendidos versos o programma da nova poesia, era já este o seu prospecto de arte.

Si l'on vous dit que l'art et que la poésie
C'est un flux éternel de banale ambroisie,
Que c'est le bruit, la foule, attachés à vos pas,
Ou d'un salon doré l'oisive fantaisie,
Ou la rime en fuyant par la rime saisie,
Oh! ne le croyez pas!

O poëtes sacrés, échevelés, sublimes,
Allez, et répandez vous âmes sur les cimes,
Sur les sommets de neige en butte aux aquilons,
Sur les déserts pieux où l'esprit se recueille,
Sur les bois que l'automne emporte feuille à feuille,
Sur les lacs endormis dans l'ombre des vallons!
....
C'est Dieu qui remplit tout. Le monde, c'est son temple!
Œuvre vivante, où tout l'écoute et le contemple!
Tout lui parle et le chante. Il est seul, il est un!
Dans sá création tout est joie et sourire;
L'étoile qui regarde et la fleur qui respire,
Tout est flamme ou parfum!
....

No *Satyro,* n'essa deslumbradora concepção do mundo que é, ao mesmo tempo, uma cos-

mogonia, uma religião, uma moral e uma esthetica, está Victor Hugo todo, o homem e o artista, a inspiração a que foi sempre fiel, a *materia prima* do seu trabalho de sessenta annos... É n'esta montanha ideal que elle talha as figuras descommunaes do theatro e do romance, gera as concepções grandiosas do destino humano, e extrae das coisas essa divina poesia lyrica das *Folhas do Outono,* das *Orientaes,* das *Contemplações,* dos *Cantos do Crepusculo,* que é feita do perfume das flôres, do gorgeio das aves, do riso das creanças, da luz das estrellas, das côres da aurora, da graça da mulher, da arvore vista ao crepusculo, do monte contemplado de noite, da alegria da vida, da tristeza das coisas... e por isso é eterna como a natureza que a inspirou, e por isso será comprehendida e amada emquanto houver sobre a terra um coração que sinta e uma ave que cante!

Não era um sabio; não era um critico. Era um poeta, um poeta de tudo, illuminado, fulgurante de imagens, vibrando a palavra

como o sol vibra a sua luz, enchendo o seculo com a sua grande voz, impondo-se á arte como um revolucionario triumphante, subordinando ás suas visões a moral e a politica, instruindo e deslumbrando, deslumbrando mais do que instruindo... Os personagens dos seus dramas existiam n'um só exemplar de Historia Humana, e esse exemplar tinha-o elle; da Natureza sabia coisas, que ninguem soube antes nem depois...

A Grecia creou o seu Olympo, e povoou-o de deuses semelhantes a homens; Victor Hugo creou outro, e encheu-o de homens semelhantes a deuses. Mas a mythologia e o romantismo são ainda hoje e serão por muito tempo, talvez, os mais bellos e graciosos relevos da immensa perspectiva da Arte!

Na visão amplificada das coisas e na antithese ideologica e sentimental, que são o caracter e o processo do grande poeta, não está sómente uma soberba inspiração littera-

ria; está tambem a razão d'aquella bondade, sympathica e effusiva, que fez Victor Hugo profundamente amado, n'este seculo, pela maioria do genero humano!

Ah! se não fosse bom não seria genio! Mas foi tudo. Fundou uma escola de arte e construiu um capitulo de moral! Combateu a guerra no que ella tem de monstruoso, a miseria, no que ella tem de involuntario, a ignorancia, no que ella tem de fatal! Consolou os povos opprimidos, e puniu, com a espada diamantina e flammejante da sua palavra, os tyrannos do seu tempo desde Miguel de Portugal até Napoleão de Sédan! Para vingar a liberdade e para defender a patria, ora foi semi-deus no rochedo de Guernesey, ora homem, simplesmente, com blusa e kepi, no cerco de Paris! Pugnou convictamente pela inviolabilidade da vida humana, quer a hypothese fosse Maximiliano do Mexico, quer fosse a condemnação de qualquer miseravel, apenas conhecido pelo seu crime!

On sent qu'il pense au delà même de la pensée

— disse Victor Hugo d'um grande escriptor que o precedeu na morte. Tambem elle, o prodigioso poeta, não cabendo nos terminos da realidade visivel, era para alem do pensamento que vivia, vibrava, trabalhava; e por isso nas suas criações de toda a ordem ha sempre alguma cousa incoercivel, mysteriosa e sobrenatural, que se sente sem que possa discutir-se, que se percebe sem que possa demonstrar-se!

Foi um sublime criador de *visões,* como Shakspeare foi um assombroso criador de almas!

Comprehende-se, por tudo isto, que a morte de Victor Hugo fosse um acontecimento no mundo. Quem ha de substituil-o no glorioso primado da arte? Quem pode levantar do chão, onde caiu, a enorme lyra que foi d'elle?!

Renan escreveu que Victor Hugo apparecera na terra por um *decreto especial e nominativo do Eterno.* A phrase não pode ser tomada á letra. Mas a hyperbole era natural

n'aquelles dias rememoraveis em que a França lhe fazia os funeraes d'um deus!

Foi uma surpreza, foi um assombro aquillo! Eu não pensava que no extremo d'este seculo, quando já se tinham apagado as suas maximas luzes, fosse possivel aquella sagração espiritualista, eminentemente espiritualista, d'um homem de genio! E ainda vibro, ainda me sinto commovido em todo o meu ser, quando me lembro da noite em que o corpo de Victor Hugo, exposto sob o Arco do Triumpho, foi velado pelos poetas da França, diante da humanidade cheia de affectos e debaixo do ceu coberto de estrellas. . .

Parece antigo, e é de hontem!

DISCURSO PRONUNCIADO NO SALÃO DO CENTRO PROGRESSISTA DE LISBOA NA NOITE DE 19 DE JANEIRO DE 1887 EM HONRA DO CONSELHEIRO ANSELMO JOSÉ BRAAMCAMP.

Meus senhores:

A Memoria lida por Oliveira Martins impõe-me, pela exclusão de varios planos, o unico programma possivel á minha palavra n'esta hora. Não tenho de ordenar as datas salientes da vida publica e particular de Anselmo Braamcamp, e de relacional-as com os factos principaes da nossa historia contemporanea.

Isso, como poderia fazer-se, está feito.

A affirmação de hoje não será, é certo, o juizo definitivo do futuro. Não pode sêl-o. Na phenomenologia social, de cada homem e de cada acontecimento vê o presente ape-

nas uma parte. Como na acustica ha o som e o echo, na memoria humana ha a sensação immediata e a repercussão longiqua. É esta a que fica. Mas se alguem pode antecipar-se á posteridade é de certo aquelle que, pelo longo habito de perquirir e versar o passado, adquiriu já a noção instinctiva dos processos com que se opéra essa admiravel crystallisação moral, mais ou menos consistente, que se chama a *critica da Historia!*

Portanto que venho fazer aqui?

Accedendo a um amavel convite, venho dizer em voz alta a minha impressão pessoal a respeito do *grande homem de bem,* que nos fez a todos nós a honra de representar superiormente, na grave e austera moldura do seu honestissimo caracter, a tradição, o pensamento e as virtudes do nosso velho ideal politico . . .

Passarei atravez da minha sensibilidade alguns factos mais expressivos e algumas qualidades mais notaveis de Anselmo Braamcamp.

A minha sensibilidade, mais passiva do que creadora, não tem, infelizmente, os adoraveis moldes em que se fundem as obras d'arte; mas se esses factos e estas qualidades sahirem da minha palavra com a uncção piedosa e communicativa d'um profundo respeito e d'uma grande saudade, ficarei contente commigo mesmo. E, não podendo attingir tudo, até prefiro este ultimo effeito! Porque, meus senhores, amei-o muito, devi-lhe muito. O vivo exemplo do seu caracter fortaleceu a tempera da minha consciencia. A bondade sincera, delicadissima, sempre egual, da sua estima por mim, consolou e commoveu, consola e commove ainda a vaidade do meu coração. Fui dos seus amigos, e não ha, para o meu orgulho, titulo que exceda este! Por motivos que não veem para aqui, não o acompanhei na sua doença, não soffri de perto com a sua agonia, não pude dizer-lhe adeus no momento solemne do seu desapparecimento perpetuo; e isto, quando póde ser percebido pelo meu espirito — desvairado por

outra dôr que a Morte me causára — fez-me uma extranha impressão que não sei definir, que não sei explicar bem!

Pareceu-me — por isso, e por outras razões que não devo dizer agora — que ficavam incompletas, truncadas bruscamente, as provas do meu affecto e da minha lealdade; e comprehendi então aquella sympathica lenda medieval do nosso Martin de Freitas, que foi levar as chaves do seu castello ao rei exilado e morto em Toledo, e só depois pôde julgar-se quite de um dever de consciencia, solto e livre de uma obrigação de honra . . .

Meus senhores: A critica das boas aptidões humanas, diversissimas na forma, mas egualmente legitimas e uteis segundo a natureza e segundo a historia, só raras vezes é feita com justiça e bom senso.

A especialisação absoluta, que é uma inferioridade do espirito, e o egoismo exaggerado, que é um defeito do sentimento,

propelem facilmente cada um a julgar que é primacial a faculdade dominadora que exercita, e melhor que todas as outras a profissão particular que elegeu. O homem da especulação mental, na sciencia ou na arte, encara frequentemente com sobranceiro desdem o homem da acção positiva na industria ou na politica. O perscrutador subtil, que analysa pacientemente as coisas, duvida do que se eleva depressa ás syntheses culminantes da doutrina. A arte reune e germana, n'uma religião ideal, os professos das suas ordens; mas ainda ahi, que bravo ciume de faculdades, que accesa rivalidade de escolas, que insana furia, truculenta ás vezes, nos certames da fortuna e da gloria! O que descreve e colore vivamente os aspectos exteriores do mundo estima-se superior a quem vê, comprehende e traslada, para o livro ou para a scena, os estados da alma e os dramas da consciencia. A tribuna e a imprensa, ambas filhas da liberdade, não se presam como irmãs. O poeta que vive no azul como as aves, melin-

dra-se e doe-se ao contacto das realidades, ainda as mais sublimes, que a vida universal gera e destroe á superficie do planeta. O que assimilla e transforma em impulsos de energia e em sorrisos de graça o masculo vigor e a seiva hilariante, que a natureza cria permanentemente nos seios inexhauriveis, combate e exclue, como inimigo e como espurio, aquelle que recolhe e mostra na sua inspiração dolente, amphora de opala e violeta, a eterna melancholia inenarravel que se eleva da terra como um fumo, que a historia distilla de si como uma essencia . . . O ultimo que chega, com uma idéa nova ou renovada, tem de conquistar o seu logar n'uma lucta heroica; tem de fazer do seu instrumento de trabalho arma de defeza tambem; ha de ser tenaz, prodigioso, incansavel, como Balzac, ou terçar em todos os campos e responder a todos os reptos, artista e soldado ao mesmo tempo, como Wagner, o profundo Shakspeare da musica!

Perante a realidade das coisas, no embate

e conflicto das emulações, é pois uma vã ficção a panoplia ideal em que a penna, a lyra, o pincel e o escopro se enfeixam; e a attitude desdenhosa da arte para a politica, tanta vez reassumida entre nós e lá fóra, é apenas um caso a mais da lucta pela vida, nem sempre travada na melhor comprehensão das coisas do mundo . . .

E todavia o *pensamento* e a *acção*, o methodo na multiplicidade dos seus processos, a sciencia na variedade dos seus capitulos, a arte na differenciação das suas formas e das suas escolas, são absolutamente solidarios nos aperfeiçoamentos e progressos da nossa especie; a idéa, para vingar, ha de ser realisavel; a energia, para ser fecunda, tem de desenvolver-se logicamente segundo as leis do espirito; e os unicos signaes com que se pode aquilatar o valor das intelligencias e o prestimo das vontades são estes: no agente o *caracter*, — no resultado a *utilidade* . . .

*

O desfavor com que a *acção politica* é considerada por muitos espiritos superiores e tambem pela opinião publica, no velho e no novo mundo, tem da sua parte, é forçoso confessal-o, bastantes apparencias de razão.

Pela sua influencia immediata e complexa, e pela enorme comprehensão dos interesses que move, este genero de acção é o mais nobre, mais vasto, mais attrahente de quantos podem solicitar um homem de sentimento e de vontade; mas, como estadio de exhibição moral e como processo de educação publica, mostra-se, a esta hora, na America e na Europa occidental, adverso a muitos interesses da dignidade civica, da justiça distributiva, da logica que deve haver nos factos e do prestigio que as pessoas devem conservar.

Tem uma base intellectualmente falsa: a philosophia naturalista do seculo XVIII. Tem um principio inane e contradictorio: a soberania popular. Tem um processo que não qualifico . . . por uma delicada circumstancia de

logar e de tempo: o suffragio universalisado. Tem um limite para as elevações pessoaes, que difficilmente varia: a mediocridade. Tem uma litteratura propria, quasi sempre sem ideal e sem verdade: o jornalismo e a oratoria parlamentar. Tem uma lithurgia sem pompa e sem pensamento: a das ficções constitucionaes...

A grande Revolução, de que promana e deve datar-se toda a moderna historia, assumiu, como se sabe, as formas d'um drama grandioso, enorme! Emquanto esse drama desenrolou, nos Estados latinos, as suas scenas formidaveis, foi sublime de paixão, de força e de movimento. O theatro grego, em que intervinham deuses, não é mais maravilhoso do que este em que representaram povos!

Mas a commoção politica, como estado violento, não podia ser perduravel; a ebullição dos espiritos, consumidora quando é prolongada, não pôde deixar de diminuir; recairam nas condições normaes da vida os

homens e as nações que se tinham exaltado até ao heroismo e até ao martyrio; — e viu-se então que a superficie moral do mundo ficára com o aspecto devastado, arrefecido, melancholico d'uma floresta que o incendio consumisse, e de que os velhos troncos em cinza tivessem apenas servido para fecundar rasteiras vegetações uniformes, de pouco vigor e sem vulto definido ainda . . .

A França, onde a immensa combustão principiára, ainda se reinflammou uma vez contra a senil e caduca *Restauração*, e teve, durante alguns annos, uma prolongação artificial de vida politica na tribuna illustre de Guizot, R. Colard e Thiers, e na imprensa convicta e apaixonada de A. Carrel e de P. L. Courier; mas, formado e desfeito o sonho de 1848, caiu, sossobrou, veio, pouco a pouco, a volver-se no que está, no que é hoje . . . A Italia, depois de Cavour e de Garibaldi, a Hespanha depois de Espartero e de Mendizábal, Portugal, depois de Mousinho da Silveira e de Saldanha — grandes nomes que medem

a maxima estatura de velhos povos — voltaram, fundamentalmente, ao que eram antes, porque ha, meus senhores, uma tyrannia que as espadas não cortam, e um despotismo que a penna do legislador não fere de morte: a tyrannia das raças e o despotismo da historia!

N'este estado de coisas, superior aos antecedentes, porque sempre é um ponto vencido na serie do progresso humano, mas repousado, egoista, apenas assignalado por um mais intenso fervilhar de vida vegetativa e intellectual, sem accidentes revolucionarios, salvo quando a questão politica trava na questão nacional, como em Italia antes da occupação de Roma, na França depois de 1870, e na Inglaterra actualmente; n'este estado de coisas, pouco propicio ás germinações do heroismo e ás ostentações da grande força, porque os obstaculos sociaes deslocaram-se do mundo para a consciencia, e o poder publico desvigorou-se, enfraqueceu, nas multiplas divisões que o fraccionaram; n'este estado de coisas que, em compensação de tanta inferioridade, é

pacifico, evolutivo, e, felizmente, desassombrado de terrores divinos e humanos — ha ainda largo espaço para uma boa intelligencia que queira applicar-se, para uma energica vontade que queira desenvolver-se, para um caracter honesto e digno que a vida publica tente com as suas glorias e os seus sacrificios, os seus ruidosos triumphos e as suas tremendas ingratidões!

Com amor ao paiz em que se vive, com fé n'uma causa que se acceita, com respeito por si mesmo e confiança nos outros — a carreira politica é ainda um alto destino, e o illustre cidadão, que teve e honrou o nome de Anselmo José Braamcamp, é d'isso exemplo patente e argumento irrespondivel em Portugal!

Anselmo Braamcamp, meus senhores, era um homem superior e distincto, de nobres e finas maneiras, um perfeito *gentleman* na mais completa acepção da palavra. O termo inglez não tem equivalente na nossa lingua, mas

tambem a entidade que elle significa não é vulgar na producção social e politica do nosso paiz. Taine, nas suas admiraveis *Notas a respeito da Inglaterra,* define assim o verdadeiro *gentleman: «Um nobre, digno de commandar, integro, disenteressado, capaz de se expor e até de sacrificar-se pelos que dirige, homem de honra e de consciencia ao mesmo tempo, em quem os instinctos generosos foram confirmados pela justa reflexão, e que, procedendo bem em harmonia com a sua natureza, ainda procede melhor em obediencia aos seus principios.»*

N'este retrato reconhece-se a figura moral de Anselmo Braamcamp.

A sua ascendencia, nacionalisada aqui desde muito, teve o seu tronco n'uma raça diversa. Não é sem valor esta circumstancia. Por uma razão que existe na physiologia, a adaptação d'uma familia ás condições ethnologicas e sociaes d'um povo differente determina quasi sempre uma geração mais valida, mais forte, destinada muitas vezes a exercer uma especie de hegemonia moral na nova região em que

se aclima. A historia de varios paizes exemplifica repetidamente este phenomeno na politica e na litteratura.

Entrou na carreira publica por vocação, não por necessidade. Era bem nascido e rico; e a esse tempo a inscripção politica parecia-se muito com a inscripção de guerra, as promoções faziam-se lentamente, e o adjectivo militante, posposto ao substantivo partido, não soava apenas como uma figura de rhetorica. Combatia-se a valer, e combatia-se de todos os modos...

Como já vae longe o bello romantismo social d'esses tempos, em que se arriscava a fortuna e se jogava a vida em aventuras... de farda e espada!

Foi desde sempre convictamente liberal. O amor da liberdade não se lhe acendrou n'uma reacção immediata, pessoal, ao velho regimen, porque era pouco mais de criança quando se desenvolvia e fechava o primeiro periodo constitucional; mas as poeticas illusões do segundo, que um vento de além dos

Pyreneus sacudia e agitava intensamente; as generosas utopias, que tinham a alma epica da revolução franceza e ainda o involucro externo dos tempos classicos da Grecia e de Roma, illusões e utopias que encarnaram aqui n'um heroe e n'um santo, em Sá da Bandeira e em Passos Manoel — essas recebeu-as sympathicamente o peito de Anselmo Braamcamp, e foi-lhes fiel até á morte, acreditando sempre, sem desfallecimentos, teimosamente, no absolutismo da moral e na progressividade da nação!

Foi deputado em longos annos antes de ascender a ministro. Chegou a esta posição quando devia chegar, maduro pela experiencia e pela edade, cheio de serviços, sem que o seu advento parecesse um improviso ou causasse uma surpreza. Caminhara sempre pela estrada real, avesso a atalhos e a desvios. Elle mesmo dizia isto de si, punindo com o só exemplo da sua rectidão e da sua modestia as soffregas impaciencias dos outros.

Não deixou o seu nome nos fastos da tribuna. Tinha o pensamento claro e justo, mas a palavra era extraordinariamente lenta e difficil.

Não o predestinara a natureza para os officios da eloquencia, a sublime arte potente e deslumbradora; mas desprovido d'esta faculdade, que só em raros momentos historicos é util — e, fóra d'elles, vale apenas como entretenimento espiritual, voluptuoso, um pouco frivolo, de sociedades polidas, requintadas... pôde, por isso mesmo, exhibir e provar, a uma luz verdadeira, as joias sem preço do seu caracter e da sua consciencia!

Não era orador; as assembléas não fremiam, não palpitavam anciosas, sob a influencia magnetica do seu verbo; os seus olhos não fusilavam relampagos de paixão; a sua voz não era, alternadamente, uma musica dolente ou forte e um trovão subitaneo; não tinha no gesto o raio que fulmina; não tinha na figura a magestade que se impõe; não tinha na fronte essa divina aureola fulgurantis-

sima que, depois do cyclo atheniense, cingiu e illuminou a cabeça de Mirabeau, a cabeça de José Estevam, e poucas mais no mundo... Mas tambem não tinha a falsa eloquencia; mas não coloria postiçamente, com arrebiques bastardos, uma d'estas verbosidades nativas, que nunca passaram do ouvido para a alma; mas não enchia de cousas banaes a sonoridade vã de phrases conhecidas e gastas... mas não enganou, não enredou, não seduziu; e o prestigio recrescente d'este homem, em quarenta annos de vida publica, dá-me a calma impressão, suavemente consoladora, da verdade sem arte, da justiça inerme, da honra silenciosa mas evidente, da moral subsistente em si mesma, flamma pura, egual, serena como a do Horeb, onde a fé antiga pôde vêr e adorar um Deus!

Ministro do reino em 1863, que é o periodo aureo do antigo partido historico, Anselmo Braamcamp cooperou com os seus di-

gnos collegas na reconstituição economica do paiz, tendo, e merecendo a honra de o occupar, um logar proeminente na unica situação que faz lembrar o plano e a obra do maior homem de genio que o constitucionalismo produziu em Portugal—Mousinho da Silveira! Ministro da fazenda em 1869, quando estava em plena intensidade a crise nacional, de que a *quasi revolução de janeiro* dera rebate e aviso, Anselmo Braamcamp não foi sómente um administrador severo e previdente, não foi apenas o sabio organisador d'um novo systema financeiro, em que futuros estadistas teriam de forragear á larga idéas e alvitres. Nos momentos agudos, quando corriam perigo imminente o credito e o decoro do paiz, elle não duvidou garantir com a sua responsabilidade individual algumas letras do thesouro, nem pagar do seu bolso o custo, que lhe pareceu excessivo, d'uma negociação em praças estrangeiras, dando provas d'um civismo que roça pelo inverosimil, e fabricando assim, talvez sem pensar em tal, o mais vivo, mais

bello esmalte da sua cavalheirosa lenda sympathica e moralisadora!

Estas grandes virtudes e estes inolvidaveis serviços valeram-lhe a immediata successão politica do duque de Loulé, quando a morte prostrou improvisamente o velho fidalgo, que exercia a direcção e occupava a presidencia do partido popular.

Angustioso momento foi esse! O duque, desvalido no paço, abatido e descrente, era ainda a principal força e a maior esperança dos historicos, porque, além do seu nome consagrado e prestigioso, tinha o affecto, o respeito e a confiança da antiga geração *patuleia*. A morte, invadindo os arraiaes d'este partido, já ceifara, com negregada preferencia, algumas vidas de maior preço. Mais d'um valente coração parara de vez; mais d'uma voz eloquentissima tinha emmudecido para sempre na solidão, sem echos, do tumulo...

Ás causas internas de desanimo e de successivo enfraquecimento, ajuntava-se a prosperidade ascendente da *regeneração*, que, sem

grande alma doutrinaria — talvez porque não a tinha! — realisava então um governo forte e habil, e sabia tirar partido, intelligentissimamente, de mil acasos felizes... A morte do duque, n'estas apertadas circumstancias, pareceu a muitos a perdição final de tudo. Um poderoso jornalista, dos mais illustres que teem escripto em Portugal, Antonio Ennes, deixou n'um artigo rememoravel a impressão d'esse infausto acontecimento, comparando inspiradamente a desesperada attitude do partido historico á que um escopro genial eternisara n'um famoso mausoleu de Florença...

Lembro-me bem de tudo. Passava então o primeiro tempo, o primeiro e o melhor, da minha modesta e ingloria vida publica! Modesta e ingloria, sim; mas não esteril de todo... Fica sempre alguma coisa da longa convivencia ideal com um caracter, como o do duque de Loulé, e da privança e clara intimidade d'um homem como Anselmo Braamcamp!

Dentro de dois annos o partido historico,

já fundido com o partido reformista, estava reorganisado em toda a parte. Foi o primeiro, talvez o maior serviço do novo chefe, que n'este canto da Europa, e na possivel proporção das coisas, comprehendia e acompanhava o movimento da reacção politica contra as longas dominações conservadoras, que com Disraeli, com o duque de Magenta, com o habilissimo restaurador da monarchia hespanhola e com o sr. Fontes Pereira de Mello iam cahir brevemente ás intimações de Gambetta, de Gladstone, de Sagasta, e ás suas proprias!

Não é facto unico este parallelismo politico nos povos mais affins pela raça ou mais proximos na civilisação.

Não tardou que recebesse os fructos da sua obra. A camara, que apoiou o seu ministerio de 1879 — aberta uma excepção para a minha desprestimosa humildade — será sempre lembrada pelo seu elevado patriotismo e pela sua inalteravel dignidade; e citada como argumento de que, além dos innumeros persona-

gens, conhecidos e usados, que os partidos teem no seu estado maior, ha ainda, por esse paiz fóra, onde fazer ampla colheita, para a governação do Estado, de intelligencias e de caracteres.

Poderia dizer muito d'esse ministerio de 1879, que tive a honra de conhecer de perto, e provar que foi economico, isento, digno. Mas... é tarde; e o espirito e o coração levam-me, mais de vontade, para a amoravel contemplação de Anselmo Braamcamp, nas graças e enlevo do seu retiro domestico, depois das durissimas provas do governo que lhe extenuaram a saude e o vigor do corpo, deixando-lhe ainda — ó estranho milagre! — fervorosa a sua fé nos principios e de todo incolume a sua confiança nos homens!

Encantadora intimidade a sua! Encantadora e edificante. Eu não sei dizer o que essa intimidade me inspirava; mas sei que aquella casa e aquelle homem bastariam para um quadro formosissimo de moral e de arte. Soubesse eu fazel-o...

O homem publico lá estava: o chefe do partido não se esquecia nunca de que o era; a preoccupação das coisas politicas absorvia-o constantemente; a propria doença não podia com elle para lhe repousar o espirito das graves cogitações de patriota e estadista. Mas era para vêr, e não se olvidar jámais, a fina bondade, a estoica resignação, a liberalidade de affectos, com que elle fazia a ventura dos seus e o embevecimento de estranhos! O seu caracter, sempre digno, apparecia agora mais sympathico, nas tenues illuminações da velhice e da doença. Era a extrema reverberação d'um sol poente: momento delicioso e triste, de saudade e de paz; luz excepcional, luz unica no espirito e na natureza, em que as coisas são vistas com exactidão e com bondade...

Se d'este plano inclinado resvalasse ao tumulo, sem novo incidente importante na sua missão politica, teria acabado bem. Mas, felizmente, pôde acabar melhor...

A vida tão calumniada pela philosophia e pela litteratura de hoje, ainda é, ainda póde sêr, uma bella coisa. Mas é preciso que a encha o sentimento apaixonado d'uma causa grande e util. Só isto vale, só isto merece a alma de um homem, só isto compensa das dôres e das miserias do mundo... Quem não póde viver na absorção ineffavel de um Deus, ainda póde empregar-se no culto espiritual e no serviço terrestre d'uma idéa. Não é sómente a fé que dá o extase; tambem o dá o amor exaltado e puro a um destino que se acceita... Isto é hoje muito difficil; por isso a felicidade humana é hoje muito rara! A analyse e a liberdade decompozeram o mundo, e ainda não ha os symbolos correspondentes a esta phase da psychologia humana; e, á falta d'elles, as eternas faculdades mysticas do espirito, as divinas consoladoras da vida pela religião, pela arte, e pelo dever vão estiolando, desapparecendo, como flôres a que falta a seiva e o sol...

N'este momento, que é deslumbrante por

fóra e tão tragico para o *homem interior*, todo o exemplo de força é uma lição a aproveitar. E Anselmo Braamcamp deu-nos essa lição, nas vesperas da sua morte.

O seu ultimo acto publico, para realisar o qual teve de colher e concentrar os poucos alentos de vida que lhe restavam, foi a solemne affirmação de que era chegada a hora de incluir, essencialmente, os problemas economicos nos progŕammas da politica. O veneravel cidadão, invocando os melhores nomes da nossa historia constitucional, teve a feliz lembrança de vincular á tradição patria este pensamento moderno.

Foi justo e habil ao mesmo tempo.

A questão politica, como foi posta pela metaphisica social do seculo XVIII, está resolvida; a elasticidade doutrinaria dos systemas já foi levada á maxima tensão; os planos de Sieyés e de B. Constant teem sido sobejamente, e até impertinentemente glosados em todas as linguas e por todos os povos; as constituições cultas exaram quantas garantias in-

dividuaes e quantos direitos civicos a theoria liberal formou n'um *á priori* desabalado; e, onde ha omissões, basta o trabalho de reclamar, como entenderam no anno proximo passado os operarios belgas...

A questão social é que está de pé. Foi formulada; ha de resolver-se. Como? Não sei. Mas não participo do terror enorme que ella infunde em muitos espiritos. Porque o actual regimen da liberdade teve um baptismo de sangue, não ha de logo concluir-se que o novo regimen de Propriedade, caso venha a estabelecer-se, terá um baptismo de fogo. Como as forças da natureza, os processos do espirito são infinitamente complexos e variados... E até me inclino para a outra opinião, considerando que a ausencia de obstaculos politicos e o predominio, cada vez maior, do espirito positivo do nosso tempo, deverão determinar a progressiva pacificação das consciencias nas contendas e requestas da justiça ideal.

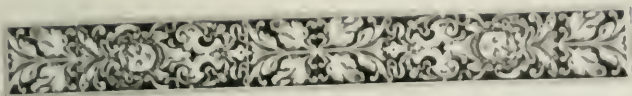
Anselmo Braamcamp, que tinha uma ra-

zão lucida e larga experiencia dos homens, entendia que era preciso fazer concessões graduaes ao movimento anti-capitalista dos nossos dias, sem deixar de empregar a maxima energia na repressão dos crimes contra a ordem.

Era, n'este ponto, da escola allemã.

Este pensamento, que é actual, que tem adeptos e apostolos entre os mais grados estadistas do mundo, que, se não envolve uma solução efficaz das difficuldades maximas da politica n'este fim de seculo, é, pelo menos, uma tentativa plausivel a ensaiar—recebeu de Anselmo Braamcamp a maior, mais fecunda auctoridade que uma idéa póde receber de um homem em Portugal!

E o saudosissimo chefe do partido progressista, tendo encerrado com este bello acto o formoso cyclo da sua carreira publica, compoz-se adoravelmente para a eternidade, e póde dizer-se que morreu á hora propria, no seu posto, voltado para o Oriente...

DISCURSO PRONUNCIADO NA CAMARA DOS SNRS. DEPUTADOS DE 15 DE ABRIL DE 1887 EM HONRA DO CONSELHEIRO ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELLO.

A MAIORIA da camara ouviu com profundo sentimento e com a mais respeitosa sympathia as eloquentissimas palavras proferidas pelo sr. Pinheiro Chagas; e eu, sabendo que interpreto a vontade de todos os meus amigos politicos, *(Apoiados.)* proponho que, depois de co. sagrada esta merecida homenagem a Fontes Pereira de Mello pelos oradores que queiram inscrever-se, v. ex.ª levante logo a sessão. *(Muitos apoiados.)*

Fica assim o dia de hoje assignalado e en-

nobrecido por um acto de verdadeira justiça nacional.

Foi para fazer esta proposta que pedi a palavra; mas, tendo-a n'este momento, vou tomar algum espaço de tempo á camara, menos para justificar a minha proposta, que é recebida com unanimes applausos, *(Apoiados.)* do que para satisfazer o meu coração, que a morte do eminente estadista impressionou e commoveu profundamente!

É claro que não me cabe a mim o honroso encargo da sua oração funebre. Esse dever, que é um acto de justiça e o desafogo de grandes saudades, pertencia á sua illustre familia politica, que tão fervorosamente tem sabido zelar e enaltecer a memoria do que foi seu chefe venerado e prestigiosissimo!

Lamentando que ainda se não tivesse feito uma apreciação exacta e completa de William Pitt, dizia ha pouco um grande escriptor francez, que é tambem um critico eminente:

«Compare-se o numero dos grandes homens ao numero dos grandes historiadores,

e ver-se-ha que é bem mais difficil julgar a gloria do que merecel-a.»

Ainda bem que a esplendida gloria do distinctissimo homem d'estado, cuja commemoração se faz hoje aqui, foi comprehendida e julgada devidamente pelo brilhante orador que me precedeu; ainda bem que a palavra de Pinheiro Chagas, palavra illuminada e quente, que tem sempre os relevos e as incrustações mais preciosas da historia, da arte, do coração e do espirito, soube modular, com harmoniosa e sentida eloquencia, o hymno e a elegia do que fôra seu chefe e amigo! *(Apoiados.)*

Fontes foi, na politica portugueza, um dos homens mais combatidos do seu tempo.

Era bem natural.

Quando um homem de extraordinarias faculdades personalisa um pensamento politico, activo e militante, a lucta que elle determina tem forçosamente de ser intensa e apaixonada: os que o seguem cobram alento, a toda a hora, da qualidade do chefe; os que

o combatem têem de graduar o esforço pela resistencia que encontram. *(Muitos apoiados.)*

D'este logar, onde tenho a honra de fallar agora, fiz a Fontes Pereira de Mello a mais calorosa e convicta opposição. Não me doe o coração, porque o respeitei sempre; não me accusa a consciencia, porque cumpri o meu dever. *(Apoiados.)* Mas tenho saudades, vivas saudades, d'aquelle luctador formidavel e bello, aprumado, correcto, eloquentissimo, cheio de gloria e de poder, com quem era uma honra insigne terçar as armas leaes do argumento e da palavra!

E direi mais que, entre as recordações agradaveis da minha vida, o tempo não ha de delir nunca a da gentilissima deferencia com que elle recebeu sempre, sem ver a minha humildade, a expressão, tantas vezes apaixonada, da minha hostilidade parlamentar.

O destino d'este homem de estado foi exemplarmente feliz. Teve, durante a vida, o ruido, a lucta e o prestigio, que elle pretendia

e amava; agora, morto, tem mais do que a paz. Tem a paz e tem a gloria!

É justo!

Este seculo é infinitamente complexo. Quando, no futuro, a critica inventariar o seu immenso trabalho, terá de descrever todos os ideaes da psychologia humana, todos os problemas da philosophia social, a theoria e a applicação de todas as sciencias, a revolução sob todas as suas fórmas, a affirmação e a negação de todas as cousas, uma ancia de vida como nunca houve, e uma sensação de dôr como nunca a alma humana soffreu! *(Muitos apoiados.)*

Não será possivel caracterisar por uma só idéa dominante e por um unico titulo a labutação gloriosa do seculo XIX. Mas, entre os seus grandes serviços prestados á civilisação humana, destacará sempre, em grande relevo, a effectiva transformação das verdades da sciencia nos melhoramentos materiaes de toda a especie, nas commodidades da vida, nas celebridades do commercio, em todas as

grandes vantagens que póde produzir a suppressão maravilhosa das distancias do espaço e das distancias do pensamento. *(Muitos appoiados.)*

A intelligencia, emancipada de antigos preconceitos, e a politica, entrada de nova alma, generosa e sympathica, tornaram possivel este magnifico resultado; *(Apoiados.)* mas a Fontes Pereira de Mello coube, incontestadamente, a grande fortuna e a grande gloria de comprehender e servir em Portugal esta missão utilissima do seu tempo. *(Apoiados.)*

Elevado ao poder, como chefe do partido, Fontes Pereira de Mello governou este paiz em longos annos. Tinha na politica um pensamento seu e um processo proprio; mas não é esta a hora de fazer a critica d'esse pensamento e d'esse processo.

Não ha homem, por mais vasto que seja o seu espirito, que tenha em si a verdade completa de um minuto, de um segundo . . . O absoluto é o ideal da nossa especie; não é propriedade exclusiva de ninguem. Quando um

homem desapparece da vida deixa na historia o desenho e a impressão exacta da porção de verdade que trouxe na sua consciencia, e vê-se então como é fallivel a critica humana, ora augmentando ora diminuindo a realidade das cousas moraes! É só então que se vê . . .

Mas se não é a hora de fazer a critica do pensamento e do processo de Fontes Pereira de Mello, é certamente a hora de dizer que raras vezes se reunem n'um homem de estado tantas virtudes moraes e tantos talentos como elle teve. *(Apoiados.)*

Deve dizer-se, antes de tudo, que elle amava fervorosamente a patria, a nossa querida patria tão merecedora de todos os affectos, e que este sentimento, sem o qual não ha estadista de vulto, lhe inspirou alguns dos mais bellos actos da sua vida. Ninguem já hoje ignora a grande parte que teve Fontes Pereira de Mello na nobilissima recusa d'um alto personagem á brilhante corôa da Hespanha; e todos sabem que as razões do seu conselho lhe exaltam, por igual, a sagacissima previsão

do entendimento e a intemerata lealdade do seu coração de portuguez!

Este só facto bastaria para que a historia da nossa terra lhe recebesse e conservasse o nome entre cultos amoraveis de gratidão e de saudade; mas são numerosos e complexos os titulos do seu eminente valor pessoal e politico.

Intelligentissimo, activo, tendo a intuição das cousas e o conhecimento facil dos homens, tenaz e habil, malleavel e forte, alma lavada de invejas e de odios, sempre generoso, ambicioso no bom sentido, leal e verdadeiro, tendo a consciencia de si e sabendo estar no seu logar, perfeitamente equilibrado, sem grandes enthusiasmos e sem egoismo excessivo, nem muito crente nem muito sceptico, occupando por direito proprio a tribuna e sabendo dominar-se n'ella—Fontes Pereira de Mello era o maior homem da sociedade politica portugueza, o primeiro que as vistas estranhas podiam distinguir de qualquer parte do mundo. *(Muitos apoiados.)* Se tivera nascido

em França ou na Inglaterra, poderia ter governado qualquer d'essas grandes nações, e creio que, educado por influencias melhores que as nossas, teria sido lá maior e mais util ainda do que foi aqui . . .

A critica verdadeira, a critica completa, que se faz com a cabeça e com o coração, tem de exercer-se sobre a obra e sobre a virtualidade dos personagens que estuda.

Já fallei da sua eloquencia.

Era admiravel!

A voz clara e vibrante, a estatura erecta e sempre composta, a phrase prompta e felicissima, a defeza valente, a replica audaz e scintillante, a illuminação do olhar, o movimento gentil da cabeça, differente da de José Estevão, mas tão formosa como a d'elle . . . ah! que immensa pena eu sinto de que tudo isto tenha desapparecido para sempre! Foi a perda de tudo isto que me commoveu e impressionou mais quando soube que a morte, a sinistra triumphadora de tudo e de todos, o vencêra e prostrára a final!

A sua palavra, rapida e facil, não movia vastos systemas de doutrina, nem se recamava de atavios preciosos e raros. Não era Guizot, nem Thiers, nem Castellar, nem Gladstone, nem José Estevão... Mas servindo facilmente a inspiração do momento, e perfeitamente adequada aos assumptos que elle versava, era uma grande faculdade, tinha um vivo esplendor, e fica, com a sua originalidade inconfundivel, na mais alta constellação da nossa tribuna parlamentar. *(Muitos apoiados.)*

Não saberão o que elle foi os que o não ouviram... Como a lamina de uma fina espada que não tem brilhos quando está immovel, em descanso, e só preluz e scintilla quando é erguida e vibrada—assim era a eloquencia de Fontes Pereira de Mello!

Termino aqui. Disse mais do que era preciso depois do eloquente discurso do snr. presidente do conselho e da larga e brilhante oração do snr. Pinheiro Chagas; mas o que posso affirmar a v. ex.ª e á camara é que disse

menos do que desejava em louvor do grande homem que tanta gloria deu áquella tribuna e tão grandes serviços prestou a este paiz! *(Muitos e repetidos apoiados.)*

(O orador foi comprimentado por toda a camara e por muitos pares do reino que estavam na sala.)

O snr. PRESIDENTE: — Vae lêr-se a proposta mandada para a mesa pelo snr. Antonio Candido. *(Leu-se.)*

É a seguinte:

PROPOSTA

Proponho que se dê por terminada a sessão de hoje, em testemunho de sentimento pela morte do eminente estadista Fontes Pereira de Mello, e que se communiquem estes votos da camara á familia do illustre finado.

Sala das sessões, 15 de abril de 1887. — *Antonio Candido.*

Foi approvada.

CONFERENCIA RECITADA NO ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO NA NOITE DE 29 DE AGOSTO DE 1887 SOBRE A MORAL NA POLITICA

MEUS SENHORES:

O ILLUSTRE presidente do Atheneu apresentou-me a esta assembleia com tão encarecidas palavras de sympathia e de louvor que eu não posso deixar de pôr aqui, em primeiro logar, a expressão do meu mais extremado reconhecimento pela sua bondade e pela sua gentileza.

Não valho o que as suas nobres palavras dizem. A mais de meio caminho da vida, não pratiquei ainda um acto que fosse util aos outros. A sciencia não me deve uma verdade; a arte conta-me entre os que a amam,

não entre os que a professam. Pouco malleavel, mas sem a tempera dos que podem e sabem luctar, nem vou na corrente geral, nem consigo oppor-me a ella efficazmente! E, n'esta consciencia do que sou, até penso ás vezes que melhor fôra não ter nascido...

É grande superioridade não querer enganar-me?! É coragem heroica dizer o que todos sentem?! Não tenho outro talento; não exercito outra virtude.

Mas fico muito contente com as palavras que me foram consagradas. Se não exaltam o meu orgulho, consolam a vaidade do meu coração; guardal-as-ha por isso a minha memoria, que é fiel.

E, cumprido este dever de gratidão e de sinceridade, proponho-vos já, meus senhores, o assumpto da minha conferencia. É a *Moral na Politica.* Poderia eleger outro, mais facil, mais ameno, mais aberto ás illuminações do sentimento, sempre gratas ao espirito peninsular; entendi, porem, que era este o mais util e opportuno emprego da minha palavra. Se

quizesse apenas entreter-vos, ser agradavel á sensibilidade esthetica do vosso espirito, sei bem o que havia de fazer. . . Mas ha tempo para tudo, meus senhores; e, se me não engano, soou a hora de meditarmos seriamente sobre as graves condições actuaes da nossa vida social e politica.

Não trago aqui a vestidura estreita d'um partido, nem a só inspiração da historia interna do nosso paiz; habituei-me a vêr, em questões d'esta ordem, a nação por sobre os partidos e a civilisação por cima dos Estados. O que não quer dizer que me não impressione principalmente com o que se passa em volta de mim, ou que perca de vista os interesses da patria, que eu, com o meu coração ordinariamente triste, não amo menos do que outros com o seu alegre enthusiasmo, optimista e feliz . . .

Poderei apenas esboçar as linhas e os contornos de assumpto tão complexo, tão profundo, tão difficil e melindroso como observação actual, quasi impossivel de resolver

como problema sociologico... Mas fragmentos de verdade são verdades; e no Porto, como em solo feracissimo, as boas sementes germinam sempre.

Antes do estabelecimento do regimen liberal, o problema da moral politica era extremamente simples. A multidão obedecia a um senhor, que possuia e exercitava todos os direitos. A submissão e a lealdade eram portanto as unicas virtudes necessarias aos povos.

Estas virtudes, de grande simplicidade, assumiram, por vezes, uma forma soberanamente bella. A passividade do coração tem os seus poemas; a escravidão voluntaria póde ser heroica. Mas, para o maior numero de vontades, o dever de se submetter e conservar-se leal não custava muito... Toda a intensidade moral estava do lado dos imperantes; e estes, impostos á obediencia dos povos por signaes do ceu — mediante o vôo das aves, como no monte Capitolino, ou mediante uma

sagração pontificia, como nas velhas cathedraes — encontravam sempre meio de fazer coincidir, na consciencia, o dever com o seu interesse. As responsabilidades, como eram só perante Deus, não lhes embaraçavam grandemente o pensamento nem a acção.

É certo que se procurava formar, na melhor educação moral, o animo e a vontade dos principes. Na remota antiguidade vê-se Aristoteles ao lado de Alexandre, e Seneca ao pé de Nero; em seculos mais proximos, nunca deixou de haver preceptores emeritos ao lado dos que tinham a herdar o sceptro e a coroa.

É tambem certo que se empregavam todos os meios para radicar nos povos o respeito e a veneração mais rendida pelos poderes do Estado, e que a religião e a politica dispunham, para esse fim, de recursos numerosos e valentes. Mas a complicação d'esses meios nascia d'outra causa, que não das difficuldades theoricas da doutrina consagrada. Se na consciencia havia a *fé* e se no Estado havia a *força*,

exercia-se o governo sem embaraços, o rei fazia a felicidade do seu povo, e, para alem do universo visivel, Deus inspirava sempre o melhor...

Tudo isto mudou inteiramente em menos de cem annos. Cada homem foi levantado a cidadão; cada cidadão teve a sua parte na governação do Estado. E d'ahi resultou que todo o homem, alem da sua moral como individuo, como membro de uma familia e como fiel de uma communhão religiosa, precisou da moral propria da sua nova situação, da moral politica, que é melindrosissima e de uma difficuldade enorme.

Aonde havia de procural-a? De onde havia de vir-lhe? Não a tinha o Christianismo, que educou admiravelmente, sob outros aspectos, a melhor parte do genero humano.

É evidente que, nos seus principios, se encontram alguns fundamentos de toda a virtude politica; é innegavel que a purificação das almas, que elle recommenda, prepara e facilita toda a acção exterior. Mas, conside-

rando a vida como transição fugaz para fins sobrenaturaes, como provação, dolorosa e sombria, d'um destino que vae todo para a eternidade—o Christianismo não tinha, não podia ter, normas prefixas para a existencia militante, activissima, que é a propria essencia da liberdade. Lêde o *sermão da montanha* e a *Imitação de Christo.* O espiritualismo mais extreme absorve ahi todas as potencias da alma e da vida. Segundo Jesus, a actividade exterior do homem só deve ser tanta como a das aves do ceu e como a dos lyrios do monte; segundo Gerson, que repete o Ecclesiastes, *a summa sabedoria consiste em nos endereçarmos, pelo despreso do mundo, aos reinos celestes . . .*

Quero eu dizer que o sentimento religioso seja indifferente, inutil, para a liberdade? Não. Não ha vida feliz, individual ou collectiva, sem ideal; é n'este ether das almas, n'este divino ambiente, que se formam e movem o amor, a fé, a abnegação, o enthusiasmo pelo bem, a dedicacão tenaz, a lealdade completa, todos os grandes sentimentos

que constituem a nobreza da nossa especie, e nunca foi possivel apertar e conter nas formulas estreitas do egoismo animal... E a religião foi, e é, o supremo idealismo dos povos.

Como prova de que se construe solidamente na politica, quando a religião serve de cimento, citar-vos-hei apenas, meus senhores, a fundação e a prosperidade dos Estados Unidos, impossiveis sem o espirito fervoroso dos puritanos, e a emancipação da Hollanda, que Marnix e Guilherme de Orange não teriam realisado sem a fé profunda dos *gueux*.

Um dos mais bellos periodos da historia humana foi aquelle em que se inaugurou a transição dramatica do antigo systema para o actual regimen da liberdade. É ainda recente. Os nossos paes foram agentes ou testemunhas d'essa transição. O que fascinou, encantou os povos foi a illusão immensa — formosissima illusão! — que fez crer que a felicidade social podia resultar, immediata e perfeita, da sim-

ples acção das leis! Certas palavras tiveram então o maior prestigio que pode haver nos sons articulados da nossa lingua. A poesia lyrica, esta adoravel faculdade que conserva sempre no genero humano, ainda nas velhas idades, a sua antiga alma infantil e moça; a poesia lyrica tomou para si, como assumpto, a emancipação da liberdade humana, e cantou-a fervorosamente.

A hymnologia da revolução liberal em todos os povos é um capitulo interessante, curiosissimo, que está por escrever. Vós ainda ouvistes o que se cantava, dentro dos muros d'esta cidade, nos memoraveis dias do cêrco . . .

Mas não foi sómente no coração popular, naturalmente ingenuo, que o enthusiasmo pela apparencia das cousas chegou ao sublime desvairamento em que é possivel a germinação conjuncta da poesia e do heroismo. Os primeiros effeitos da mutação politica perturbaram e illudiram até os melhores espiritos. Pensou-se, escreveu-se que a liberdade era

escola de si propria e um curso permanente de moral politica! S. Mill, que morreu ha poucos annos, Laveleye, que vive ainda, tiveram esta convicção, e sustentaram-n'a vigorosamente...

Não era, não podia ser. E não tardou que a esperança caisse, desfeita... A alma dos povos, como a alma dos individuos, agitada e sacudida por uma commoção violenta, transfigura-se, illumina-se, sente em si um deus interior, vê intuitivamente mil cousas que eram obscuras... Depois a vibração acaba, o enthusiasmo arrefece, as cousas entram no seu curso normal, irregular e lento, e vê-se então que em materia de costumes não se edifica levemente, não se edifica depressa.

A demonstração d'isto é facil, mas dolorosa: dolorosa para a minha sensibilidade, que tem o grave defeito de se retrair ante o conspecto das inferioridades humanas e de soffrer profundamente com a inanidade e tristeza de muitas cousas... Affirma-se, por isto, que sou pessimista! Não é exacto. Os

pessimistas teem a *voluptuosidade do mal*, que eu nunca senti. Creio que a Historia é uma grande edificação moral, e d'ahi resulta a minha fé profunda no *Bem*. Do homem de hoje e de sempre sei dizer que me merece admiração e piedade, os dous sentimentos ao mesmo tempo, por que elle não é *ange* nem *bête*, segundo o bello pensamento de Pascal.

Os povos modernos não teem a verdadeira comprehensão do Estado, meus senhores. Não é a da Grecia e de Roma, como insinúa a educação classica; tambem não é como a formúla e propõe uma certa escola mystica. É menos intensa do que aquella; é mais positiva e complicada do que esta.

Em vez de creado e imposto por um poder estranho, o Estado resulta d'uma lei immanente nos agrupamentos sociaes; em vez de ser um accidente no destino humano, de muito secundaria importancia, elle é esta instituição organica, complexa, multiforme, quasi

omnipotente, que nos envolve por todos os lados, que toma conta de nós antes de nascermos e nem á beira da sepultura nos deixa, que influe na nossa liberdade, que actua na nossa consciencia, que tem a seu cargo defender-nos a propriedade e a vida, que, como um grande navio no immenso mar do tempo, nos leva inteiramente para o futuro, com boa ou má fortuna!

Se isto fosse entendido assim, os interesses do Estado andariam, como andam, pospostos na consciencia publica, com infinita distancia, aos interesses individuaes e aos interesses familiares?!

D'esta justa comprehensão do Estado resulta que a intervenção na politica, intervenção de boa fé, não é mera faculdade que possa exercer-se ou não, como se queira, sem desastradas consequencias. É uma faculdade segundo a lei, mas é um dever segundo a consciencia. Quem o julga assim?!

A justiça e a utilidade geral reclamam que os mais dignos tenham a preeminencia das

honras e o commando effectivo das sociedades. O Koran diz n'um versiculo, que vi citado não sei por quem: — *O governo que nomeia um homem para um emprego, havendo nos seus estados outro homem melhor, pecca contra o Estado e contra Deus.* Quem se impressiona já, n'este nosso mundo de Christo, com a exaltação, predisposta ou improvisada, de tantos que teem apenas, na séde do talento, a habilidade da intriga, e no logar do coração... um espaço vasio?!

Distingue-se, e convictamente, entre dignidade pessoal e dignidade politica! Pode esta escorrer sangue, ferida pela justiça mais evidente, que isso não impede a outra de se ostentar e impor efficazmente, com o mais exagerado melindre. Como se a honra não fosse indivisivel e simples! Como se na consciencia moral podesse haver soluções de continuidade...

Não ha nada mais melindroso do que a reputação do homem de Estado. E com toda a rasão. Eu sei que não póde provar-se uma

accusação de improbidade pessoal contra qualquer dos homens eminentes, que superintendem nas cousas publicas da Europa; mas tenho pensado muitas vezes com tristeza que sendo honrados, como quero acreditar, nem sempre se preoccupam muito de o parecer!

A politica economica foi uma das mais bellas inspirações do nosso tempo. Metter todos os interesses da grande multidão n'uma formula constituida, em partes eguaes, de justiça e de sentimento, é um ideal soberbo! Mas as grandes ideias precisam de grandes homens; e, em vez d'isso, é a politica de negocios, sem intenção e sem alcance, a que está de cima n'este momento! A finança egoista, exploradora, insaciavel, triumpha em toda a linha. Na tribuna não resoam já as grandes palavras que apaixonaram e commoveram a geração que nos precedeu; as vozes que mais valem são as que retinem, como metaes, no calculo de operações fabulosas... A França esperava ainda ha pouco, anciadamente, o annunciado discurso do seu pri-

meiro ministro. Disse muitas cousas uteis... Mas procura-se em vão, n'aquella multidão de palavras, um pensamento, uma phrase que tenha podido consolar a velha alma gauleza, tão generosamente idealista! Ora assim como a extincção do *fogo sagrado,* que ardia perennemente em cada altar domestico, na Grecia e em Roma, presagiava uma desgraça irremediavel — eu não considero de bom agouro este descendimento rapido do coração e do espirito, esta feição pequeninamente industrial que a politica assume, e com que tenta e seduz o maior numero...

Não continúo... É d'estes elementos, e de outros semelhantes, que se forma a opinião, isto é, a moral dominante. E a opinião é, para as almas, como o ar atmospherico para os corpos. Vivifica ou mata. Depende isso da sua composição.

Tem-se procurado remediar este mal, universalmente sentido, aperfeiçoando de dia para

dia, de hora para hora, as leis politicas e administrativas, na ingenua supposição de que ellas formam os costumes; e é positivamente assombroso o que se tem feito n'este sentido! Nas escolas e nos partidos não se trabalha n'outra cousa ha meio seculo . . . O que a razão tirou de si mesma! O que a phantasia pôde tecer no seu tear de marfim!

Tomemos um exemplo; e seja o mais facil.

A politica moderna é essencialmente, indestructivelmente *representativa;* a representação da vontade popular no governo realisa-se por meio do voto. A respeito da natureza, da extensão e da forma do voto quem poderá ahi repetir o que se tem ideiado e o que se tem experimentado ?!

Ha a theoria do voto como direito natural, de todos, e a que o restringe á capacidade social de cada um. A primeira theoria abrange os que entendem que só o homem pode e sabe intervir no governo das sociedades, e os que sustentam que tambem as mu-

lheres devem trazer á politica a contribuição da sua encantadora psychologia; a segunda tem a escola dos que põem a capacidade eleitoral na instrucção mais ou menos complexa, e a dos que a assentam unicamente no censo da propriedade. Temos o suffragio directo, o suffragio em dois graus, e ainda em tres e em quatro. Ha a lista d'um só nome e a lista de muitos nomes. Ha o systema da simples representação das maiorias e o que tambem dá ás minorias a sua representação proporcional: este conta, pelo menos, doze processos differentes, quasi todos experimentados na Europa e na America. Sobre o modo de garantir o genuino recenseamento dos eleitores e o apuramento definitivo das eleições, já não ha que fazer! Depois de se exgotar tudo o que a administração graciosa e contenciosa podia produzir, recorreu-se ao poder judicial para que applicasse a esses factos a apertada forma dos julgamentos civis e criminaes . . .

E que se conseguiu com tudo isto? Em

*

que melhoraram os costumes publicos com tanta perfeição juridica nas leis da liberdade eleitoral? A bocca da urna começou, por ventura, a ser a bocca da verdade?!

Pelo que se passa no nosso paiz, podemos responder a estas perguntas com inteiro conhecimento de causa.

Nós temos a melhor lei eleitoral do mundo; as da constitucional Inglaterra e da França republicana ficam a grande distancia da nossa. As doutrinas dos melhores publicistas foram aqui legisladas mal appareceram nos livros; e, o que é singular, tudo se fez com a mais edificante unanimidade dos homens publicos e dos partidos! Até para a ultima demão n'esta obra houve *accordo* expresso e amoravel dos que eram, na vespera, inimigos jurados e truculentos... E tudo ficou como era antes, se não ficou peior!

A abstenção eleitoral é cada vez mais importante pelo numero e pela qualidade dos que sè absteem. Os costumes publicos descem, baixam a olhos vistos. O desalento e a

indifferença invadem e vencem quasi toda a gente . . .

Não se debella uma doença combatendo apenas os seus symptomas. O mal de que padece a sociedade politica portugueza, de que padece toda a civilisação politica actual, não é dos que podem ser curados por meio de reformas engenhosas, preparadas nas secretarias de estado, e caldeadas depois na verbosidade parlamentar. Com a nossa Carta de 1826, com a primeira lei eleitoral que tivemos, com o Codigo Administrativo de 1842, poderiamos nós ser, politicamente, o povo mais feliz da Europa; como a França o poderia ser com a Carta de Luiz XVIII; como o é a Allemanha com o imperio quasi absoluto e com a sua chancellaria de ferro.

É preciso refazer o *homem interior,* desmoralisado pela lição contradictoria dos livros e dos factos, pela desastrosa influição da doutrina quasi sempre falsa e dos exemplos terrivelmente contagiosos; é urgente restabelecer a justiça, a eterna justiça simples e effi-

caz, nos sentimentos da opinião e nos factos do poder. Sem isto a theoria é vã e a pratica é mortal.

O parlamento deveria servir para o julgamento effectivo dos homens e dos seus actos; mas, para isso, seria preciso que se sentisse alli a opinião publica—que o parlamento não fosse ou não parecesse, pela solidão em que está, uma como tenda isolada no meio d'um deserto . . .

A tribuna antiga prestava para este fim; lá a politica e a justiça andaram sempre intimamente ligadas. Mas quem se lembrou já de transformar a tribuna moderna em logar de accusação directa dos que prevaricam contra o Estado? . . . A indignação dos accusados, o interesse dos seus cumplices e a cobardia dos outros esmagariam o que se atrevesse a tanto; e passava-se logo á *ordem do dia,* que bem poderia ser a nova importante divisão d'um circulo sertanejo nas suas assembleias eleitoraes . . . Desde que, nas camaras, é impossivel ou perigoso julgar os homens

sob o restricto aspecto da sua dignidade pessoal, que impressão vos faz a *paixão politica*, furiosa e atroadora, manifestada nas pequeninas cousas que lá se discutem?! A minha... nem a quero dizer!

A civilisação politica dos nossos dias tem esta sombra espessa; e quando a contemplo, abstraindo do que me cerca, de tantas virtudes do nosso tempo, que são evidentes, do immenso progresso que se tem realisado em tantas cousas, chego a sentir a poesia do passado, n'uma especie de impressão nostalgica... Mas esta illusão da minha alma dura pouco, e attribuo logo á imaginação o logar que lhe pertence. Nunca houve tanta bondade no mundo, e a bondade é a lei suprema da vida. Existem no coração dos povos ineffaveis correntes de sympathia social; o que falta apenas é a unidade, ideal e tangivel, que as reuna e represente a todas. Nunca se soube tanto! Consola, faz bem pensar que, a esta hora, mi-

lhares de phantasias, enamoradas da arte, se embebem no azul da inspiração esthetica, e milhares de cerebros arrancam tenazmente, aos problemas mais cerrados, os maximos segredos da vida; e que a sciencia positiva, como uma columna de diamante, cresce, sobe de dia para dia . . . Quem desadora o sol porque tem manchas?! Como ha de negar-se a civilisação porque tem sombras?! Se a minha attenção recahe principalmente sobre uma d'ellas, é porque é a maior de todas, e a que posso contemplar mais vezes e mais de perto.

O absolutismo não pôde educar-nos para a liberdade; o Christianismo, preparando as almas para a receberem, não a organisa, não a disciplina; é insensato dizer-se que a democracia é escola de si propria; ninguem espera que desçam da montanha, entre relampagos e trovões, as taboas de uma nova lei; está por apparecer, pela primeira vez, a escola de philosophia de que a verdade irrompa, em leito largo e profundo, como um

grande rio fecundante de toda a humana consciencia!

Havemos, por isso, de descrer de nós? Havemos de desesperar do futuro? Não. A Humanidade tem sempre em si um grande reservatorio de forças, de que nem sequer se suspeita nas quadras menos expressivas da sua existencia; e ha um sentido profundo e completo n'estas palavras escriptas por alguem: *A Historia tem dias tristes, mas não tem dias estereis, destituidos de interesse.*

É certo que o nivel moral da politica tem baixado. É um grave mal, mas não é um mal irremediavel. Cumpram o seu dever os que o conhecem. Podem poucos salvar a muitos. Ha contagio no mal, mas ha sympathia no bem. Esta phase, tão morbida, tão desalentadora, ha de passar, cedendo a outra melhor. Como? . . . Quando? . . . Ainda no nosso tempo?... Não sei. Mas uma das mais bellas faculdades da organisação humana é a de sentir e praticar o dever sem a visão directa do seu fim util.

A nossa educação, a educação de todo o mundo occidental, é essencialmente revolucionaria. As epochas da nossa historia foram sempre assignaladas por movimentos bruscos, por transições, violentas e rapidas, d'um para outro estado religioso, politico e civil. Isto faz que nós succumbamos, abatidos e descoroçoados, diante de qualquer grande difficuldade, e fiquemos depois, esterilmente, á espera d'uma revolução que nos impulse ou d'um Messias que nos salve!

Não é bom. O espirito positivo do nosso tempo é cada vez mais incompativel com esses processos, só possiveis n'outra comprehensão do mundo, metaphisica ou mystica...

A politica forma, entre nós e lá fóra, uma classe. Em vez de ser a natureza social de todo o homem, é a profissão de alguns. Profissão e industria quasi sempre... Em geral vão para ahi os que teem a ganhar, e não os que teem que perder. Erro gravissimo! O ganho d'uns é pura perda dos outros... Se a maioria da nossa sociedade se resolver a in-

tervir nas cousas publicas, e levar para lá as virtudes que ainda tem, já o mal, de que nos queixamos todos, ficará attenuado, diminuido. Deve intervir. Alem de tudo o mais, é uma alta obrigação de patriotismo; a historia de todos os tempos ensina que a independencia dos pequenos povos depende essencialmente do seu regimen interno.

Li ha pouco um livro de J. Simon. Destina-se, em grande parte, a combater a apathia moral, a abstenção systematica dos conservadores francezes; e o que elle diz é, em muito ponto, applicavel a nós.

Escreve palavras d'oiro o velho publicista, que é hoje, incontestadamente, uma das mais bellas figuras do mundo.

Sceptico em mil pequenas cousas, como quem já mede um largo estadio de observação pessoal no periodo mais inconsistente que ainda houve, mas fiel á Liberdade e á Patria, que tem amado sempre; com este acre pessimismo, que é inevitavel, que se exhala de tudo, mas com uma grande bondade, na-

tural e calma, que é do seu temperamento, e tambem do genio litterario em que o seu vasto espirito se educou — Julio Simon é um dos maiores mestres da nossa raça n'este seculo, e eu amo a sua auctoridade como segurança de acerto e justiça nas minhas opiniões.

Combatendo a attitude espectante dos conservadores francezes, elle refere um velho apologo de Platão, que não resisto a resumir aqui. É a moralidade e o remate de tudo o que disse.

Navegava uma barca pelo mar. Os marinheiros mataram o capitão, e deitaram-no ás ondas; depois guerrearam entre si, desesperadamente, disputando o leme. Os passageiros, que eram pessoas gradas e ricas, sentados commodamente, riam d'aquella furia insana, e contemplavam com immenso gosto a sua propria sabedoria... Ninguem notara ainda o estado do Ceu.

De repente, levanta-se o vento, encrespa-se o mar, desencadeia-se uma temerosa

tempestade, e a barca, com todos que estavam dentro, vai para o fundo...

Vindo aqui, ao seio do Atheneu Commercial do Porto, tão admiravel por tudo, dizer sinceramente o que me preoccupa n'este momento, eu quiz, meus senhores—ao contrario do que succede no apologo de Platão —chamar a attenção d'alguns espiritos para o estado do ceu. Poderá duvidar-se de que haja serio motivo de receio; mas tambem não consta de naufragio determinado por excesso de prudencia...

———

DISCURSO PRONUNCIADO EM 1888 NO SALÃO DO THEATO DE S. CARLOS A FAVOR DAS VICTIMAS DO THEATRO BAQUET DO PORTO.

Reproduzimos, com a devida venia, do supplemento do *Jornal do Commercio* de 15 de abril de 1888 o seguinte discurso do ex.^mo sr. doutor Antonio Candido, com o bello e notavel artigo de que o precedeu a illustre redacção d'esse jornal.

OS EDITORES.

Devemos á velha e constante amizade de Antonio Candido o prazer de publicarmos hoje na integra o discurso pronunciado pelo grande orador no sarau da imprensa, celebrado em S. Carlos.

Este discurso é dos raros que não perdem nada na leitura. Falta-lhe, é verdade, aqui, a illuminal-o de chamma intensa e viva, a dar-lhe a plasticidade de uma esculptura, e a perfeita harmonia d'um poema, a voz malleavel e ductil, o gesto amplo e bello, tão graciosamente facil e natural do orador; mas, por outro lado, a extrema concentra-

ção de pensamento, que faz d'este trecho de eloquencia classica um trecho da mais moderna e mais profunda philosophia, só pode ser devidamente comprehendida e apreciada na leitura vagarosa, saboreada a pequenos haustos, dos seus periodos excellentes. É que o pensamento de Antonio Candido mergulha a sua raiz complicada no que de mais profundo tem a consciencia e a intelligencia humana; emquanto que a sua palavra, flôr de purpura rara, se levanta perlada do mais fresco orvalho, impregnada do mais exquisito aroma, perturbadora e captivante, nos caprichos da mais perfeita fórma.

Não é de certo a amizade que nos cega, quando damos a esta intelligencia privilegiada, delicada e máscula, poderosa e sensivel, que parece reunir a tudo que de mais feminino tem a graça tudo que a força tem de mais subjugador, o logar eminente que de direito lhe pertence.

Antonio Candido, que seria n'outras circumstancias e n'outro meio politico, nos accidentes suggestivos d'uma crise nacional, ou nas phases epicas d'uma revolução grandiosa, o tribuno inflammado

d'uma causa generosa que o apaixonasse e o seduzisse, é hoje, pelas circumstancias especiaes que o subordinam, principal e genialmente o orador academico, d'uma «élite» intellectual, que infelizmente n'este paiz se não pode chamar muito numerosa . . .

Preparado por uma vasta cultura, levado por uma predisposição nativa incombativel, aggravada por causas que não são para aqui, o seu espirito é particularmente attraido pelos altos e complexos problemas da Philosophia e da Historia, pelas questões que prendem e se relacionam com a questão suprema do humano destino.

A sua intelligencia comprehensiva, flexivel, e de uma vibratibilidade prodigiosa, de uma delicadeza seductora, sabe extrahir das coisas a quinta essencia mais subtil, o perfume mais incoercivel e mais ideal. Acostumado a estudar na historia as leis da evolução social, e no pensamento humano os segredos do seu desenvolvimento e da sua efflorescencia visivel, a sua palavra lucida penetra os assumptos, sonda, explica as causas, reduz a leis o que parece mais arbitrario, põe a harmonia calma

do raciocinio no que mais desordenado se afigura, á superficial attenção do vulgo . . .

Será elle sempre apreciado como devia sel-o? Não sabemos. Um homem como elle está forçosamente em contradicção com o seu meio e em desproporção com o seu publico.

Este discurso em que, rapidamente, nos toques leves que cabiam no tempo de que o orador dispunha, elle nos deu como que o extracto requintado das mais antigas e das mais modernas theorias, pelas quaes a humanidade tenta explicar a si mesma o problema, eternamente insoluvel, do seu destino, esta bella demonstração de todas as theorias moraes que a Vida encerra para nos consolar da inanidade com que ás vezes apparece aos olhos dos que pensam mais alto, e dos que soffrem mais vivamente, este protesto soberbo contra o pessimismo feito doutrina, protesto involuntariamente embebido nas lagrimas de uma melancholia sem fim . . . este fragmento da alma de um homem, atirado com tão gentil e perturbante eloquencia á alma de uma multidão, seria realmente comprehendido por esta? Iamos jurar que não! . . .

Mas ainda bem que entre nós ha espiritos que, collocados n'um ponto de vista incomparavelmente superior, vêem mais longe, descobrem horisontes mais extensos, e podem, na hora da crise, ser guias, e, na hora da vacillação, ser conselho firme e seguro.

Para Antonio Candido a vida social tem leis positivas, e a alma humana definitivos ideaes.

Porque o coração de alguns soffre, não se segue d'ahi que condemnemos a vida; porque vacilla n'este instante a consciencia de muitos, não se conclua que a Moral é inane e vã; porque esta hora historica é de uma tristeza indefinivel e estranha, amarga e dolorosa, não se affirme que a evolução fatal do Espirito não traga horas melhores, horas de mais fé, horas de affirmação mais energica, e de força mental mais positiva.

O que foi será, melhorado cada vez mais.

É melancholica a philosophia d'este homem que pensa, emquanto os outros luctam, que soffre, emquanto os outros gozam, que se concentra na an-

gustiosa meditação de problemas que outros põem de lado, inconscientes ou desdenhosos . . .

Mas se mergulhando nos abysmos vastos da Historia, e no oceano incommensuravel da Consciencia, elle de lá voltou, como Dante do seu Inferno, perturbado pelo que viu, entristecido pelo que adivinhou, seja-lhe ao menos feita a justiça de que a sua palavra, appellando ainda hontem para o que de melhor, de mais claro e humano existe em nós, suggerindo-nos todas as boas razões que podemos ter para amar a vida, imperfeita e incompleta como é, nunca tenta communicar-nos a tristeza das cousas que elle sente e de que elle padece.

Antonio Candido não é só um orador brilhante, é o pensador que procura levantar para si o espirito dos que o ouvem, interessar nos problemas universaes a intelligencia dos que o comprehendem, rasgar, deante dos olhos dos que pensam, os horisontes mais amplos da consciencia e do sentimento.

Se elle sabe quantos milhares de illusões são necessarios para compôr uma parcella de verdade, tem para essas illusões sympathicas, que são talvez o mais brilhante e o mais bello patrimonio huma-

no, a sua piedade unctuosa de poeta, o seu enternecimento de artista.

E a verdade relativa, que tantas chymeras ajudaram a construir, ninguem mais do que elle a respeita, a venera, e a enthesoura no cerebro e no coração.

'Dêmos-lhe pois a palavra, pedindo desculpa aos leitores do longo preambulo com que a precedemos.

Eis o que disse o orador:

———

Minha Senhora[1]

Senhores:

O orador eloquentissimo que abriu este sarau, commovendo-nos e consolando-nos com a sua palavra quente, vibrante, admiravel, deixou-me a mim o encargo de exprimir, consagrar tudo o que ha bom e elevado na festa d'esta noite. Foi uma lembrança gentil do seu generoso coração de amigo; não é uma obrigação que se me imponha, que eu sinta, depois do bellissimo

[1] Sua Magestade a Rainha.

discurso que elle proferiu! Em rapidos minutos disse tudo a grande voz, a querida voz de Pinheiro Chagas, resuscitado para a tribuna portugueza já inconsolavelmente saudosa do explendor que só elle sabe dar-lhe; e eu venho sómente para cumprir, de boa vontade, mas na mais modesta attitude, um facil dever que me foi amavelmente lembrado pela digna commissão da imprensa de Lisboa.

Não farei uma conferencia erudita. Seria impropria, e talvez parecesse... abuso de confiança. Tambem não recitarei um discurso, em fórma; este genero de eloquencia, quando se não emprega para vencer uma difficuldade real, positiva, no coração ou na consciencia de quem ouve, é pura simulação de arte, uma coisa postiça, sem perigo e sem interesse. Ora nós estamos de accordo em tudo, ou em quasi tudo.

Senti, como toda a gente, as desgraças do Porto, e pensei um pouco nas miserias humanas, e sobre alguns meios de as prevenir e remediar. É o que venho dizer, simplesmente,

sem emphase, sem apparato, procurando apenas a indispensavel correcção litteraria para que o desalinho da phrase não pareça menos respeito pela distincta e nobre assembléa a que tenho a honra de dirigir-me.

Meus senhores:

O ultimo quartel d'este seculo é notavelmente triste. Como nos derradeiros periodos da civilisação hellenica e da historia romana, em alguns seculos da Edade-Media, e ainda em epocas seguintes, o *pessimismo* da vida invadiu a consciencia culta, e quasi tomou posse d'ella.

Se fosse apenas um vago sentimento de mal-estar, sem formulas determinadas, não valeria muito a pena discutil-o; mas é já effeito de uma doutrina estabelecida e propagada, com mestres e discipulos, que a si propria se condecora com a denominação de philosophia, embora não passe nunca, no alto juizo das coisas, d'uma litteratura mediocre, sem

grandeza apreciavel e sem ideal que a recommende!

A dor, o mal, o valor da vida—são mais uma vez questões de irrecusavel actualidade; para as versar é opportuno o momento, porque estamos ainda todos sob a impressão de uma d'estas enormes calamidades, que, ao mesmo tempo e contradictoriamente, rasgam as fontes da humana piedade e fazem a anarchia do entendimento moral!

A dor é a mais fecunda inspiração psychologica. Como é preciso que o ether vibre para que appareça a luz, assim é necessario que a sensibilidade se commova para que o espirito entenda as coisas com clareza e a vontade proceda bem... Sob a fórma de necessidade material, a dor creou a industria; nos transes e provações do combate interior, edificou a moral; no martyrio das revoluções, organisou a politica; e até pelos cruentos processos da guerra tem assegurado muitas vezes o equilibrio dos povos, o direito das raças e a civilisação do mundo! Desde o genio, que é

uma *nevrose* do cerebro, até á caridade, que é um aperto do coração — quasi tudo, que é bom e util, promana d'ahi . . .

Repete-se a todo o momento que a dor é a maior realidade da vida. Sim, mas com uma correcção indispensavel:

É a maior, porque é a mais consciente.

É-se feliz sem dar por isso; não se é nunca desgraçado sem o sentimento de o ser!

Não teem razão as escolas que são pessimistas por systema. Um phenomeno da vida não é toda a vida. Um gemido do coração não é toda a arte. A miseria suppõe a felicidade como a sombra suppõe a luz; e seria insensato dizer-se que a miseria é uma realidade do mundo, e que a felicidade é pura idéa, innata ou adquirida, mas sem objecto. Porque um poeta da Italia, descoroçoado e doente, mais funebre no seculo XIX do que foi Dante na Edade-Media, e porque alguns philosophos da Allemanha, incapazes da maior herança de pensamento que ainda se addiu n'uma raça, lançaram aos quatro ventos o in-

fando pregão do infortunio humano — não vamos nós n'essa corrente sombria, que se sumirá brevemente na historia, sem ter fecundado para grandes coisas a geração que atravessou!

Contemplemos a vida de mais alto, e vejamos, meus senhores, que vale a pena viver.

A natureza é impassivel, mas é admiravelmente bella. A humanidade é soffredora e boa. A historia, estudada com amor, é um thesouro de tudo. A arte, pondo em relevo exterior os idéaes da nossa especie, exalça e educa a nossa alma, consola muito mal, faz-nos aspirar e ascender sempre ao que é melhor, ao que é mais perfeito... São grandes virtudes, e não raras no mundo, a sympathia, a admiração, a fé, a lealdade, o enthusiasmo, o heroismo, a abnegação e o sacrificio. As creanças hão de ser sempre adoraveis mysterios de innocencia e de graça; a velhice nunca deixará de ser a mais augusta e veneravel forma do poder da experiencia e da auctoridade moral. Ha tristeza nos homens e

melancolia nas coisas; mas ha poetas que recolhem isso piedosamente, em amphoras que só elles teem, e fabricam depois preciosas obras de arte, talvez as melhores... Ha dores, fome, conflictos sangrentos, tragedias formidaveis, palavras que mentem, caracteres que atraiçoam, esperanças que se mallogram, promessas que se não cumprem, e, por fim, em negro remate, a morte... mas, parallelamente a estas miserias, quantos divinos esforços tentados para as combater ou diminuir, desde a epoca das cavernas até á cidade de hoje; desde o machado de pedra até á machina a vapor; desde a *tatuagem* até á imprensa e desde a imprensa até á electricidade; desde as pinturas muraes dos Egypcios e dos Assyrios até aos museus de Madrid, do Louvre e do Vaticano; desde o despotismo oriental até á liberdade latina; desde a antiga terra, povoada de deuses, até ao moderno ceu, despovoado de terrores?!

Vale a pena viver, vale. E, para conservar o goso da vida, não estanquemos as fontes da

vida por uma analyse desvairada, morbidamente perscrutadora. Era já este o conselho de Lucrecio, o grande poeta romano que tantas coisas sabia . . .

Não me assusta o receio de que fiquem, não passem, estas impressões doentias de uma pequena sciencia e de uma estreita litteratura, que aliaz não lograram inda penetrar a alma sã, honesta, inculta mas equilibrada, da grande multidão.

Se ha alguma coisa contraria e opposta ao nosso genio, isto é, á nossa ethnologia e á nossa historia, é isso. Nós temos feito tão grandes coisas! É tamanho o nosso poder de invenção e de renovação!

Realizamos a maior e mais extensa civilisação que ainda houve; assimilamos, reduzindo-o ás suas justas proporções, todo o admiravel sentimento que encheu a inspirada alma semita; entendemos e apropriamos, na medida do que era possivel, o espirito da Grecia,

feito de belleza, de harmonia e de razão; ainda conseguimos aperfeiçoar algumas instituições romanas, que pareciam imperfectiveis por serem correctissimas; saimos da theocracia e do feudalismo medieval melhores do que eramos antes; fomos os auctores d'aquella alegre illuminação, deslumbrante e graciosissima, feita de alvoradas de intelligencia e de sorrisos do coração, a que se chama a Renascença; fundimos as tyrannias do poder politico na fragua ardente, na braza viva de uma revolução, que se diz franceza, que foi humana... Tendo feito tudo isto, tendo sido capazes de tudo isto, nós poderemos sentir desfallecimentos transitorios, poderemos, n'uma hora, hesitar sobre o caminho que nos convem eleger, poderemos succumbir hoje para nos levantarmos ámanhã: mas só por um desvario de pouco tempo, por uma enfermidade de humor perfeitamente curavel, é que adoptaremos, como nosso, por mais que nol-o préguem e recommendem, o ideal mystico d'essa velha India, em que a natureza é cruel e san-

guinaria; em que destillam e innoculam venenos de morte as plantas e os animaes; em que a imaginação, apavorada e escandecida, retrata, amplifica e move monstros e phantasmas; em que a historia é um espesso nevoeiro de lendas; em que o theatro e a poesia se reduzem á rotação interminavel de uma tragedia sem pés e de um lyrismo sem azas; em que a perfeição moral, emfim, leva os ascetas e os penitentes á lenta anniquilação fatal do entendimento e da energia propria, n'aquellas vastas florestas, silenciosas, cheias de mysterio, onde se celebra e consumma a todo o momento o eterno drama, universal e terrivel, do ser e do não ser!

Não teem razão, não teem a verdade que se attribuem, escolas tão deprimentes do nosso caracter activo. Mas não direi que ellas são inuteis em todo o sentido, e que hão de extinguir-se sem terem deixado na consciencia a germinação d'alguma cousa proveitosa.

Não se perde um atomo de materia na natureza; tambem não se perde, no espirito, um atomo de intelligencia. Cada escola estuda particularmente um facto, ou apura mais um processo conhecido; esse facto e esse processo vão sempre, no periodo seguinte, servir um fim mais complexo, mais comprehensivel dos interesses humanos, e, por isso, mais verdadeiro. E eu antevejo já o proximo advento de novas theorias que exemplificarão, talvez ainda no nosso tempo, este principio de critica geral. Não voltará a philosophia ao optimismo de Leibnitz e de Malebranche, a arte não tornará a ser innocente e bucolica como nos tempos de Wateau, de Florian, e da nossa boa Arcadia; mas as miserias sociaes desnudadas, desfibradas, sondadas implacavelmente, determinarão uma bella reacção de sympathia e de bondade, e os sentimentos que teem sido a honra e o orgulho do coração humano, calumniados hoje por uma litteratura inferior, refulgirão ainda em obras immortaes de inspiração e de intenção moral!

*

Haverá sempre temperamentos alegres, abertos á comica hilaridade do mundo; e a tristeza das cousas e a melancholia dos genios continuarão a exhalar a dôr, ora material, ora sublime, da nossa vida, que é feita assim... Desde Aristophanes até Voltaire, não esquecendo Rabellais; desde Lucrecio até Schopenhauer, passando por Pascal; desde Ovidio até Leopardi, tocando forçosamente em La Rochefaucould—ha de tudo isso em quantidade immensuravel...

Só em tudo está tudo. O que foi será, melhorado sempre. É esta a unica formula em que cabem, sem se contradizerem, a identidade fundamental e a infinita *progressividade* da nossa especie.

Tem-se discutido muito, meus senhores, sobre a origem e a natureza do *mal*.

A bibliographia d'esta idéa é enorme. São incontaveis por numeros os mythos e os systemas que, procurando explanal-a... só teem conseguido obscurecel-a!

É bem certo que as cousas mais questionadas no mundo são sempre as mais simples!

O *mal* não existe. Quero dizer que não existe *em si*, na natureza ou na consciencia, como uma realidade substancial. É apenas uma relação de contrariedade da vontade com as cousas.

Isto tem um remoto sabor metaphisico, mas não é metaphisico.

A doença e a morte avultam entre as peores condições da vida. E comtudo a morte, no martyrio voluntario, é uma illuminação gloriosa; e a doença mais pertinaz, mais tormentosa, mais miseravel, considera-a a sanctidade de milhões de crentes como uma provação gratissima e feliz . . . A exaltação do heroismo militar não tem feito ir pelos ares, n'um suicidio épico, navios e cidadellas ?!

Por outro lado, é a vontade dos homens que tem feito maior mal no mundo. A paixão do odio humano excedeu sempre a braveza das feras mais temiveis. O egoismo social

tem sido, e é ainda, em muitas cousas, tão implacavel, tão impiedoso como as ondas brutas do mar no naufragio e as labaredas do fogo no incendio... Mais existencias tem devastado a guerra do que todas as epidemias juntas, sommadas, incluindo as do Oriente e as da Edade-Media. E não ha no coração humano sentimento bom, terno, adoravel, desde o amor, que é a flor e o perfume da vida, até ao culto de Deus, que é o remate da perfeição intellectual, que não tenha uma longa e triste historia de crimes...

O que faz a violencia da impressão nas desgraças humanas é a contradicção d'ellas com o que se *entende* e o que se *quer* geralmente. E isto dá a razão do diversissimo effeito que produzem em nós os cataclismos da natureza e as hecatombes da religião e da politica, os infortunios que revestem uma forma dramatica e aquelles que se arrastam, na sombria evolução da sua dor, sem estertor que se ouça e sem agonia visivel!

A enorme catastrophe do Porto exempli-

fica bem isto. Teve todo o horrivel apparato de uma verdadeira tragedia, sem lhe faltar, para a tornar mais agudamente dolorosa, o contraste da hora e do logar em que se consummou! Por isso todas as fontes da piedade se abriram logo como nunca, e foi um bello movimento de bondade e de sympathia o que se seguiu depois . . .

Em mim, no meu coração, aquellas circumstancias avivaram consideravelmente a dor e a condolencia, que seriam grandes em todo o caso . . .

Gosto de ver o povo nas festas, nos divertimentos publicos. Precisa d'isso. A vida só é acceitavel com todas as coisas boas que ella tem. O trabalho violento, as privações de todos os dias, a miseria do desamparo, a comparação com outros destinos que são ou parecem melhores, o assombro de tantas cousas inexplicaveis no mundo e na consciencia, a impossibilidade de contemplar a vida no conjuncto dos seus aspectos, e de repousar assim a intelligencia em alguma verdade geral —

tudo isto, se não houvera compensações, tornaria verdadeiramente insupportavel a existencia de numerosas classes, a que o morgadio social instituido em favor de algumas (bem, segundo uns, mal, segundo outros mas, a questão não é para aqui . . .) deixa apenas o usufructo gratuito do sol, do ar, e de poucas cousas mais!

O povo diverte-se pouco. É um symptoma grave; mais grave do que parece.

Se eu governasse, havia de proteger, de preferencia a outras industrias, a que tivesse por fim recrear, alegrar, consolar e divertir o povo . . .

O theatro moderno é monotono e triste. As combinações scenicas dos conflictos moraes, que produzem o drama, e dos equivocos e defeitos humanos, que fazem a comedia, estão quasi exgotadas. Por outro lado, como entretenimento e processo de educação, carece de magestade, da grande luz, do espaço

amplo em que a alma popular esteja á vontade na alegria ou na dôr.

Como é diverso tudo isto, que nós temos, das palestras, lyceus e academias, jogos solemnes e festas publicas, em que o povo grego, o mais bello da antiguidade, se formou para ser, conjunctamente, o mais alegre e mais feliz! Aquellas procissões, civicas e religiosas ao mesmo tempo, em que se exhibiam a força e a plastica de mancebos formosissimos como estatuas de deuses, a graça, o encanto de grupos de virgens engrinaldadas de flores e coroadas de innocencia, e a serena magestade dos anciãos, vestidos de branco, de bella cabeça ao ar, levando, como unico ornamento, ramos verdes nas mãos — esmaltarão perpetuamente, na memoria humana, a mais bella lenda paradisiaca de vigor, de harmonia, de delicada voluptuosidade, de saude phisica e moral . . .

A vida romana foi toda exterior e máscula, na guerra, no *forum*, no amphitheatro. Eram cruentissimas as luctas do circo; mal se

pode figurar hoje, diante de nós, o horror d'aquelles combates de homens com feras, que os annaes de Roma descrevem como a coisa mais natural, mais simples... Mas o criterio da historia, para ser justo, tem de fazer-se contemporaneo dos factos que aprecia; e, por outro lado, sabe-se que a par d'estes espectaculos ferocissimos em que pantheras e leões, açulados pela fome ou mordidos por ferros em braza, dilaceravam, devoravam a carne palpitante das victimas miserandas — havia innumeras festas publicas consagradas a todas as tradições nacionaes e a todos os acontecimentos importantes da agricultura, da industria, da familia, do Estado, qne faziam da vida romana a mais completa ostentação, grandiosa e decorativa, de energia, de sentimento, de gloria, de enthusiasmo viril, de intensidade social e politica!

A antiguidade foi alegre, foi. Deixou de o ser quando inundaram a consciencia duas torrentes caudaes de melancholia, precipitadas, com pequena intermissão de tempo, uma das

bandas do Oriente e a outra dos lados do Norte . . .

Mas, na propria Edade-Media, o povo teve o seu theatro e os seus dramas. E que incomparavel theatro! Era nas cathedraes, em que a architectura gothica realizara a intensa poesia, a significação moral, angustiosa e infinita, da maior fé religiosa que ainda houve no mundo; era nas vastas egrejas que se representavam quasi sempre, sob uma commoção de que já não pode fazer-se idéa, os *Mysterios*, que foram a consolação e o tormento, o prazer e o martyrio da sensibilidade christã d'aquelles seculos! Algumas vezes, a representação era ao ar livre, em amphitheatros de pedra, em largos descampados ou á beira do mar. Imagine-se o profundo e inenarravel effeito d'aquellas tragedias, que reviviam a catastrophe do paraiso e a longa e accidentada paixão de Christo, e nas quaes a raça celtica, mais ou menos propagada por todo o Occidente, imprimira a sua inspiração propria, requintadamente espiritual, infati-

gavelmente melancholica, voluptuosamente doentia!

Um proverbio bretão, citado por Littré, diz que as multidões accorriam, para os *Mysterios, cantando,* e voltavam de lá, transfiguradas, *chorando*... É bem facil de acreditar.

Depois, grandes progressos tem feito, em tudo, a sociedade. Sabe-se isso. Mas a participação do povo nas festas publicas tem diminuido sempre, cada vez mais. É pena; até porque, ao contrario d'aquelle conhecido verso de um grande poeta, *um povo que folga não é nunca um povo perigoso!*

Era de presumir que, fallando da necessidade de combater o mal nas suas fontes originarias, fizesse aqui o elogio da instrucção popular, da educação publica, da previdencia economica, do principio associativo, e reeditasse mais uma vez a velha pompa dos programmas com que o nosso tempo se aturde e engana a si mesmo... Não farei isso. Se-

rão idéas excellentes. Não nego. Mas a maior parte d'ellas, na fórma porque é uso pratical-as, está reduzida a chimeras dignas de epitaphio, não merecedoras, para mim, de *oração funebre!*

Emquanto os ideologos de boa fé e os politicos se entreteem n'isso (que, felizmente, é apenas inutil) a fome, a doença, o frio, a miseria negra, o tedio e o desespero, vão sacrificando milhares de creaturas que melhor fôra não terem visto a luz; e, de quando em quando, uma inundação de inverno, um tremor de terra, um incendio, veem quebrar a monotonia do sentimento habitual, quasi indifferente, com que muitos de nós contemplamos os que, no amphitheatro da vida, occupam sempre, pobremente, os logares da sombra!

N'estes casos não fica o mal sem remedio. E ainda bem. É a nossa alma constituida de maneira que se desata em primores de misericordia, logo que a impressão das desgraças alheias venha inesperada e violenta. E o mo-

vimento de effusiva caridade com que o paiz todo acudiu, e acode ainda, ás viuvas e aos orphãos, postos em evidencia, no Porto, á medonha luz de uma fogueira infernal—elogiará perpetuamente a bondade nativa, o altruismo espontaneo, a piedosa sollicitude sympathica com que sabemos redimir, quando soa a hora propria, os defeitos que não podemos deixar de ter segundo a nossa raça, a nossa historia e o nosso tempo...

A parte do meu coração que sente a consolação e o enthusiasmo das coisas não é a primeira, a que está á superficie... Mas fez-me bem, edificou-me o que vi!

As outras miserias, as que se amontoam nos valles sombrios da sociedade humana, a que se não desce sem verter aquelles *lagrimas de susto e espanto*, de que falla Dante no canto II do seu poema, não são esquecidas pela piedade individual; e muito se faz, desveladamente, para as diminuir de algum modo. Mas se os grandes infortunios intermittentes, de fórma dramatica, podem, sem receio, ficar

entregues á commoção do momento e á iniciativa particular—os outros reclamam uma acção complicada, regular, mediante estudos e planos, com attenção ao presente e ao futuro, na fórma positiva de um grande dever social!

E' a assistencia pelo Estado.

Entre nós é quasi nulla; lá fóra, pouco melhor.

O Estado não é *estado* de direito apenas; é *estado* de direito e de moral, é *estado* de civilisação.

Não vê bem quem não vê isto.

Ha na nossa organisação, individual ou collectivamente considerada, uma grande parte sobre que não pode recair a censura ou a protecção do Estado; é a que dá para o infinito espaço onde a liberdade interior desenha e fixa a forma do seu Deus, o ideal da sua arte, a intenção da sua philosophia, a inspiração essencial, positiva ou mystica, do pensamento e da vida toda... N'esse infinito espaço, em que o trabalho de cada dia—trabalho

que é tantas vezes simples parcella da illusão d'um seculo!—tece e destece, descompõe e renova os maravilhosos poemas da phantasia e da consciencia, o Estado não toca, não intervem, nada tem que fazer. Mas ha outra parte de nós que lhe pertence para a dirigir, para a proteger, para a melhorar; e a *assistencia publica* é um dos processos que realizam este fim.

Não falta quem a negue!

Não ha na minha phantasia uma imagem, nem no meu diccionario uma phrase, em que possa caber toda a contrariedade intellectual que me causa a theoria dos que contestam ao Estado o direito e o dever de *assistir* aos desgraçados! Conheço-os, desde os que legislaram em Sparta até aos que discreteiam em Londres; mas, n'esta festa de caridade, não lhes farei a honra de lhes citar os nomes...

*

* *

Tudo que exalça o coração e o espirito, n'esta quadra ingratissima ao idealismo intellectual da vida, é sagrado para mim, deve ser bem vindo para todos. A rasão humana atravessa uma crise difficillima porque teve de refundir inteiramente a sua antiga educação mystica, e ainda não conseguiu ordenar as formulas geraes do pensamento n'uma philosophia completa e as normas do sentimento e da poesia n'uma esthetica definitiva; mas o progresso da nossa especie faz-se muitas vezes em desaccordo com a sciencia e com a arte, e o instincto occupa, na vida e na historia, maior espaço do que a propria intelligencia . . .

Os periodos mais sombrios não são, em geral, os menos fecundos. O homem da edade-media é superior, sob mil aspectos, ao mais perfeito cidadão de Athenas; o terror que causou no mundo a revolução franceza exprime, historicamente, a existencia virtual de maior somma de bens do que explendor deslumbrante da côrte de Luiz XIV.

Nós temos, sobre o passado, duas enormes vantagens: a coragem mental, que ha-de levar-nos á verdadeira comprehensão do universo, e uma bondade de coração, como ainda não houve. Esta, principalmente, compensa-nos já de tudo o que se perdeu, consola-nos a vida por tudo que lhe falta ainda.

Façamos por tanto o bem, meus senhores, e façamol-o cada vez mais perfeitamente.

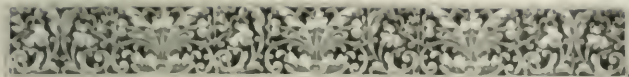
Um grande moralista romano, que o acaso do nascimento fez contemporaneo de Nero, escreveu um tratado admiravel sobre a beneficencia publica e particular. Conhecedor profundo da natureza humana recommendou, que o beneficio prevenisse e evitasse, nos que houvessem de recebel-o, a miseria da ingratidão e as revoltas do amor proprio.

Sempre que isto se faz — e faz-se, felizmente, muitas vezes — a caridade é uma grande virtude nos que a exercitam, uma completa felicidade para os que a recebem, uma luminosa inundação moral de graça e de bondade em todos. E n'estes casos, exce-

dendo a historia, determina a formação das lendas...

Começa agora uma lenda sympathica, adoravel; rescende o casto perfume antigo de outra de que rezam velhas chronicas portuguezas... Tudo isto é natural. O nosso orgulho gostou sempre de vêr aos deuses semblante humano; não pode o nosso coração ficar indifferente se a maior das suas qualidades encontrou, para a exprimir e representar, uma fórma superiormente perfeita, *soberanamente* graciosa...

E, meus senhores, sob esta ultima impressão, deixem-me repetir ainda que a *dôr* é suggestiva de grandes cousas, que o *mal* pode ser vencido muitas vezes, e que a vida está longe de ser, inteiramente, o pó desfeito d'esta terra de illusão, a vã espuma d'um immenso mar de chimeras...

DISCURSO PRONUNCIADO NO PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO NA NOITE DE 3 DE ABRIL DE 1889 EM HONRA DO INFANTE D. HENRIQUE

Meus Senhores:

Agradeço á Sociedade de Instrucção do Porto o convite que me dirigiu para a solemnidade d'esta noite. Fez bem em contar com a minha adhesão. Amo e applaudo todos os pensamentos em que ha uma significação ideal, e sirvo-os como posso. Este, que nos reune aqui, é infinitamente sympathico ao meu coração e ao meu espirito. Consagrando um nome que relembra as mais grandiosas cousas da nossa historia, praticamos um acto de justiça e servimos nobremente a civilisação moral da nossa terra e do nosso tempo.

Entre o infante D. Henrique e o poeta Luiz de Camões passam os dias da nossa culminante gloria. A este, ao epico sublime que esculpiu em estrophes immortaes a legenda da nossa extincta gloria, já foi paga a divida da gratidão nacional; deve pagar-se agora ao ousado navegador, ao assombroso pensador de Sagres, especie de semideus, que, do seu promontorio batido pelas ondas e açoitado pelos ventos, reptou e venceu o *mar tenebroso*, e delineou e ensaiou a maior obra que um povo podia ser chamado a realisar!

Esta consagração do infante D. Henrique, depois de repetidas ameaças á nossa integridade colonial, é opportuna, e responde bem a uma grave accusação que se nos faz. Diz-se que não temos patriotismo. É vêr por fóra; é julgar pelas apparencias. *Á saude seguir-se-ha a enfermidade, e conhecereis então o que tendes na saude,* dizia o padre Antonio Vieira . . . O patriotismo é, como a saude, uma cousa de que se não tem viva consciencia fora de certos casos.

Não estamos hoje apurados n'este sentimento como nos dias da invasão franceza (para não ir mais longe); mas creio, quero crer que uma causa similhante produziria ainda effeitos eguaes aos que assignalaram o nosso valor civico e militar no principio d'este seculo. Ha quanto tempo dorme tambem a cavalleirosa heroicidade da visinha Hespanha?! A França está ha vinte annos na febre d'uma enorme exaltação patriotica; mas esse estado data da sua lucta com a Allemanha. Para a Grecia e para Roma a patria era verdadeiramente a *terra sagrada*; e todavia são excepcionaes na sua historia os bellos dias de Salamina e Marathona, e aquelle fervor incomparavel de que se animou a vigorosa alma latina no periodo das guerras punicas!

Vivemos em remansada paz ha longo tempo, e não estudamos muito, nem bem, a nossa historia nacional. Estas duas causas explicam, em parte, o *pessimismo* com que a nós mesmos nos julgamos, e a indifferença com

que assistimos a muitas cousas que nos deveriam afligir e estimular.

Não lamento a paz. Não se combate com duas razões a philosophia que considera a guerra como um purificador social; mas eu tenho contra a guerra argumentos do coração, que são inabalaveis... O que lamento profundamente é que n'este seculo, que já inclina tanto para o seu fim, não possamos contar uma duzia de homens dados de boa vontade á reconstrucção, scientifica ou artistica, da nossa vida nacional; e, ainda mais, que os que se entregaram a esse trabalho, por muito ou por pouco tempo, nos não apparecessem depois ungidos, illuminados por aquella sublime e effusiva piedade, que fez dizer a Michelet, rematando a sua HISTORIA DA FRANÇA: *Em que estreita intimidade vivi comtigo, ó minha querida patria, durante quarenta annos! Trabalhava para ti; ia, indagava, voltava, escrevia! Em cada dia dava de mim tudo, talvez mais que tudo; no dia seguinte, encontrando-te á minha meza, sentia-me logo fortalecido pela tua poderosa vida, re-*

moçado pela tua eterna mocidade! Devorei infinitas amarguras . . . E apesar de tudo, ó minha querida França, se foi preciso, para sondar a tua vida, que um homem se dedicasse inteiramente, passasse e repassasse muitas vezes o rio dos mortos — esse homem está consolado pelo que fez, e agradece-t'o ainda. E a sua grande pena é . . . a de te deixar agora!

Os nossos historiadores não amam com este amor, sadio e natural, a alma da patria, brilhante nos dias da sua gloria, sympathica ainda na sua triste decadencia! E já não espero que a falta venha a ser resgatada. O espirito moderno oscilla cada vez mais entre um mysticismo sem fundo e uma critica sem limites; e não é n'estas condições que se comprehende e interpreta bem o passado. Assim como a historia só se *faz* em certos periodos pouco adiantados da civilisação, a historia só se *escreve* convenientemente, com a arte propria, nas phases que antecedem uma grande sciencia especulativa . . .

Parece-me isto.

É positivo, meus senhores, que n'um certo momento tivemos a preeminencia entre todas as nações da Europa. Fomos navegadores intrepidos, heroicos; descobrimos e avassalamos uma grande parte do globo. Podem outros povos ter contribuido por mais tempo para o vasto thesouro da civilisação universal: nenhum nos é superior na intensidade e no alcance do que fizemos!

A Italia inaugurou a *Renascença,* e deu a essa fecundissima quadra do espirito humano o genio dos seus artistas, a cultura dos seus sabios e o sangue dos seus martyres; a Inglaterra fundou o systema da liberdade politica, que, rodados dois seculos, havia de ser a formula e o exemplo de graves e successivas mudanças no regimen social Europeu; a Allemanha brilhou no mundo com o cyclo luzentissimo da mais poderosa philosophia que ainda houve desde os aureos tempos das escolas d'Athenas; a França fez a Revolução... Mas a *Renascença,* a liberdade politica, a philosophia, a Revolução só foram possiveis, na

plenitude da sua bellesa e na fecundidade da sua obra, desde que a terra foi conhecida na sua fórma e na sua extensão, desde que se tornou incontestavel a unidade da nossa especie, desde que emergiram das trevas em que jaziam, para além do Oceano assombrado de terrores, metade do mundo e metade do genero humano!

Sob o aspecto das utilidades materiaes da vida, não lucramos muito com o que fizemos. O nosso genio romanesco, sentimental e idealista, não nos fadava para os solidos emprehendimentos que dão o longo dominio e a grande opulencia; mas a fé, a perseverança, a coragem, a heroicidade nos perigos podem servir e servem para outros fins, que não são menos dignos nem menos proveitosos á humana civilisação.

As campanhas de Africa, iniciadas pelo infante D. Henrique, não nos importaram a appetecida riqueza, nem a gloria que procuravamos, visto que a costa de Marrocos nos não assegurou o ambicionado commercio do

Oriente, e que Ceuta, Alcacer-Seguer, Arzilla e a rendição final de Tanger não fazem esquecer a anterior capitulação de Tanger, assignalada pelo martyrio de D. Fernando, e a catastrophe de Alcacer-Quibir, onde, com o rei, ia acabando a independencia da patria. Tambem as ilhas do Atlantico, descobertas ou reconhecidas ainda em vida do infante, e o littoral africano, que elle teve a invejavel felicidade de deixar estabelecido no dominio portuguez, não corresponderam áquelle vastissimo imperio que a phantasia sonhara, e andava annunciado n'uma lenda maravilhosa. Mas o impulso dado ás navegações e aos descobrimentos era irresistivel; a grande missão nacional começou em termos taes, que seria impossivel retroceder ou parar. A Gil Eannes seguir-se-hão Covilhan, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, todos os que teem nome na assombrosa epopêa das nossa aventuras por terra e por mar — e tambem a immensa multidão sem nome a que as chronicas e os Luziadas se referem menos

que esse poetico e funerario livro que se chama *Historia tragico-maritima!*

A Atlantida não surgiu das ondas; o Preste-Joham não appareceu nunca; desfez-se em fumo o sonho imperial de Affonso de Albuquerque; o valor civico e as classicas virtudes de D. João de Castro foram quasi estereis; a dominação ultramarina desvigorou e perverteu o rude caracter nacional; não soubemos manter e civilisar as regiões que adquirimos e os povos que conquistamos; e tantas desgraças nos aconteceram sobre o Oceano, tantas tragedias medonhas, tantos naufragios miserandos, que ainda hoje se conserva, na alma popular, a profunda impressão das tristes lendas d'esse tempo, e continúa a resar-se, á noite, piedosamente, por todos que andam *por sobre as aguas do mar* . . . Mas é para sempre nossa, incontestavelmente nossa, a infinita honra de termos excedido todos os povos na arte heroica da navegação quasi aventureira; mas ainda não despontava no ceo da Italia o sol da Renascença, e já nós o presentiamos

na escola de Sagres e na côrte do Mestre de Aviz; mas quando ainda, na maior parte da Europa, a velha aranha metaphysica compunha e recompunha as suas teias, emmaranhadas e frageis, nós prefaciavamos a vida moderna, e, á concentração mental da Edade Media christã, oppunhamos a *acção,* a patria n'um sentido mais largo, a áventura e a phantasia n'um sentido mais humano; mas não se dobrará jamais o Cabo da Boa Esperança sem que se evoquem as epicas figuras de Bartholomeu Dias e de Vasco da Gama; mas Pedro Alvares Cabral será citado sempre a par de Christovão Colombo e de Fernando de Magalhães; mas na sciencia da Nautica, na historia da Cosmographia e nos fastos geographicos estão gravados muitos insignissimos nomes de desinencia portugueza; mas, sem o que nós fizemos nos seculos XV e XVI, não se resolveriam tão cedo os problemas do feitio da terra e da sua posição no espaço, e não adviriam, para a philosophia da natureza e para a philosophia do espirito, as largas, pro-

fundas, incalculaveis consequencias que advieram . . .

Isto é a gloria. E ella é para as nações muito mais do que se pensa vulgarmente. Não é apenas um brazão para deslumbrar estranhos: é tambem, para a cohesão intima dos povos, um elemento de mais força que a ethnographia, hypothetica, inextricavel na maior parte dos casos, e que a limitação geographica, e que o principio religioso, e que o interesse politico . . . Este elemento não o destroem os cruzamentos physiologicos, nem as revoluções do *cosmos*, nem as mutações da consciencia, nem as contingencias dynasticas. Os povos que a verdadeira gloria unifica vivem, na realidade, o tempo que lhes é possivel viver: depois ficam na historia inteiros, incontaminados, como os corpos dos que foram sanctos e a terra, por isso, não pulverisa, não desfaz!

Passaram fugazmente os dias da nossa grandeza; reduziu-se depressa e muito o mappa do nosso dominio; foi puro sonho a idea

de nos substituirmos, como emporio do commercio, a Genova e a Veneza; teve um tragico desenlace a chimera monarchica de D. João II; o sol do Oriente fez mal ao nosso sangue; e tendo nós determinado o *descobrimento, no espaço d'um seculo, de metade do mundo* — somos hoje uma pequena e pobre nação, sujeita a desattenções e insultos da ignorancia ou da brutalidade estranha... É triste o confronto. Doe intimamente a lembrança de tanta ventura em horas de tamanha decadencia! Aos povos, como aos individuos, é applicavel o que disse o poeta da DIVINA COMEDIA:

Nessun maggior dolore
Che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria...

Mas, meus senhores, esta é sempre a sorte das nações que trazem no seio a virtualidade d'um grande destino social. Brilham um momento; eclipsam-se depressa. Não se demoram no ponto culminante da sua ascensão;

decaem logo, ou pouco depois. Absorve-as a conquista, como á Grecia; dispersa-as o vento da perseguição, como á Judêa; e quando podem subsistir, durar, resistindo aos golpes da impiedosa adversidade, ou, como a França, geram n'um continuado martyrio as ideas que o mundo aproveita e não agradece — ou, como Portugal, tendo descoberto e cedido o theatro de grandes glorias e prosperidades estranhas, hão de resignar-se a que lhes não relembrem os serviços, e nem ao menos lhes conheçam, citem e honrem o nome!

Por que não tem uma lenda nacional o infante D. Henrique?... Fez esta pergunta o Marquez de Souza Holstein, em 1877, na Academia Real das Sciencias — e não lhe achou resposta.

Por que não tem uma lenda?! O epico dos Luziadas apenas lhe dedicou um verso no seu poema; ao passo que encarnaram na poesia e no romance popular D. Fernando, o

martyr de Fez, D. Pedro, o heroe das sette partidas do mundo, D. Sebastião, o vencido de Alcer-Quibir — D. Henrique não logrou inspirar essa consagração ao genio espontaneo da sua patria . . .

Impressionou-me o reparo do erudito academico, e meditei sobre as naturaes condições requeridas, pela lenda e pela historia, aos personagens que podem merecer uma ou outra.

O infante não devia determinar a formação d'uma lenda. Viveu no fim da Edade Media, quando a sensibilidade poetica dos povos ia ceder ao dominio da reflexão — cada vez maior d'ahi em diante; e é sabido que a ficção do maravilhoso, essencial a todos os mythos, só é facil em certas edades da psychologia humana.

Mas esta razão não é absoluta. Um seculo depois de D. Henrique appareceu a lenda de D. Sebastião; já no nosso seculo, creou-se e desenvolveu-se a de Napoleão I; hoje mesmo, nos nossos dias, não improvisa uma lenda —

e que injustificada lenda! — o incorrigivel enthusiasmo gaulez?!

A principal razão é outra.

Para que se formem lendas individuaes é mister que sejam fortemente commovidos o coração e a phantasia popular; e só duas causas produzem este effeito: *a heroicidade, e a suprema bondade provada pelo sacrificio.* É preciso que as façanhas d'um homem excedam os limites visiveis do seu poder proprio, ou que a sua piedade seja infinita, para que o immenso poeta, que é o povo, improvise essas epopêas, tecidas de fios d'oiro, na sua alma limpida, ingenua, maravilhosamente inspirada! Fora d'estes casos, póde edificar-se para a historia; póde merecer-se a tradição verbal, mais ou menos encarecida: mas não se entra nos moldes da inspiração anonyma, que obedece, nas suas criações, a leis d'uma ordem especial.

Comprehende-se a lenda de Ourique. Christo intervem nos destinos de Affonso Henriques, e dá-lhe a victoria contra o sarraceno. O heroe merecia bem que lhe amplifi-

cassem o valor; os povos gostam sempre de entroncar a genealogia n'um facto de origem divina.—O milagre repete-se, alguns seculos mais tarde, no Oriente, em favor de Affonso d'Albuquerque, tambem heroe, escandecido pela febre de conquistar a Arabia e de vingar Jerusalem!

Comprehende-se, sob outro aspecto, a tradição sentimental dos amores de Ignez de Castro, tragicamente desfechados na morte: flôr da nossa rude historia antiga; mimo, graça, encanto da magestosa epopêa, fundida pelo estro de Camões no bronze d'uma inspiração eterna!—E a lenda messianica de D. Sebastião, elegiaca e prophetica, era bem natural que apparecesse, não podia deixar de apparecer, como ultima insensata esperança d'uma nação caida de tudo o que fôra o seu esplendor e a sua grandesa, envolvendo-se no sonho, na desvairada chimera, no mytho, para não sentir a consciencia do seu opprobrio sem remedio e da sua profunda e incomportavel miseria!

A Hespanha antiga, a Hespanha ideal da cavallaria, lá tem o Cid Campeador. Sobre a realidade historica do esforçado Rodrigo Diaz de Vivar, o *Romancero* ergue a immortal figura do heroe invencivel, sem par no denodo e na fé; e resume a guerra dos sette seculos contra o Islam n'esse batalhador incomparavel, cujo peito de aço encerra um coração amante, fiel e apaixonado; cuja colera fere, abate, prostra, fulmina como a de Deus; que impõe a lealdade e ensina a justiça ao rei e ao papa; que até depois de morto ganha victorias, amarrado ao seu cavallo de combate, empunhando, com a mão hirta e fria, a espada flammejante, e rechassando assim dos muros de Valencia o terrivel inimigo que ameaçava destruil-a!

Da historia da França — Joanna Darc desabrocha como um lyrio. Não ha nada mais bello na poesia dos povos! Diante d'esta mulher sublime, exaltada pelas desgraças da patria, a critica desarma-se, e refloresce em velhos espiritos, affeitos á analyse das cousas, a

primitiva seiva do enthusiasmo, a inspiração receptiva do maravilhoso, a crença e o amor do sobre-natural... Nos campos da sua aldeia, embevecida nas vidas dos sanctos, que sabia de cór, e transportada pela sua imaginação de celta, aventurosa, scismadora, á qual a floresta visinha da sua casa murmurava palavras irresistiveis; na sua vocação *sentida*, ardente, imperiosa, que a leva ao seu destino, atravez de perigos e difficuldades de toda a ordem; na côrte de Carlos VII, onde surge, falla, convence, persuade, deslumbra e se faz seguir; nos combates em que, vestida de cavalleiro, armada terrivelmente, agitando uma bandeira ou brandindo uma espada, obriga a victoria a vir sempre do seu lado; perante o tribunal que a julga, ou no meio do fogo que a queima — martyr incomparavel da sua fé em Deus e do seu amor á França — Joanna Darc é o typo perfeito das lendas nacionaes: typo de que não haverá copia, brilhante de poesia e de historia, de imaginação e de verdade, que subsis-

tirá como é — indecomponivel, inextricavel para sempre!

Eis a fina e delicada materia de que se tecem as lendas. Os seus factores são a *grande força* ou a *bondade exaltada;* mas força empenhada n'um fim nobilissimo, e bondade exercida sympathicamente: aliás não as nutre o povo com o sangue do seu coração e com o leite da sua alma. É ainda preciso que o personagem brilhe ao sol, á luz de todo o mundo, e que a acção que o divinisa seja entendida facilmente. O genio popular vê, não indaga; impressiona-se, não estuda...

O infante D. Henrique não foi heroe, nem sancto. Os seus feitos d'armas mereceram-lhe distinctamente as esporas de cavalleiro, mas nada mais. Tomou Ceuta, mas capitulou em Tanger. O seu coração resistia como o diamante; mas parece que não era menos duro... *Seu coração nunca soube o que era medo senão de peccar* — diz o chronista; e com effeito não consta que se lhe commovesse muito com a miseranda imagem de D. Fernando, captivo

e morto em Africa, nem com a injustissima catastrophe de D. Pedro, que elle, talvez, podesse ter evitado...

Mas quer isto dizer, meus senhores, que não foi bella, singularmente bella, a vida do infante? Não quer. Elle exemplificou as mais robustas faculdades do entendimento e as mais raras e potentes forças da vontade. Resumiu, fecundou e realisou, no seu vasto espirito e na sua insignissima obra, a indole d'um povo e a aspiração d'um seculo. Dominada por um pensamento unico, a sua attitude moral, na vida e na historia, dá a impressão d'uma grande e formosa estatua, feita d'uma só peça!

Vêde-lhe o semblante e o porte na chronica de Azurara. Tinha o corpo proprio da sua alma... A intensa flamma, que ardia no seu peito, devorava tudo que podesse entibial-o na sua energia, ou divertil-o do luzente ideal a que votara a intelligencia, o coração, a riqueza, o tempo, a vida... Recordae-vos de que, no seculo XV, a geographia era um tecido

de mythos e de fabulas; de que a cartographia era em grande parte imaginosa; de que a cosmographia, ainda geocentrica, se baseava n'um erro fundamental; de que a navegação se fazia com uma bussola deficiente e um astrolabio pesado e incorrecto; de que, para affrontar a braveza das ondas e a inclemencia dos ventos, as caravellas, as fustas, os galeões eram frageis lenhos, em que só poderiam confiar o arrojo mais temerario e a valentia mais inverosimil! Evocae as lendas medievas sobre a temerosa zoologia dos mares ignotos e das zonas que elles cercavam, desde a esphinge, o dragão e o basilisco, inventados pela phantasia oriental, até ás formas humanas monstruosas, que atravessaram, como larvas, a imaginação atormentada da Europa christã e barbara! Pensae nos milagres de fé, de perseverança, de dedicação tenaz, de trabalho permanente em longos annos, sobre mappas e sobre livros, nos conselhos de estado do pae e do sobrinho, na côrte e no retiro de Sagres —antes que o infante podesse levar por dian-

te o seu grandioso plano, e impulsar definitivamente este povo para o destino que lhe estava assignado pela sua posição occidental, e pela estreita cinta do paiz, em que não podiam caber á vontade as aspirações da sua alma mystica, aventureira e heroica! E, como o successo é parte sempre na apreciação dos homens e das coisas, não esqueçaes que, nos seus dias, elle teve a dita de saber ultrapassado o cabo Bojador, de vêr na corôa portugueza o senhorio da Guiné, os descobrimentos maritimos levados até á vista da Serra Leoa, avassallado um largo trato do sertão, e, principalmente, iniciada em boa hora a maravilhosa carreira que nos havia de condusir, em estadios successivos, ao dominio do Oceano e ao Imperio do Oriente!

Para que a memoria de quem tanto lidou e mereceu viva perpetuamente, não é preciso que a revistam os nimbos do maravilhoso, nem que a rapsodia nacional a leve pelas edades dentro, nos cantos e nas lendas da sua inspiração poetica . . .

De todos os grandes homens, que construiram ou enalteceram a gloria de Portugal, nenhum mais que este merece que se lhe levante e dedique um monumento. Os outros, principes ou heroes, sabios ou poetas, capipitães ou estadistas, são conhecidos e louvados universalmente; este, não. E se o seu nome começa a vibrar intensamente na admiração dos estranhos, não é pelo zelo e pelo esforço dos naturaes do paiz: o que ha mais completo sobre a vida e a obra do infante D. Henrique deve-se a uma illustre, sympathica e fervorosa penna ingleza!

O infante dorme ha quatro seculos o somno da morte no seu tumulo da Batalha, e não acordará para receber as tardias homenagens da patria. Não contava com ellas em vida, de certo; as palavras da sua divisa, *Talent de bien faire,* bem estão indicando que o valoroso principe olhava mais á propria consciencia do que ao suffragio, tam fallivel e contingente, de contemporaneos e vindouros. Mas é necessario que a nação redima a falta em que

está para essa memoria, merecedora de todos os cultos; e que se convença, d'uma vez para sempre, de que o respeito, a gratidão, a lealdade, a justiça não são somente qualidades individuaes, mas tambem virtudes e deveres principallissimos na moral dos agrupamentos humanos. Alem d'isto, os monumentos publicos tem alma e voz, fallam, ensinam, educam: e quando, como n'este caso, exaltam e consagram uma grande memoria domestica, são o prospecto e a imagem da *patria ideal;* e se já não valem como convite e incitamento a feitos illustres, que a naturesa do tempo tornou impraticaveis, ainda podem ser a consolação de muitos espiritos, que refujam do mal presente para a amoravel contemplação d'um passado que foi bello! E esta forma da patria completa a outra. É feito de tudo, e tem mil raizes, o sentimento que nos prende indissoluvelmente á terra do nosso berço, á sepultura dos nossos paes, ao mysterioso ceo que se arqueia sobre nós, aos horisontes em que a vista se nos embebeu

desde a infancia, á lingua em que balbuciamos os primeiros sons, á escola em que soletramos as primeiras palavras, á egreja em que aprendemos a orar, ás lendas em que está a poesia da nossa raça, á historia que conta as heroicidades do nosso genio, ao mar que foi a razão e o caminho da nossa gloria — a tudo, emfim, que é, na nossa vida total, o que é o sangue na organisação do nosso corpo e o pensamento na substancia da nossa alma!

Promovendo o levantamento d'uma estatua ao benemerito iniciador dos nossos descobrimentos maritimos, vós praticaes, meus senhores, um bello acto edificante de patriotismo e de dignidade. Mostraes que o mal da indifferença vos não contaminou ainda, e que, no equilibrio e harmonia dos sentimentos, podeis servir de exemplo e de lição. Vê-se bem que, para vós, a historia é alguma cousa mais que uma simples successão de factos, e a vida não se reduz a uma soffrega negociação de

interesses! Não podia deixar de agradecer, applaudir e secundar esta elevada inspiração — eu, que estou ha muito, e já agora ficarei até á morte, n'uma especie de idealismo positivo, que vê ao longe a inanidade e a illusão de todas as cousas, mas procura e estuda, apesar d'isso, nos factos a sua lei, e não apenas a sua utilidade; nos homens o seu caracter, e não apenas a sua força; na sciencia, na arte, em tudo, primeiro a intenção, e só depois os outros aspectos que possam ter...

É preciso estar prevenido contra a deprimente suggestão de certas doutrinas, de facil importação, que ameaçam de subverter, destruir o *ideal* no entendimento e na vontade.

O cynismo faz-se philosophia para o negar, e a jogralidade faz-se arte para o injuriar; mas elle rompe e brilha atravez de tudo, como o fogo! Tirar á nossa especie a faculdade de criar eternos typos de belleza, e de os amar sempre, em toda a vida, até á morte — é levar uma abstração contra a natureza aos extremos da agonia intellectual! A cons-

ciencia retrae-se, succumbe, extingue-se, como em certa altura da atmosphera a respiração diminue e cessa a final!

Sancho contesta o desinteresse absoluto, mas é mil vezes o bom senso; Falstaff contradiz a dignidade, mas é o genio scintillante da graça e da alegria. Isto prova que a arte — até a de Cervantes e a de Shakspeare — é impotente para personificar n'uma figura humana, logicamente viavel, as qualidades inferiores, só estas, da nossa especie!

Carlyle despresava profundamente o nosso tempo, e do seu modo de considerar a vida moderna, principalmente a vida ingleza, deixou-nos completo documento n'um trecho afamado. É o *catecismo dos* . . . Não digo. Não me atrevo a dizer. Confesso que não posso vencer o meu pudor rhetorico n'este ponto. É o catecismo de certos animaes que uma antiga e veneravel religião oriental proscreve como immundos . . .

Elle suppõe que estes animaes, dotados de sensibilidade e de aptidão logica superior,

tendo attingido alguma instrucção, se resolviam a escrever, para nosso uso, a sua comprehensão do universo, as suas idéas ácerca do dever, a sua theoria das relações sociaes, e, em proposições seguidas, exprime o que seria para elles, isoladamente ou em *varas,* a sciencia, a politica, o direito e a moral! É a exposição cynica d'um pessimismo indigno, epileptico; mas produz o effeito contrario. Diante d'esta injuria á especie humana, ou d'outras do mesmo genero, sente-se bem que é vão todo o esforço para arrancar ao nosso cerebro a divina faculdade de procurar, perceber e amar a rasão e a bellesa das cousas!

Ha periodos em que as imagens do *ideal,* na consciencia de cada um, na alma da patria, ou na grande collectividade humana, parecem menos perfeitas, e são, na realidade, menos visiveis. Conclue-se logo que ellas não existem. Erro gravissimo! A mysteriosa força,

pessoal ou inconsciente, que preside a tudo, faz sempre o que é melhor: por isso o esplendor d'essas imagens não póde deixar de estar na razão inversa da luz que irradia pelo mundo.

Quando o povo de Israel foi expulso do Egypto, Deus collocou diante d'elle, para o guiar no deserto, uma columna de fogo e uma columna de nuvens. A de fogo brilhava durante a noite escura; a de nuvens desenhava-se vagamente na claridade do dia... Succede cousa similhante, meus senhores, na interminavel peregrinação do nosso espirito, realisada intermitentemente á luz e na sombra...

DISCURSO EM HONRA DE JOSÉ ESTEVÃO PROFERIDO NA CIDADE DE AVEIRO NA NOITE DE 11 DE AGOSTO DE 1889.

MEUS SENHORES:

COMEÇO por dizer que nunca me vi n'um lance tão difficil. Senti sempre que a minha palavra era inferior aos assumptos que tenho tratado; mas o encargo de elogiar José Estevão far-me-ia succumbir, se não empenhasse toda a coragem da minha vontade para corresponder d'algum modo a uma grande gentileza que recebi n'esta cidade, não merecida antes nem depois... Não me preoccupa a difficuldade de competir com os distinctos oradores que me precederam: a vaidade do meu nome, o meu interesse pes-

soal, não entra, pouco nem muito, no embaraço do momento. É que tenho de fallar de José Estevão, e não o conheci nem o ouvi . . .

Se já é extremamente custoso celebrar um orador antigo, recompondo-lhe a formosura plastica e a attitude moral pelos documentos que deixou e pelo echo repetido dos applausos que mereceu, que incomportavel encargo será o de fallar d'um grande tribuno, que a maioria d'esta assembleia contemplou ainda nos dias da sua gloria, vivo, apaixonado, transfigurado — para mim que, infelizmente, não cheguei a tempo de receber, no ouvido e na alma, a musica e a scentelha da sua maravilhosa eloquencia!

Li os discursos de José Estevão, cinzas reunidas d'uma grandiosa inspiração, e encontrei ahi pensamentos, periodos, phrases, imagens de profundo conceito e de extraordinaria belleza; colhi piedosamente as opiniões dos homens mais eminentes do seu tempo, e percebi que a impressão d'um discurso d'elle era eterna como a de toda a obra

de genio, e ficava fazendo parte, como um novo sentimento, da alma dos que o escutavam; conheço, aqui e em toda a parte, o amor que o povo lhe teve, a fé que lhe inspirava o seu caracter, a entranhavel saudade com que o relembra e exalta ainda—e, quando se trata d'um orador politico, esta é a prova certissima de que foi magnanimo, justo, singularmente grande; mas, para que eu o sinta e descreva como elle foi, para que as suas feições moraes resaiam da minha voz com alguma similhança, falta alguma cousa que a rasão não pode criar e que a imaginação não pode supprir!

Dias Ferreira disse com verdade que a vida do orador era intensissima, mas fugaz e ephemera. É certo. Ainda não está pronunciada a ultima palavra, e já todo o discurso é morto! A memoria humana conserva alguma cousa do que se produziu, mas o echo não é o som, o reflexo não é a luz, a imagem não é a realidade. A estatuaria e a pintura para pouco servem, de pouco valem n'este caso. A

eloquencia oratoria, que é a mais viva e pessoal de todas as artes, não é representavel por symbolos e figuras, como um sentimento simples ou qualquer pensamento abstracto: a sua essencia, inseparavel da forma, é a dicção, a voz, o gesto, a figura, a alma feita verbo, o fremito, o ruido, o applauso ou a colera dos outros, o enthusiasmo communicativo, a indignação inflammada e inflammavel — tudo isto, meus senhores, que não pode ser traduzido pelo pincel mais poderoso nem pela mais perfeita estatua, em bronze ou em marmore, de nobre attitude, cabeça erecta e braço estendido! Miguel Angelo, batendo com o escopro na estatua de Moysés, ordena-lhe que falle, e a estatua falla: diz tudo o que tem a dizer-nos a alta rasão de um legislador, o genio d'um politico, a exaltação d'um illuminado; mas as estatuas de Demosthenes, Mirabeau ou José Estevão só Deus poderia vivifical-as, descendo a ellas, habitando-as de novo...

Dentro de pouco tempo ter-se-hão cerrado para sempre os olhos e os ouvidos dos

que tiveram a gloria de ver e ouvir José Estevão; e o derradeiro d'esses levará para a sepultura os ultimos restos da voz do grande homem...

O desapparecimento de um d'estes reis da eloquencia — quando são verdadeiramente reis pelo *direito divino* do seu genio — dá-nos o assombro da morte com maior vehemencia que a mais formidavel oração funebre de Bossuet; e quem pretenda pedir ás cinzas a suprema lição moral da vida não levante caveiras ao acaso n'um cemiterio, como Hamlet, nem abra os mausoleos de imperadores ou de soldados, onde os vermes tenham triumphado gostosamente do Poder e da Victoria... Os tumulos dos grandes oradores, ainda quando o reconhecimento da posteridade os tenha erigido nos Pantheons nacionaes (como se faz lá fóra sempre, e ainda se não fez aqui a José Estevão); esses tumulos dizem mais e melhor da miseravel antinomia que ha em cada ser e da dolorosa contradição que existe em cada facto!

Essa miseravel antinomia e essa contradição irresoluvel já em vida os acompanha de perto, como uma sombra. Todos experimentam o travor amargo que ha dentro de cada superioridade social; todos teem occasião de conhecer, como o grande orador francez, que é curta a distancia que separa o Capitolio da Rocha Tarpeia. E José Estevão não podia ser excepção a este destino; se o não perseguiram, se o não calumniaram mais foi porque elle, conservando-se até á morte na luminosa esphera do seu poder espiritual, não teve muito ensejo de concitar e enfurecer contra si, directamente, os interesses e as paixões da ambição preterida e da cobiça insaciada. Mas a inveja sibilou-lhe aos pés, e os mediocres, conspirados, poderam embaraçar-lhe o caminho algumas vezes: o caminho da fortuna, porque o da gloria é alto como a via lactea, e inaccessivel para elles . . .

Diz-se mal da *rhetorica,* e com razão. Um dos meus mestres escreveu que a *rhetorica* e a

poetica constituiam o unico erro intellectual da Grecia . . . Nascida quando a civilisação hellenica declinava do seu immenso esplendor, a *rhetorica* tem prejudicado, mais que favorecido, a espontaneidade inventiva da nossa especie. É desnecessaria, ou é nociva. Cicero seria mais eloquente se fora menos sabedor de regras e preceitos; Mirabeau, apesar da sua enorme erudição, não repetiria uma palavra de Quintiliano; a eloquencia do primeiro Pitt era faustosa e magnifica, mas vinha-lhe do coração, e não das reminiscencias de Oxford; José Estevão, se tivesse de analysar technicamente, em qualquer lyceu d'este paiz, a sua prodigiosa oração de Charles e Georges, ficaria reprovado, não haveria valer-lhe!

Mas diz-se mal tambem da eloquencia oratoria, principalmente entre nós. Em José Estevão foi ella impedimento a um grande destino, que lhe estava naturalmente reservado. Ah! se elle fallasse menos bem; se Deus o não tivesse assignalado com o fogo do genio, tão ostensivo, tão fulgurante que nin-

guem podia duvidar — teria governado por longo tempo esta nação, teria sido um notavel homem d'Estado; e se, nas eminencias do poder executivo, não lograsse salvar este paiz, ao menos deixaria lá um profundo vestigio de grandesa d'alma, que seria consolador vêr e recordar ainda!

Entendamo-nos, meus senhores; a verdadeira eloquencia, a que José Estevão possuiu e exercitou durante vinte e cinco annos, não é, não póde ser apenas o talento de fallar bem, nem a faculdade, mais ou menos brilhante, de terçar na tribuna argumentos e razões. A eloquencia é o esplendor d'uma alma espontanea e sincera. Para que exista, a palavra tem de ser facil, mas o coração ha de ser amplo, generoso, elevado. Se o orador é homem de acção, ha de ter uma historia que o recommende: não se comprehende um general sem nome vibrando as allocuções de Bonaparte. Se é como pensador e moralista que se faz ouvir, ha de exemplificar na propria vida as doutrinas que proclama e os sentimentos para que

appella: ninguem tomaria a serio um corruptor de consciencias, como Walpole, pregando do alto da tribuna a pureza e a austeridade dos costumes civicos, ou um d'estes saltimbancos da politica, comprado pela fortuna de quem sobe, a discretear cynicamente sobre a honra e a lealdade dos homens publicos!

Vêde a grave, solemne, luminosissima tribuna ingleza. Essa tribuna educou politicamente todo o mundo moderno. É uma das mais altas cumiadas do espirito humano. Se a da Revolução de 1789 foi uma especie de Thabor, a da Inglaterra foi, antes e depois, uma especie de Sinay!

Quaes são os grandes nomes que ledes na sua historia? Ledes o de Chatam, que combateu e venceu as tendencias absolutistas de Jorge III; que foi, n'um tempo difficil, a mais esplendida exemplicação da austeridade moral; que sustentou a mais bella campanha a favor da colonia americana maltratada pela Metropole, e, quando aquella se emancipou,

veio, semi-morto, ao parlamento, bradar ainda pela integridade da patria, caindo logo, alli, fulminado pela doença que o matou! Ledes o de W. Pitt, glorioso filho de Chatam: foi elle quem, com extraordinarios talentos de orador e de politico, defendeu e salvou a Inglaterra, talvez o mundo, contra o genio mau, que parecia invencivel, de Napoleão I! Ledes o de Burke, do virtuoso Burke, imaginoso, eloquente, mystico, reflectindo na sua palavra artistica a alma da humanidade, como elle a entendia, e o genio do christianismo, como elle o cumpria e professava! Ledes o do insignissimo Fox, democrata e religioso, amigo dos povos, que protegeu a Irlanda, que applaudiu a emancipação dos Estados-Unidos, que defendeu valorosamente o que houve de melhor na Revolução Franceza, que aboliu o trafico dos escravos nas costas de Africa, e de quem Macaulay — Macaulay, que nunca padeceu do *mal da admiração* — escreveu: *os energicos esforços d'este grande homem pela causa da paz, da verdade e da liberdade immortalisaram-*

lhe justamente o nome! Ledes já o de Gladstone, d'esse velho adoravel, em cuja cabeça reside a mais augusta rasão da sua patria n'este momento, a cujos pés não tardará que se abra uma sepultura, sobre a qual chorarão, por longo tempo inconsolaveis, a Grecia e a Irlanda! E se eu quizesse frisar, encarecer mais o pensamento de que as paginas d'ouro da historia e as bençãos da posteridade só pertencem aos que foram sem mancha no sacerdocio da tribuna, citaria o nome do maior orador da raça latina em todos os tempos, o nome de Mirabeau, e dirvos-ia, meus senhores, que a sua grandiosa eloquencia não o absolverá jámais no tribunal do futuro, e que o seu enorme crime será visto perpetuamente aos clarões do seu proprio genio!

É sob este aspecto, o da harmoniosa perfeição moral, que José Estevão me apparece radiante da sua maior gloria, e que o orador completo se realisa n'elle de um modo verdadeiramente admiravel. Não foi homem de Estado: á sua coherencia e á sua dignidade

faltou esta prova decisiva. Mas soldado voluntario d'uma causa, grande e difficil, correu-lhe todos os perigos; e a pureza da sua consciencia, a intemerata lealdade do seu procedimento, a claridade sem sombra da sua honra individual, o seu amor á liberdade, o seu ardente patriotismo, o seu culto exaltado pelo direito e pela justiça fizeram-n'o formoso de espirito como era bello do corpo, e deram á sua eloquencia, sobre os encantos da melhor arte, a suprema auctoridade da moral. D'este, sim, póde dizer-se que realisou a definição ideal do perfeito orador, segundo um proverbio antigo: — era um homem de bem que sabia fallar!

Era *homem de bem,* em todo o sentido.

Não vos relembrarei a sua vida particular. Posso aprendel-a de vós; não vós de mim. Onde, melhor do que n'esta terra, que foi o seu berço muito amado, serão conhecidas e estimadas as virtudes do seu coração?!

Vós poderieis dizer-me como elle era leal e seguro nos seus affectos, generoso e modesto, honrado sem odio (porque ha uma especie de honra, muito vulgar, que não é outra cousa senão a theoria da malevolencia . . .) simples sem resaibos de affectação, digno sem excessos de altivez. Poderieis descrever-me o encanto dominador da sua presença, a larga esphera de attracção que se formava sempre em volta d'aquelle homem, em quem a natureza conjunctara e harmonisara gentillissimamente todas as graças da bellesa varonil e todas as seducções d'um espirito genial. Poderieis mostrar-m'o no meio dos seus amigos, nos circulos sociaes que frequentava, animado, excitado, vibrando na voz todos os ideaes da sua alma, como se n'elle o genio da palavra fora uma fatalidade irrepremivel. Poderieis contar-me como estremecia e adorava esta formosissima cidade, tão graciosamente posta entre o campo e o mar: o campo illuminado, vasto, infinito como a sua alma; o mar immenso, mysterioso, agitado como o

*

seu coração . . . aquelle mar que, n'uma hora inolvidavel, lhe appareceu diante da tribuna, inspirando-lhe a mais vigorosa, a mais esplendida, a mais soberba imagem com que um homem de genio podia julgar a lenda dos falsos heroes e desaffrontar os brios da patria humilhada! Poderieis ainda (e com que immenso gosto eu vos escutaria...) fallar-me do seu profundo, ardente, exaltado amor de familia, a começar pelo que teve sempre ao pae — piedade antiga, lenda simples e rara, digna da poesia e da moral d'outros tempos!

Nas assembleias da republica atheniense todo o cidadão tinha o direito de fallar; mas perdia esse direito, o mais nobre que podia exercer-se alli, se os seus costumes não eram puros, se infringira os sagrados deveres da piedade, se o seu caracter se tornara suspeito, ou se faltara alguma vez ao reclamo da patria ou aos officios da democracia. O nosso grande orador tinha esta ideal comprehensão da

eloquencia politica, e como que se compunha e purificava a todo o momento para ser bem digno, como effectivamente era, da tribuna que foi a paixão, a gloria de toda a sua vida!

Passos Manuel chamou-lhe o mais *strenuo defensor da liberdade portugueza,* e segurou-lhe que a historia faria inteira justiça á pureza do seu coração. A definição é verdadeira, e a profecia está plenamente cumprida.—Rebello da Silva escreveu que *a sua divisa, honrosa, fecunda e nunca desmentida desde as primeiras aspirações da juventude, era que tudo se havia de faser pela nação e para a nação.*

A liberdade e a patria foram, realmente, tudo para José Estevão; n'esse duplo sentimento residiu sempre a elevada inspiração da sua politica e da sua eloquencia.

A liberdade era ainda um direito a adquirir ou a conservar; tinha, fora e dentro da familia constitucional, inimigos declarados ou encobertos, que era preciso combater, redusir, anniquilar a todo transe. José Estevão foi dos mais valentes, dos mais destemidos na

peleja, com a espada, com a penna e com a palavra; e, desde a temeraria heroicidade da *Flexa dos mortos* no cêrco do Porto até ao seu ultimo discurso em 1862—a liberdade não correu um perigo a que elle não acudisse com denodo, nem alcançou uma victoria que não ficasse assignalada com o seu valor no campo da batalha ou na arena da tribuna. A patria, n'esse periodo de emigrações successivas, e quando o coração dos moços se alava para as mais generosas theorias politicas e civis, que annunciavam e promettiam a remodelação moral do mundo—era a *alma mater*, terra verdadeiramente sagrada, a que tudo era devido, incluindo a propria vida!

N'aquelles dias, nem a liberdade era este facil denominador commum de toda a politica portugueza, despenhada d'um alto idealismo na baixa phase industrial em que está hoje, pela vil cubiça d'alguns e pela indigna indifferença dos outros; nem a patria, aferida pelo estreito materialismo d'algumas escolas, se media a palmos ou pesava em balanças de

agiotas para ver depois... se valeria a penna de *servil-a!*

Não ha, não houve em Portugal orador politico com uma inspiração mais bella, mais honrada, mais constante que a de José Estevão; e por isso elle foi grande, por isso elle é amado. Só os oradores d'esta raça ficam; os outros, rhetoricos e sophistas, não sobrevivem ás ficções e aos embustes da sua má fé, e alguns... estão já mortos quando ainda fallam!

A revolução liberal da nossa terra faltou a muitas das suas promessas, e nós vivemos, infelizmente, n'um tempo em que as mais bellas palavras e as melhores ideias d'aquella revolução perdem de dia para dia o seu prestigio e o seu credito. Mas não seja isto motivo para negarmos á geração que nos precedeu a justiça e o reconhecimento que merece.

É preciso distinguir no regimen constitucional, que ella fundou, duas partes muito

distinctas. Uma fructeou largamente os mais beneficos resultados: refiro-me á garantia dos direitos individuaes, ás restricções feitas na jurisdicção e no exercicio do governo, á segurança e á liberdade de cada pessoa, singularmente considerada, e a uma certa elevação moral que d'ahi veio para a consciencia de cada um, de todos. O poder publico está desarmado de todas as tyrannias; pensa-se, escreve-se, falla-se como se quer; e se os homens da minha edade desejam saber o que isto vale, abram a historia anterior a 1820, leam as Ordenações do Reino, revolvam os archivos judiciarios, e interroguem curiosamente, nos despojos litterarios das ordens monasticas, a litteratura e a sciencia do tempo. E já não quero recordar os ultimos annos do absolutismo em Portugal, assignalados pelo delirio do odio e da perseguição, e pela desvairada sêde do sangue!

A outra parte do regimen constitucional —organica, positiva, conjuncto de instituições destinadas ao estabelecimento do governo re-

presentativo segundo o systema inglez,— essa deu bem menos do que promettia! Exigia uma moral muito complicada, que não era, nem será nunca, para povos de velha historia: alem d'isso simples, imaginosos, de rasão critica e vontade intermittente, por virtude da sua raça. E esta inevitavel decepção experimentaram-na logo os mais bellos espiritos das primeiras epochas constitucionaes: Mousinho da Silveira, retraido, coberto pela sombra d'uma tristeza amarga, estranho ao esplendor da sua propria obra, especie de lanterna de furta-fogo projectando clarões ao longe, e mergulhada, ella, n'uma escuridade impenetravel; Manoel Passos, desilludido dos seus sonhos de poeta, exilado do poder que elle honrara, apparecendo raras vezes na tribuna, vivendo e morrendo no perfume d'uma lenda civica, tam sympathica como melancholica; Alexandre Herculano, grande alma inflexivel e rude, coração virginal, a quem a visão violenta das cousas publicas deu muitas vezes vontade de morrer; José Estevão que,

entrando na camara sob os auspicios da Revolução de Setembro, se collocou logo na extrema esquerda dos radicaes d'esse tempo, e deixou, na Constituição de 1838, a marca profunda do seu amor á liberdade e do seu receio de que viessem a trail-a os que deviam amal-a, zelal-a, defendel-a por uma alta obrigação de lealdade politica e de confiança nacional!

José Estevão ficou. Não desertou do seu posto. A revolução encontrou-o sempre armado. A tribuna contou sempre com elle. Este homem admiravel era feito em partes eguaes, perfeitamente combinadas, de poesia e de heroicidade! Haveria uma unica cousa capaz de lhe paralysar o braço e fazer o silencio, a mudez, na sua bocca d'oiro; mas, felizmente para elle, o grande orador pôde fallar até á vespera da sua morte!

E como elle sabia fallar, meus senhores! Pelos seus discursos não se poderá jamais reconstituir a inspiração na sua harmonia, a dicção no seu encanto, o gesto no seu movi-

mento proprio, a figura viva no seu fulgor incomparavel; mas a psychologia do orador, o seu feitio moral, a sua imaginação e a sua sensibilidade, isso, sim, pode ainda recompor-se bem.

O esplendido discurso do Porto-Pireo, recitado em 1840, quando teve de medir-se, em sublime duello, com a eloquencia e a ironia de Almeida Garrett; o grandioso exordio do discurso sobre o projecto de lei para a suspensão das garantias, tambem em 1840: *Entrou o prestito lugubre e traz debaixo das togas o decreto da morte...;* a oração de Charles et Georges, em que a sua inspiração foi tam grande e tam bella como a alma da patria, ferida na sua dignidade mas invencivel no seu brio e na sua justiça; aquella celebrada transição em que elle relacionou a dôr da orfandade com a decepção politica soffrida ao mesmo tempo: *Venho da sepultura de meu pae para assistir ás exequias do meu partido;* a formidavel objurgatoria com que fulminou um homem publico, manifestamente impopular, desfa-

zendo, pulverisando n'um momento a erudição de que viera armado para a investida, e provando-lhe *que a historia não era brazeiro a que se desentorpecesse qualquer vaidade, enregelada pelo desfavor da opinião;* a phrase admiravel, profunda, em que resumiu a unica explicação possivel dos tumultos que se seguiram ao fallecimento de D. Pedro v e de seus irmãos: *Ao despotismo da morte succedeu a anarchia da dôr*... estes e outros luminosos fragmentos da sua palavra ficam para sempre cravejados no seu diadema de orador, diadema de principe, diadema de rei! Não são muitos; o que a improvisação produz consome-o logo o espanto do momento; e, além d'isto, José Estevão, sempre despreoccupado de si, não era dos que a vaidade leva a enthesoirar para o futuro. Mas o que resta, o que escapou, commentado pelos juizos e impressões infalliveis do seu tempo, dará sempre idéa do que elle foi nos dias da sua gloria, quando, sobre a tribuna que lhe era pedestal, sentindo-se amoravelmente envolvido pela alma da nação, res-

pirando a forte e pura atmosphera das eminencias aonde o levantava a envergadura do seu genio, vibrante de enthusiasmo, de commoção ou de colera (na sua eloquencia havia todas as cordas!)—soltava aquella grande voz, aquella voz magnifica que foi, em lances difficillimos, a consolação, o orgulho, a paixão e a desforra da patria!

Um dos homens mais illustres da nossa terra disse-me ha pouco que *tinha vontade de chorar quando ouvia José Estevão.* Eu choro no meu coração porque o não ouvi!

Vou concluir.

Demosthenes foi o maior orador da antiguidade. A sua palavra era harmoniosa e simples como a civilisação do seu tempo; a sua logica cerrada, impetuosa, incontrastavel como uma força da natureza.

D'este homem prodigioso, em cuja bella e harmoniosa figura o ideal da eloquencia se fez alma e corpo, ficaram discursos admira-

veis, de amplissimo folego e de inexcedivel primor artistico. Como nos museus de armaria antiga nos surprende o tamanho e a fórma dos instrumentos de guerra, que os soldados d'outro tempo sopesavam e manejavam facilmente — assim não podemos deixar de experimentar igual assombro revolvendo as orações de Demosthenes, e contemplando ahi os sentimentos, as crenças, as paixões que couberam, e se moveram á vontade, na sua alma e na sua voz!

Pois bem. O seu grande titulo d'honra, o que dará sempre a medida do immenso valor que elle teve não é a serie dos seus discursos contra Phillipe, atravessados por um sôpro de patriotismo exaltado e ardente, nem a sublime *oração da Coroa*, em que se excedeu a si proprio. Em quanto o sentimento do bello existir — o que ha de sustentar o prestigio d'essa grande eloquencia, o que ha de acompanhar eternamente o nome de Demosthenes, como um echo immortal do tempo da sua gloria, será aquella exclamação de Eschines, rival e

inimigo, quando, lendo a *oração da Coroa* aos seus discipulos, e sentindo-os fremir, palpitar de enthusiasmo, lhes disse arrebatadamente: *Que faria se o ouvisseis ... se o ouvisseis rugir?!*

É o que vós direis agora, meus senhores, depois de me terdes escutado o elogio de José Estevão! E esta impressão que vos causei — impressão justa, que significa, mais que tudo, a genial grandeza do maior orador portuguez — colloco-a eu no pedestal da sua estatua, com humildade e com amor...

DISCURSO PROFERIDO Á BEIRA DO TUMULO DO PROCURADOR GERAL DA COROA ANTONIO CARDOSO AVELINO NO DIA 7 DE DEZEMBRO DE 1889.

Meus Senhores:

Não deve fechar-se a porta da eternidade sobre o corpo de um homem que foi illustre pelo seu talento, digno pelo seu caracter, e benemerito por longos serviços ao Estado, sem que a respeito d'esse homem se digam algumas palavras de justiça e de saudade.

O julgamento definitivo dos homens não se faz uma hora depois da sua morte, é certo: mas ha sempre a dizer d'elles alguma coisa antes de raiar a serenidade immensa, absoluta, em que o tempo envolve a memoria dos que desapparecem d'este mundo.

*

O conselheiro Antonio Cardoso Avelino foi um perfeito homem de bem. Como a virtude está acima de tudo, é esta a primeira affirmação que deve fazer-se aqui. Pertenceu a uma geração e a uma escola que professavam o absolutismo da moral, em tudo; e a esta doutrina, grande e fecunda, foi elle sempre fiel na calma e lucida philosophia do seu espirito, e na pratica de toda a sua vida honesta e coherente.

Não é esta comprehensão da moral a que reina hoje no mundo; e os que só veem, ou fingem vêr, o momento presente, affirmam que ella não voltará, que a consciencia a perdeu para sempre. Enganam-se. A *evolução* não póde levar comsigo o que é fundamental da nossa natureza. Ella é uma lei da creação: desenvolve, reproduz, multiplica; e, no seu mysterioso processo, só os accidentes são sacrificados. Varia incessantemente o aspecto das cousas; e, sobre os factos da sciencia, a phantasia — artista omnipotente — esculpe e fixa os typos ideaes do nosso destino n'uma serie

interminavel: mas a especie, moralmente, não muda. O *transformismo*, que é uma hypothese na sciencia da vida, não passa d'uma chimera na psychologia humana.

Este homem mereceu que, diante do seu cadaver, n'este momento solemnissimo, se fizesse a profissão alta das puras verdades que lhe encheram e illuminaram a consciencia. Não viveu na grande gloria; mas esteve em situação de fazer o bem, e fel-o, de evitar o mal, e evitou-o. Sobre os aspectos positivos do seu caracter incidiu sempre um raio d'essa luz ideal que transforma as qualidades em virtudes, e sem a qual uma vida, por mais util que seja, não é uma coisa bella nem uma lição edificante: não passa nunca de simples funcção material de energias secundarias, mais ou menos poderosas, mais ou menos felizes...

O serviço publico d'este paiz deve-lhe muito. Consagrou-lhe mais de quarenta annos; e morreu, trabalhando, no seu posto. Já

a morte o tinha sob a sua ameaça tremenda, *já vivia da morte* — e ainda o seu espirito se preoccupava intensamente, mais do que podia, com os negocios do Estado, confiados á rectidão do seu juizo e á sua consummada experiencia.

Esta affirmação parece uma cousa banal. Não é. Quando póde fazer-se com justiça, exprime e elogia uma virtude mais rara do que se pensa, n'este tempo em que a noção do dever se desvigora em mil theorias contradictorias, e n'este paiz em que a justiça não tem sempre, quasi nunca tem, uma sancção efficaz.

Nos dias da sua mocidade, a politica era a paixão das melhores almas; attrahia irresistivelmente todos os que tinham pulso para luctar e coração de amar e de soffrer. Percorreu na politica um longo caminho: a causa que elegeu para si deve-lhe assignalados serviços; o partido que o contou entre os seus primeiros homens ha de conservar-lhe a memoria entre as mais puras tradições . . .

Não sei se, nas eminencias em que esteve, alguma vez o feriu o vento aspero da injustiça; mas, se a paixão o desencadeou, a reflexão reparou logo todo o mal, e hoje, n'esta sympathica derradeira homenagem, os adversarios d'algum dia confundem-se absolutamente com os amigos e admiradores de sempre!

E aqui está outra affirmação que parecerá sem valor, sendo aliás a mais ponderosa, a mais apreciavel de todas. Na vida politica moderna — na do nosso paiz, principalmente — a integridade moral dos homens publicos está á mercê da paixão, quasi sempre desvairada, dos que teem interesse em malsinal-a ou diminuil-a. Não ha meio de evitar isto. Quem a adopta, como carreira e destino, tem de pôr á sensibilidade uma couraça de ferro, ou succumbirá no primeiro passo . . .

Mas a calumnia consegue sómente desgostar os mais susceptiveis; e a opinião que vale, a opinião que todo o homem de bem deve querer para si, vinga cedo ou tarde os que foram feridos sem razão, ao passo que

confirma e aggrava a reprovação justamente lançada sobre os que delinquiram contra a honra e contra a lei. Ás vezes, sobre o chão do cemiterio, a misericordia humana vem ainda cobrir a estes com a sua bandeira; mas a corrupção, que os matou, cedo passa á bandeira que os envolve, e a posteridade faz então o seu dever...

Na magistratura do ministerio publico, onde occupava o primeiro logar, e onde mais luziram as joias do seu caracter e as faculdades do seu talento, o conselheiro Cardoso Avelino deixa um bello nome, que será lembrado por muito tempo.

Era intelligentissimo. Tinha uma penetração grande, rara. Via tudo rapidamente e bem. Nos casos mais difficeis, quando todo o entendimento oscilla, possuia elle o segredo de resolver com acerto: resolvia com a sua consciencia moral!

E este homem illustre, com tão fundados

direitos á admiração e á estima dos outros, era de uma modestia quasi inverosimil! Via-se que a modestia, n'elle, chegava a ser uma impressão dolorosa. E, contraste encantador!, severissimo para si alem de todo o limite, possuia, como poucos, a faculdade de admirar, e conservou até á ultima hora no seu coração — no coração que não devia matal-o — a grande, a rara virtude de se enthusiasmar e commover por tudo que era bello e bom, ou lhe parecia assim! N'isto a sua intelligente physionomia, espiritual e aberta, retratava fidelissimamente o seu caracter.

Na sua alma havia, em grande relevo, o conhecimento e o gosto da arte. Não eram tão grandes que o absorvessem, mas eram bastantes para sobredoirar os seus actos, e imprimir a toda a sua vida uma forma superior e bella. O sentimento esthetico é um dos principaes factores da dignidade humana: um systema de vida é quasi sempre uma concepção regrada e harmoniosa, em que entram, por muito, a sensibilidade e a imaginação. Os

caracteres formados por este processo são os mais attrahentes; trazem em si o dom singular da irresistivel sympathia, e a sua bondade anda-lhes sempre á superficie n'uma effusão doce e captivante.

Por tudo isto a sua morte foi uma grande perda para a nação. Portugal não conta muitos homens assim. Um capital de tanta sabedoria, de tanta experiencia, de tanto credito moral não se reune facilmente . . .

Mas somos nós, os seus ajudantes, os seus companheiros de trabalho — enlutados ainda por outra morte que não esquece;[1] somos nós os que havemos de soffrer a sua falta mais profundamente e por mais tempo. Não podia ser melhor! Não era um chefe; era um amigo affectuoso, querido de todos. O seu conselho, sempre seguro e lucidissimo; a sua lealdade, absolutamente exemplar. Da cor-

[1] A do visconde de Sancta Monica.

poração a que presidiu formou uma familia unida no mesmo espirito, dominada pelo mesmo sentimento do dever, apertadamente ligada pela mais solida confiança, profissional e moral, que póde haver n'uma classe de homens publicos!

É por isto que, no desaffogo da minha saudade, e em nome d'essa corporação de que sou a parte mais obscura, venho agradecer-lhe rendidamente o que elle foi para nós, e dizer-lhe aqui o derradeiro adeus!

Descansa em paz, querido amigo. A terra da patria é sempre leve para os que bem a serviram. Quem sabe se a morte, arrebatando-te n'esta hora, foi boa e util para ti?!... Ninguem pode dizer o que será o dia de amanhã. Andam na atmosphera presagios de mal, não são bons os signaes do ceo... Tu acreditaste em Deus; e o melhor livro que existe no mundo diz que *são bemaventurados os que morrem em Deus*. São. Devem ser. Deante do

nada apparente, causado pela morte, a consciencia, n'uma contradição sublime, affirma a immortalidade; e se a immortalidade gloriosa e feliz existe—é decerto para os que, como tu, sentiram o bem, amaram a verdade, vibraram com a belleza das cousas e praticaram sempre a justiça! Descansa. Serás lembrado muitas vezes, porque foste bom e util. A tua memoria viverá sempre, no coração dos que te estimaram, entre cultos amoraveis de respeito e de saudade.

Adeus!

INDICE